



Suzana Carvalho Maia Vasconcelos Rodrigues

O dinheiro da mulher e suas implicações no casamento contemporâneo: uma visão feminina

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro
Março de 2008



Suzana Carvalho Maia Vasconcelos Rodrigues

O dinheiro da mulher e suas implicações no casamento contemporâneo: uma visão feminina

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº. Bernardo Jablonski
Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Miriam Goldenberg

Departamento de Antropologia Social - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Suzana Carvalho Maia Vasconcelos Rodrigues

Graduou-se em Ciências Sociais em 1998 e Psicologia Clínica em 2003 pela PUC-Rio. Desenvolveu junto ao departamento de Psicologia, como bolsista FAPERJ, pesquisa na área de família e casal. Participou de diversos congressos na área de Psicologia Cognitivo-Comportamental e atualmente concentra suas atividades em atendimento em consultório particular

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Suzana Carvalho Maia Vasconcelos

O dinheiro da mulher e suas implicações no casamento contemporâneo : uma visão feminina / Suzana Carvalho Maia Vasconcelos Rodrigues ; orientador: Bernardo Jablonski. – 2008.

107 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Dinheiro. 3. Trabalho remunerado feminino. 4. Casamento contemporâneo. 5. Relações de poder. 6. Comunicação conjugal. I. Jablonski, Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento Psicologia. III. Título.

CDD:150

Ao meu querido marido Rodrigo, com quem compartilho todo conhecimento adquirido da Psicologia e com quem estou sempre aprendendo sobre a arte de viver a dois.

AGRADECIMENTOS

À Bete, minha mãe, à Paula e ao Rafael, meus irmãos, à Lygia, minha avó, e ao fofíssimo Luquinha, meu sobrinho e afilhado, que sempre estão presentes em minha vida, incentivando cada novo passo, torcendo e sendo, extremamente, acolhedores.

Ao Bernardo Jablonski, meu professor e orientador, pelo seu bom humor inigualável, por seus comentários inteligentes e pertinentes, por todos os anos em que trabalhamos juntos e, principalmente, por tanta confiança.

À Andrea Seixas, professora da PUC-Rio, pelo carinho, apoio e troca de idéias, em um momento tão crucial para o andamento da pesquisa.

Às amigas Cristina, Sandra, Sônia, Priscilla, Vanessa, Ana Maria e Cecília, por nossos almoços super agradáveis e pelo precioso companheirismo ao longo desses dois anos de mestrado.

A todas as mulheres que compartilharam comigo suas experiências financeiras e conjugais, enriquecendo muito minha pesquisa.

À CAPES, pela credibilidade e financiamento deste trabalho.

À PUC-Rio, por fazer parte da minha história, há tantos anos, e ter contribuído imensamente para minha formação pessoal e profissional.

RESUMO

Rodrigues, Suzana Carvalho Maia Vasconcelos; Jablonski, Bernardo. **O dinheiro da mulher e suas implicações no casamento contemporâneo: uma visão feminina**. Rio de Janeiro, 2008. 107p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A inserção da mulher de classe média/alta no mercado de trabalho, sua busca por realização profissional e independência financeira transformaram, definitivamente, a antiga divisão sexual do trabalho. O dinheiro da mulher no casamento contemporâneo é um marco essencial nas mudanças que ocorreram nas relações afetivo-sexuais da segunda metade do século XX em diante. E é, por isso, que a análise das tomadas de decisão financeira de um casal pode-nos oferecer informações importantes sobre as relações de poder, desigualdade e manifestações de individualidade de cada um de seus membros. Especialmente, entre recém-casados, foco de nossa pesquisa, em que a formação dessa negociação acontece de formas diferentes, envolvendo valores aprendidos nas famílias de origem. Compreender a(s) consequência(s) de tais mudanças nos relacionamentos conjugais entre homens e mulheres é de fundamental importância para os avanços nos estudos sobre conjugalidade no Brasil, ainda carente de pesquisas específicas sobre dinheiro e casamento. A presente pesquisa trata do impacto do dinheiro da mulher no casamento contemporâneo e de como a construção das regras nas decisões financeiras são percebidas, vividas, definidas ou, mesmo, questionadas por ela. Para tal, realizamos um estudo exploratório com 12 mulheres recém-casadas ou “recém-morando junto”, entre seis meses e três anos de união, estando ambos os membros do casal em seus primeiros casamentos, trabalhando remuneradamente, sem filhos e pertencentes à classe média/alta carioca. Seus discursos revelaram que as mulheres reconhecem no trabalho remunerado a possibilidade de possuírem autonomia em suas decisões e de definirem e colocarem em prática hobbies e gostos pessoais. Além disso, a maioria de nossas entrevistadas se diz organizada com o próprio dinheiro, muitas vezes, sendo ela quem exerce o controle e o planejamento financeiro do casal. E de fato, sua autonomia em relação ao próprio dinheiro está mais ligada a assumir a sua administração, do que simplesmente ganhá-lo. Percebemos isso, pois apenas duas de nossas entrevistadas delegam aos maridos o gerenciamento do dinheiro, perdendo poder de barganha naquilo que consideram prioridades pessoais.

PALAVRAS-CHAVE

Dinheiro, trabalho remunerado feminino, casamento contemporâneo, relações de poder, comunicação conjugal

Abstract

Rodrigues, Suzana Carvalho Maia Vasconcelos; Jablonski, Bernardo. **The women's money and its implications for contemporary marriage: a female point of view**. Rio de Janeiro, 2008. 107p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The inserction of the middle and upper class woman into the labor market, her search for professional realization and financial independency definitely transformed the traditional work division among couples. The woman's money in the contemporary marriage is an essential mark that led to changes in the way couples live together since the half of the 20th century. And that's why an analysis of the financial decision making process in couples is so important to give us information about the power relations, differences and individual characteristics of regular wife and husband. Specially in a just-married couple, objective of our research, where the development and negotiation of these behaviors begins, taking into account each side's familiar values. To understand the consequence of these changes in the husband/wife relation is key to understand marriage itself. And that subject lacks of studies here in Brazil. This research aims to understand these woman's money impact in the contemporary marriage. How the couple defines its rules, how they are accepted and questioned upon. The method used consisted of an interview of twelve women that had recently got into living together with someone (from 6 months to 3 years), not necessarily through marriage. To be eligible for the interview both husband and wife had to be on their first marriage, both working, no kids and be part of the middle class or above. Their speeches revealed that women see the remunerated work a way of acquiring autonomy in their decisions and a possibility to develop personal hobbies. Besides that, the majority of the interviewed women says that she is organized with their own money, being, most of the times, her who controls and plans the finances of the couple. In fact, their autonomy is more linked to assume its planning than to simply earn it. That was noticed, since only two of the interviewed women delegate to their husbands the management of their money, what causes them to lose priority on how to decide the way money is going to be spent.

KEY-WORDS

Money, feminine remunerated work, contemporary marriage, power relations, couple communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DINHEIRO E CASAMENTO: UM BREVE HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS MUDANÇAS OCORRIDAS AO LONGO DO SÉC. XX.....	15
2.1 – Da família patriarcal à contemporânea: o atual difícil convívio de valores contraditórios.....	17
2.2 – Dinheiro, capitalismo, processo de individualização e divisão sexual do trabalho na sociedade pós-moderna: algumas reflexões.....	20
3. A CONDIÇÃO FEMININA E SUAS AMBIGÜIDADES	25
3.1 – Transformações no mundo público e privado	25
3.2 – Impasses atuais: como conciliar carreira e família?	29
4.“NEGOCIAÇÕES NOSSAS DE CADA DIA”	33
4.1 – Comunicação e satisfação conjugais	34
4.2 – Relações de poder e casamento	38
5. PESQUISA DE CAMPO	43
5.1 – Metodologia.....	45
5.1.1) Sujeitos	45
5.1.2) Cuidados éticos	46
5.1.3) Tipos de dados buscados	47
5.1.4) Forma de coleta de dados	47
5.1.5) Procedimento.....	47
5.1.6) Análise dos dados.....	48
5.2 – Análise dos resultados	49
5.2.1) Primeiras combinações da vida a dois: divisão das contas e decisões sobre supérfluos e necessidades do cotidiano	56
5.2.2) Administração financeira: conta conjunta ou separada? A mulher vê seu dinheiro como comum ou como próprio?	69
5.2.3) Significados atribuídos pela mulher ao seu dinheiro	75
5.2.4) Família de origem: valores e influências.....	80
5.2.5) Comunicação e relações de poder no casamento através do dinheiro: quais processos se produzem no casal para resolver as questões acima.....	86
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXO I: Ficha de cadastro dos participantes	103
ANEXO II: Roteiro das entrevistas	105
ANEXO III: Descrição dos sujeitos	106

“Our emotions evolved to handle concrete challenges to survival and social interaction; money is essential to survival, but our dealings with it are hardly straightforward.” (Psychology Today, March/April, 2007)

“Money is a taboo topic. ‘Class differences are among the most powerful differentiations in relationships’, says Linda Carroll, a relationship therapist in Corvallis, Oregon. ‘We’ re so sensitive to homophobia and racism, but we ignore classism. Most people haven’t explore their feelings about money’. As a result, when money affects relationships, it can be difficult for people to contend with negative feelings surrounding those changes – much less work through them.”

(Psychology Today, May/June, 2007)

1

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre dinheiro realizados no Brasil nos últimos anos tenderam – e, de certa forma, ainda tendem – a ficar mais concentrados em análises de profissionais da área de exatas, jornalismo e ciências sociais. Na literatura psicológica, podemos encontrar inúmeras pesquisas sobre consumo, globalização, sociedade pós-moderna, relações de poder, autoridade etc.; mas ainda nada muito específico sobre o dinheiro e sua influência em relacionamentos interpessoais mais íntimos, como o do casal ou da família, por exemplo. Isso instiga nossa curiosidade: afinal, o dinheiro é um assunto muito presente nessas relações, funcionando ora como recompensa, ora como punição. Quantos de nós já não sentiram demonstrações de afeto ou de autoridade motivados pelo dinheiro? Outro dado importante que comprova a relevância do estudo aparece na prática clínica, onde muitas queixas se mesclam à questão do dinheiro. Deste modo, dinheiro é um assunto que tem potencial para render muitas pesquisas com diferentes enfoques, merecendo a atenção da Psicologia no Brasil.

Além disso, ao acompanharmos o ranking dos livros mais vendidos em livrarias dos grandes centros urbanos, chamou-nos atenção um que se manteve algum tempo em primeiro lugar: “Casais felizes enriquecem juntos” (Cerbasi, 2004). Em entrevista à GNT, no programa Happy Hour do dia 4 de setembro de 2007, Cerbasi comentou que a idéia do livro surgiu a partir das correspondências recebidas por conta de seu primeiro livro “Dinheiro, os segredos de quem tem” (Cerbasi, 2002), em que as pessoas se queixavam muito de que não conseguiam colocar certas dicas em prática por causa de seus cônjuges. Claro que aqui não usamos esse exemplo para fazer qualquer tipo de propaganda do livro, até porque se caracteriza por um livro de auto-ajuda, mas é de suma importância observarmos em nosso contexto sócio-cultural as demandas da população. A cultura da auto-ajuda já existe há algum tempo. O que importa sinalizarmos é o aumento de livros de consultoria financeira voltados para a família e, principalmente, para o público feminino.

Por fim, a necessidade de desenvolver, no Brasil, estudos sobre dinheiro e casamento também é decorrente da existência de pesquisas internacionais que evidenciam a atualidade do tema na Europa e nos Estados Unidos. Encontramos autores espanhóis (Martínez, Díaz, Ibáñez & Dema, 2002), fazendo parte de um trabalho financiado pela Fundação Alemã de Pesquisa, que estuda o tema do processo de individualização no casamento através do dinheiro e que compara casais de quatro países diferentes: Alemanha, Espanha, EUA e Suécia. Uma outra autora muito citada em artigos sobre dinheiro e casamento é Coria (2005), que, inclusive, introduziu o questionamento da diferença entre independência financeira e autonomia da mulher¹.

Como forma de começar a explorar o assunto por algum viés, escolhemos a visão feminina sobre a forma de como as mulheres², mais especificamente as recém-casadas e sem filhos, percebem e negociam o seu dinheiro no casamento, já que concordamos com autores (Harris, 1981; Jablonski, 1998) que apontam o salário feminino como o grande marco da mudança na divisão sexual do trabalho no casamento contemporâneo. Por isso, pensamos que compreender o uso do dinheiro nessas relações seria tentar-nos aproximar de nuances pouco explícitas no discurso verbal, uma vez que as relações de poder geradas no manejo do dinheiro, muitas vezes, são invisíveis mesmo para aqueles que dizem conversar abertamente sobre o assunto. Ao falarmos de dinheiro, estamos, de fato, tratando de poder: seja de decisão, de subjugação, seja de ter em mãos uma moeda de troca injusta em muitas situações – capaz de gerar distorções e conflitos –, mas que também pode ser justa em tantas outras – por significar recompensa, apreço, afeto, preocupação, compreensão, independência, autonomia. O que torna o dinheiro tão eclético em seus significados, é o uso que se faz dele, sem dúvida.

Ora, se até na sabedoria popular “dinheiro é poder”, nossa questão é: o aumento da participação da mulher na vida financeira conjugal está promovendo uma maior igualdade nas decisões e negociações em casa? Será que isso está acontecendo, ou não? Segundo Coria (2005), a independência econômica feminina não, necessariamente, significou para as mulheres – ou pelo menos para

¹ Ver capítulo 5.

² Aqui, estamos nos referindo às mulheres de classe média/alta, pois o trabalho de mulheres de classe economicamente menos favorecida sempre existiu. Ver capítulo 3.

algumas delas – uma conquista por autonomia no casamento, pois muitas ainda delegam decisões do seu salário a seus maridos, devido a crenças e valores sociais de que os homens entendem melhor de dinheiro. Assim, para essa autora, a dominação masculina acaba se mantendo através do próprio comportamento feminino. Outra pesquisa que corrobora esse pensamento, realizada por Magalhães (1993), mostra que o destino do dinheiro da mulher ainda é, essencialmente, para atividades domésticas (serviços, vestuário e decoração) e o do homem, para o sustento e moradia da família (alimentação, educação e consumo).

Com base nesses estudos, a questão financeira parece funcionar como reflexo de valores presentes na formação dos casais. Este fundamento é o que pretendemos investigar.

2

DINHEIRO E CASAMENTO: UM BREVE HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS MUDANÇAS OCORRIDAS AO LONGO DO SÉC. XX.

Com o objetivo de compreender o impacto do dinheiro ganho pela mulher nas tomadas de decisão e exercício da sua individualidade dentro do casamento contemporâneo, consideramos importante dar início a essa discussão com um breve histórico das principais mudanças ocorridas no casamento ao longo do século XX.

A instituição do casamento e, conseqüentemente, a família brasileira – acompanhando as aceleradas mudanças ocorridas no Ocidente, de modo geral – vieram-se transformando de forma significativa ao longo do último século. Se compararmos o início do século XX ao início do século XXI, podemos observar que a família patriarcal, base de todas as culturas contemporâneas, veio sendo fortemente questionada. Segundo Castells (1999), esse questionamento é produto direto da conscientização feminina e da inserção da mulher no mercado de trabalho, o que trouxe mudanças significativas nos papéis feminino e masculino no interior de seus casamentos, modificando definitivamente a divisão sexual do trabalho. Alguns autores (Figueira, 1987; Nicolaci-da-Costa, 1985; Jablonski, 1998; Magalhães, 1993) chegam a considerar que essas mudanças foram as grandes responsáveis por ocasionarem o que eles chamam de “crise no casamento contemporâneo”, tendo em vista, dentre outros importantes fatores, o enorme número de divórcios e recasamentos nos dias atuais. Tal crise teria sido influenciada também pela coexistência de valores tradicionais e igualitários, que ora se contradizem, ora se complementam, tornando o debate – e a prática – do casamento contemporâneo no Brasil rico em ambiguidades e idiossincrasias. Muitas vezes, um discurso mais igualitário, cujo intuito seria tornar as relações entre homens e mulheres mais justa e em pé de igualdade nas possibilidades que a sociedade oferece dentro e fora do casamento, não se concretiza na prática, onde os velhos valores tradicionais acabam imperando. Além do que, o processo de individualização pelo qual a estrutura familiar veio passando também enfraqueceu, de certa forma, os laços de solidariedade da família mais extensa

(Ariès, 1978), não os excluindo completamente da vida do casal, mas os colocando com uma influência mais psicológica do que prática. (Fleck & Wagner, 2003).

De qualquer forma, hoje, existe uma variedade enorme de arranjos familiares e, segundo Goldenberg (2000), mais do que olhar para suas estruturas, é preciso compreender a formação e a manutenção do seu vínculo afetivo, pois o relacionamento conjugal na contemporaneidade se origina de um sentimento romântico, afetivo e individual, e não mais de uma necessidade de manutenção do patrimônio financeiro das famílias de origem. Hoje, a influência da família de origem se manifesta de forma mais subjetiva e emocional, e não tão direta como era antigamente; além de a escolha amorosa depender apenas dos indivíduos, o que acaba por colocar, exclusivamente em suas mãos, a manutenção do vínculo conjugal, que ainda possui expectativas de ser “eterno” ao se oficializar o casamento (Jablonski, 2005). Somado a tudo isso, existe também a influência da mídia, que, constantemente, faz apelos à sexualidade das pessoas, passando a idéia de que a paixão fugaz e proibida é muito mais interessante. Essa atmosfera de valores tão contraditórios traz muita ambiguidade de sentimentos e esse é mais um motivo pelo qual alguns autores percebem o casamento contemporâneo diante de uma grande crise. O maior desafio passou a ser equilibrar individualidade e conjugalidade, que se contrapõem em situações, às vezes, bem simples do cotidiano, principalmente, quando envolve dinheiro.

Contudo, o dinheiro é algo que deve ser compreendido dentro de suas mais variadas dimensões e complexidades, pois ao mesmo tempo em que depende de um contexto simbólico próprio – construído a partir de crenças, valores e comportamentos típicos de uma determinada época e circunstância –, também pode ser entendido como um elemento universal que potencializa a capacidade dos homens de produzir bens e gerar riquezas – na medida em que a própria noção de dinheiro pressupõe civilização e vice-versa, pois as civilizações costumam depender da existência do dinheiro, qualquer que seja sua representação, para existirem. Portanto, não podemos perder de vista o fato de que o dinheiro possui muitos significados: desde variações culturais e históricas até vivências subjetivas individuais.

Vejam os usos e significados que o dinheiro representou em cada modelo familiar existente no século XX: do patriarcal ao contemporâneo.

2.1

Da família patriarcal à contemporânea: o atual difícil convívio de valores contraditórios

No modelo patriarcal, os casamentos eram realizados por interesse em manter o patrimônio e o status da família. Portanto, eram os pais quem escolhiam os noivos das filhas, os quais na maioria das vezes pertenciam ao mesmo grupo – com casamentos entre primos ou outros parentes, por exemplo (Freyre, 1992). A família se formava dessa maneira: não limitada apenas aos pais e aos filhos, mas sim tendendo a integrar grandes grupos, que juntos constituiriam um sistema social por excelência com base na solidariedade entre os parentes, solidariedade esta que inibia a individualidade dos membros da família patriarcal. Para se manter, o sistema patriarcal produziu uma lógica própria de relação entre os gêneros, baseada em uma forte hierarquia, que parece excluir possibilidades de encontro e de afeto entre eles (Ramires, 1997): do homem era exigida toda a iniciativa econômica, cultural, social e sexual, e os outros membros se ligavam à ele de modo absolutamente passivo. O pai representava o princípio de unidade da propriedade, da moral, da autoridade, da hierarquia; enfim, de todos os valores que mantinham a tradição e o status da família. Nessas condições, as mulheres eram totalmente confinadas às tarefas domésticas, quase não tendo de se ausentar de casa para obter tudo de que precisavam. Elas mesmas produziam alimentos e vestimentas para o consumo doméstico, além do próprio comércio que procurava atender à família *in locus*. Desta forma, segundo Rocha-Coutinho (2007), “o provimento das necessidades dos membros da família estava nas mãos tanto de homens como de mulheres”, o que fazia com que as mulheres fossem tão responsáveis pela produção de alimento da família quanto os homens.

Com o desenvolvimento urbano e industrial, a família perdeu sua função produtiva, rompendo com a unidade casa-trabalho, diminuindo o poder patriarcal e desvalorizando o trabalho realizado pelas mulheres junto a seus maridos. É construído um novo tipo de organização familiar, uma ordem em que apenas a mãe, o pai e os filhos viveriam sob o mesmo teto – a família nuclear moderna –, e também em que o laço de dependência entre seus membros passou a ser o de respeito mútuo e de afeto, e não mais o imperativo da autoridade paterna. As regras tradicionais de comportamento vão-se modificando e dando espaço para o

desenvolvimento de laços de afeto entre os membros de uma mesma família. Os membros da família se aproximam, tendo o igualitarismo como o ideal regulador da ordem familiar, produzindo uma situação de aproximação até mesmo das formas de comportamento (Figueira, 1987)³.

Dentro de um contexto de modernização acelerada, legitimar formas de comportamento, que são contestadas e modificadas de uma geração para outra, torna mais difícil a construção de códigos plausíveis para os indivíduos, fazendo com que eles se utilizem, segundo Figueira (1987), ora de comportamentos tradicionais, ora de comportamentos modernos. Segundo Berger & Luckmann (1966), a legitimação de comportamentos sociais se faz, primeiramente, no plano da repetição diária de ações sempre muito próximas, diminuindo o leque de ações possíveis a cada indivíduo. Isto caracteriza a formação do hábito que cria tipos determinados de comportamentos a partir de ações cotidianas repetidas. De geração para geração, essas regras de comportamento vão sendo repassadas e estão livres para serem contestadas e modificadas. Isso, porém, vai acontecendo aos poucos com o somatório de todas as pequenas mudanças, fazendo nascer, depois de um tempo, novos padrões de comportamentos legitimados e interiorizados. O conflito de valores se acentuou desde que a linha vertical de hierarquia entre pais e filhos foi substituída por uma linha horizontal, a partir do que a igualdade é o novo mecanismo de organização estrutural da família moderna. Essa aproximação – expressa através da igualdade – se deu, principalmente, quando a mulher começou a se inserir no mercado de trabalho. As décadas de 60 e 70 representaram o período de maior luta das mulheres em obter uma posição mais autônoma em relação ao marido e aos filhos⁴.

Figueira (1987) usa o conceito de “modernização reflexiva” para compreender um típico comportamento que se instalou na sociedade moderna brasileira. Esse conceito se refere a uma mistura de valores modernos adotados de forma tradicional, paradoxalmente. Por mais que se queira fazer parte do mundo moderno e novo, acabamos por encará-lo como uma obrigação. Adotar a

³ Segundo Figueira (1987), na família hierárquica, uma mulher de 40 anos teria que ser diferente da filha, porque representava um papel de mãe, casada e mais velha. Já na família moderna, uma mulher de 40 anos se sente muito jovem e usa, por exemplo, as mesmas roupas que a filha, por gostar de ser e parecer moderna.

⁴ Reservamos um capítulo à parte para discutir a posição da mulher contemporânea diante desse conflito de valores (ver capítulo 3), inclusive, porque precisamos compreender se, realmente, a inserção no mercado de trabalho trouxe autonomia e/ou independência (Coria, 2005) (ver capítulo 5).

modernidade como imperativa e, com isso, uma negação radical do que seriam valores e comportamentos tradicionais é reproduzir a forma de expressão tradicionalista para novos valores. O conflito de valores é por ele analisado como uma contradição de comportamentos em consequência da enorme variedade de tipos que nos são apresentados. Para o autor, o verdadeiro sentido da modernização dos costumes seria a liberdade de escolha de qualquer tipo de comportamento, seja ele tradicional ou moderno.

No decorrer dos últimos 40 anos, a organização familiar se modificou bastante. Os novos arranjos familiares em muito diferem daquele modelo de família nuclear moderna. Quando as organizações familiares pós-modernas eram apenas alguns casos isolados de reorganização da família, a sociedade as via como famílias desestruturadas internamente, porém, na medida em que o divórcio foi se tornando um fator social recorrente, a partir da década de 70 e 80, e novas uniões foram sendo feitas, desfeitas e refeitas, não se pode dizer que não existam regras de convivência ou laços de dependência nestas famílias. Não é possível mais falar de um único modelo familiar – aquele importado da Europa (o da família nuclear) e adaptado às transformações sociais do Brasil –, uma vez que ele não condiz mais com a atual realidade ocidental como um todo.

Portanto, o casamento acaba sentindo, hoje, em seu cotidiano as pressões dessa multiplicidade de valores. De um lado, a sociedade cobra dos indivíduos o casamento e o exercício da parentalidade; por outro, exige, cada vez mais, agilidade em acompanhar todas essas aceleradas mudanças e redefinirem tais instituições. Escolher um caminho para se conviver com valores tradicionais e modernos dentro do mesmo leque de possibilidades torna-se muito conflitivo. As pessoas passaram a ter que conciliar tudo de uma vez só: a vida pessoal, a carreira profissional, o casamento e os filhos. E mais: tais mudanças foram sendo internalizadas por homens e mulheres, de forma que eles atribuem a si mesmos o êxito ou o fracasso dessa empreitada. Não são levadas em consideração mudanças sociais mais amplas, apenas responsabilidades individuais. Segundo Rocha-Coutinho (2001), “homens e mulheres acabam exigindo de si próprios que sejam múltiplos, verdadeiros super-heróis”.

“É assim que a organização social contemporânea tem apresentado às pessoas o desafio de integrar duas formas, excludentes e complementares ao mesmo tempo, de ser saudável na vida: criar vínculos afetivos significativos e ter autonomia nos relacionamentos.” (Rocha-Coutinho, 2001)

2.2

Dinheiro, capitalismo, processo de individualização e divisão sexual do trabalho na sociedade pós-moderna: algumas reflexões.

Segundo Rose & Orr (2007), o dinheiro é, provavelmente, o maior objeto de significados emocionais existente na vida contemporânea, influenciando uma variedade ainda maior de comportamentos. Por exemplo, os autores sugerem quatro dimensões de significados que podem nortear o estudo do uso que as pessoas fazem do dinheiro: a) sentido de realização: o dinheiro significando sucesso; b) de status: o dinheiro usado para impressionar as pessoas; c) de preocupação: dinheiro gerando ansiedade, incerteza; d) de segurança: influenciando a economia do dinheiro⁵.

Pilagallo (2000) concorda, descrevendo o dinheiro como uma “metáfora de uma coisa que no fundo significa outra coisa”. E quantas coisas o dinheiro pode significar! Este autor fala, em seu livro, a respeito dessas várias representações que o dinheiro teve ao longo da história da humanidade e suas diferenças de uso através dos tempos e nas mais diversas culturas. Segundo ele, o dinheiro não é apenas uma moeda, uma cédula ou um cheque – sendo essas apenas algumas formas de representá-lo, existindo inúmeras outras ao longo da história. Dinheiro, mesmo, é aquilo que ele pode comprar e aquilo que custou ganhá-lo. Independente da sua representação, ele sempre existiu como forma de intercâmbio e troca social. Neste sentido, faz parte de uma sociedade, assim como sua língua-mãe. Pilagallo (2000) faz uma interessante comparação entre as palavras e as moedas, dizendo que possuem algo em comum, pois dependem de um consenso e só circulam onde são conhecidas:

⁵ Ver capítulo 5.

“tanto as palavras como as moedas, quanto mais abundantes mais enriquecem uma sociedade. (...) Moedas são criadas para indicar valor e as letras para expressar idéias só fazem sentido apenas no contexto cultural onde estão inseridas.”⁶ (Pilagallo, 2000)

Desta forma, com o objetivo de contextualizar melhor o momento histórico que vivemos e compreender quais usos e significados o dinheiro assume no casamento contemporâneo, precisamos pontuar alguns aspectos importantes que dizem respeito ao processo de individualização presente na sociedade capitalista, base socio-econômica de toda cultura ocidental. Até porque, segundo Coria (2005), “reproduz-se na intimidade da relação a dois os condicionamentos econômicos, políticos e culturais do macrossistema social”. Nesse sentido, a autora afirma que o casal não é “receptor ingênuo e tampouco transmissor inócuo”.

O conceito de individualização é abordado de diferentes formas pelo senso comum e científico: ele é apontado ora como algo negativo que isola as pessoas umas das outras, que não promove senso de grupo e solidariedade, que se traduz como “cada um por si”; ora como algo positivo que permite uma maior autonomia, um pensamento mais livre, uma necessidade de se diferenciar do outro. Giddens, Beck & Lash (1997) introduzem uma importante discussão acerca do processo de individualização no mundo ocidental, que foi muito esclarecedora para pensarmos o tema de nossa pesquisa. Segundo eles, o processo de individualização, hoje, em uma sociedade pós-moderna, já é muito diferente daquele ocorrido no mundo ocidental a partir da industrialização. Atualmente, segundo os autores, individualização significa “desincorporação” dos modos de vida da sociedade industrial e “reincorporação” de outros modos novos, “em que os indivíduos devem produzir, representar e acomodar suas próprias biografias”. Mas a desincorporação e a reincorporação não ocorrem por acaso ou

⁶ Entendendo o dinheiro pelo ângulo da troca social, seja qual for sua representação, podemos introduzir ainda – a título de curiosidade – nesse caldeirão de significados, os de cunho religioso (Pilagallo, 2002), que também formam a base em que esses valores se ancoram. De acordo com o Cristianismo, por exemplo, de forte influência religiosa na sociedade brasileira, o dinheiro e a riqueza são vistos como objetos de repulsa, pois valoriza a pobreza e o desprendimento, o que de certa forma, é compartilhado por intelectuais, ao se colocarem contra a demonstração de luxo e gosto pelo dinheiro. O Judaísmo, por sua vez, valoriza o dinheiro como uma forma de estar em posição de evitar a violência e de resolver possíveis problemas futuros. Ter dinheiro bem ganho e morrer rico para o Judaísmo é considerado uma benção. Essas diferenças nos valores e preceitos religiosos marcam o uso que um povo fará do dinheiro ao longo da história daquela civilização.

individualmente – elas fazem parte de um processo histórico e cultural presente nas sociedades capitalistas.

Ainda de acordo com os autores,

“(...) na sociedade industrial clássica, as maneiras coletivas de viver podem ser compreendidas de uma forma que se assemelham às bonecas russas que se encaixam uma dentro da outra. A classe supõe a família nuclear, que presume os papéis dos sexos, que presume a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, que presume o casamento. (...) Até a definição empírico-operacional do conceito de classe faz uso da renda familiar, ou seja, a renda do ‘chefe da família’, uma expressão inclusiva, mas que, na prática, implica claramente características masculinas.”

Pensando nisso, naquela época, então, a participação das mulheres na renda familiar não seria levada em consideração na análise de classe, ou seja, apenas a renda do homem era avaliada.

Para Giddens, Beck & Lash (1997), individualização significa a “desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a compulsão para encontrar e inventar novas certezas para si e para os outros”. A individualização e a globalização são, para eles, dois lados do mesmo processo de modernização reflexiva e, com eles, esse termo assume um significado diferente do conceito colocado por Figueira (1987)⁷. Não consideram a individualização um processo que se baseia na livre decisão dos indivíduos, mas sim na “compulsão pela fabricação, [n]o autoprojeto e [n]a auto-representação, não apenas da própria biografia, mas também de seus compromissos e articulações com o trabalho e a sociedade mais ampla”. Mesmo as tradições do casamento e da família estão se tornando dependentes de processos decisórios, de escolhas, e todas as suas contradições e conflitos devem ser experimentados como riscos reais. Por isso individualização significa que a biografia padronizada, aquela determinada, estratificada, com fortes laços de dependência, dá lugar a uma biografia escolhida, do tipo “faça-você-mesmo” ou, como diz Giddens (1997), uma “biografia reflexiva”. Nesse sentido, o dinheiro que a mulher ganha e traz para casa permite a ela reinventar sua individualidade e escolher quais caminhos profissionais e pessoais quer para si. Independentemente, se é o homem ou a mulher, na sociedade atual, pós-moderna, o pensamento, o querer, a vontade fazem parte de

⁷ Ver páginas 14 e 15.

um processo de individualidade, que pertence a esse indivíduo, autônomo e com espaço para “recriar” seu caminho.

Anteriormente, as regras do casamento, os deveres da maternidade e assim por diante, certamente, reduziam o espectro de ação de homens e mulheres, principalmente o das mulheres, mas também obrigavam e forçavam os indivíduos a ficarem juntos. Em contraste com isso, hoje em dia, não há um único modelo, e sim vários, inclusive aqueles que ainda esperam que as mulheres construam e mantenham carreiras educacionais e profissionais próprias para mulheres,

“porque do contrário enfrentarão a ruína em caso de divórcio e permanecerão dependentes do dinheiro do marido dentro do casamento – com todas as outras dependências simbólicas e reais que isso lhe traz. (...) Esses novos modelos não consolidam a união das pessoas, mas a dissolvem e multiplicam. Assim, forçam todo homem e mulher, tanto dentro como fora do casamento, a operar e persistir como agente individual e planejador de sua própria biografia.” (Giddens, Beck & Lash, 1997)

Construir a própria biografia só funciona dentro de uma lógica que tem na igualdade o seu valor fundamental. Segundo Baudrillard (1981), é o mito da igualdade que carrega em si a força ideológica da noção de felicidade. Buscar a felicidade para Baudrillard (1981), o mesmo que “reincorporar” novos modos de ser nas palavras de Giddens (1997), não surge a partir de uma inclinação natural de cada indivíduo para realizar por si mesmo, mas sim de um movimento ideológico construído e historicamente ancorado na igualdade como valor fundamental.

Tendo esta meta, a era pós-industrial construiu uma forma de pensar a felicidade através de signos visíveis, pois, diante de um valor que pressupõe igualdade, o indivíduo pode se diferenciar e reconhecer sua felicidade através do conforto e de objetivos mensuráveis. Isso constrói a sociedade de consumo, onde todos são iguais perante o uso dos objetos e dos bens, porém desiguais no acesso e no valor de troca. Constrói-se a lógica do ter, do demonstrar visualmente o sucesso, a conquista, a felicidade. Com acesso à tecnologia, o consumo do novo passa a imperar e, cada vez mais, valores como esses vão permeando as relações humanas e construindo um sentido de felicidade típico da época e da cultura ocidental do século XXI.

“[Para] que a felicidade ostente, à primeira vista, sementes quanto ao respectivo conteúdo para ser o veículo do mito igualitário, é preciso que a felicidade seja mensurável. Importa que se trate do bem-estar mensurável por objetivos e signos do ‘conforto’. Deve significar-se sempre em critérios visíveis”. (Baudrillard, 1981)

3

A CONDIÇÃO FEMININA E SUAS AMBIGÜIDADES

3.1

Transformações nos âmbitos público e privado

Em retrospectiva, a posição da mulher ao longo da História da Humanidade pode ser considerada pela mulher contemporânea, um verdadeiro absurdo, uma injustiça; haja vista que, na maioria das vezes, ela esteve em posição inferior ao homem, ora considerada propriedade dele, ora um ser que só seria amável e respeitável se fosse passiva e submissa. Mas a mulher conquistou seu espaço e fincou raízes irreversíveis no que diz respeito à condição feminina. Para tanto, levou, literalmente, séculos, mas, finalmente, alcançou sua independência afetivo-sexual, social, política, produtiva e, principalmente, econômica⁸.

O século XX foi marcante nesse processo, pois trouxe muitas mudanças para a sociedade ocidental, ainda que alguns autores se refiram a tais mudanças como responsáveis pela grande crise que se instalou no casamento e na família. Essa crise, mencionada no capítulo anterior, teria sido causada por alguns acontecimentos, tais como:

“a diminuição da religiosidade, o advento de anticoncepcionais, uma conseqüente maior separação entre maternidade e sexualidade, o próprio movimento de emancipação feminina, os avanços tecnológicos e, até mesmo, o advento da psicologia no entendimento desses fenômenos e na contribuição para a valorização da busca individual por bem-estar.” (Jablonski, 1998)

Portanto, não podemos falar apenas da emancipação feminina sem abordarmos todos os aspectos a ela ligados. Por mais que alguns autores considerem, de fato, o aspecto econômico o maior responsável pela mudança definitiva da condição da mulher na sociedade, existiram outros pontos que acompanharam essa mudança concomitantemente e que contribuíram para formar uma atmosfera propícia. Estamos nos referindo à sexualidade e à maternidade. Não nos aprofundaremos no detalhamento da evolução dessas mudanças, mas

⁸ Vale lembrar que a referência continua sendo a mulher de classe média/alta.

consideramos importante abordá-las, uma vez que um dos grandes conflitos da mulher atual é conciliar maternidade, profissão e vida sexual ativa.

Segundo Badinter (1985), Freud teve grande peso dentro do universo das discussões do início do século XX, tanto no campo da maternidade, quanto no da sexualidade. No caso da maternidade, existiam, naquela época, valores de que, para a mulher ser boa mãe, era preferível que ela tivesse experimentado, em sua infância, uma evolução sexual e psicológica satisfatória junto de uma mãe também relativamente equilibrada. Freud, várias vezes, se negou a dar conselhos aos pais, argumentando que toda educação resultava em um fracasso, como indica Badinter (1985). Porém, depois da 2ª Guerra Mundial, vários de seus discípulos esqueceram a advertência, traçando o retrato da “boa mãe”, já que seus maridos ficavam muito tempo ausentes de casa e, muitas vezes, nem voltavam da guerra. Então, eles davam conselhos às mulheres em livros escritos especialmente para elas ou em veículos de comunicação de grande difusão. A partir de então, não se parou mais de falar sobre o devotamento materno, agora revestido de culpa se não cumpridas todas as responsabilidades.

O próprio sentimento de infância a partir do início do século XX foi redefinido. Anteriormente a isso, não havia espaço para a intimidade familiar e a afetividade, uma vez que a casa se estendia ao mundo público, era repleta de gente morando em seu interior e nela aconteciam negociações políticas e produtivas. Segundo Ariès (1978), só mais tarde, com a separação da escola, da fábrica e da diminuição de pessoas na família, que se iniciou a mudança efetiva. Importante destacar que, recentemente, uma revisão histórica sobre a família (Cooper, 1999) veio comprovar a existência de afetividade desde a Era Medieval, ao menos na Itália. Esses estudos indicam que, mesmo Áries, admitiu que suas publicações anteriores, datadas de 1978, eram muito radicais, ao dizer que o sentimento de infância e o afeto não existiam naquela época. De qualquer modo, com ou sem espaço, a afetividade era vivida de modo diferente do que é hoje.

Segundo Costa (1979), nos anos 30 e 40 do século XX, ao mesmo tempo em que se falava muito do devotamento e do aleitamento materno, acreditava-se que as mulheres não necessitavam de informações sobre sexo, por exemplo. Já nos anos 50, o comportamento sexual feminino era “desculpado” Silva (1989), caso fosse fruto de um grande amor. Entretanto, como alerta Silva (1989), o amor

para as mulheres passou a ser, na realidade, uma forma ainda mais sutil de repressão, pois a busca do prazer pelo prazer a ela não era permitida, apenas a busca do amor, que, provavelmente, deveria fazer parte de “uma linda história com final feliz” (Jablonski, 1998). Mesmo a mulher atual que já tenha sua independência derivada do trabalho remunerado e que, com isso, tenha adquirido possibilidade de decisão da sua própria vida, ainda, é pressionada – nem que seja de uma forma bastante camuflada – a abrir mão de uma sexualidade que busca o prazer e de uma vida independente, em prol de uma antiga escolha: o lar e a família.

Para uma boa estrutura familiar, acreditava-se que, quanto mais tarde as mulheres tomassem consciência do seu desejo, melhor seria, porque, somente assim, se tornaria possível controlar uma gravidez indesejada e aumentar as chances de um bom casamento. Porém, ao mesmo tempo em que as mulheres teriam de se comportar desse jeito, deveriam também ser sedutoras e estar sempre bonitas para atraírem os homens. Ainda hoje, encontram-se atitudes como esta, não só por parte do que os homens pensam das mulheres, mas também do que muitas mulheres pensam sobre si mesmas. Atualmente, como aponta Goldenberg (2000), pode-se falar abertamente sobre sexo, mas, se a mulher pretende arranjar um namorado sério, ou mesmo um marido, a sociedade ainda espera que ela transmita um ar de pouca experiência sexual. A partir disso, é possível pensar em um conjunto de regras determinadas socialmente, que vão desenhando o contorno do certo e do errado nas relações entre os gêneros.

Nas décadas de 60 e 70, as mulheres começam a entrar para o mercado de trabalho, aumentando progressivamente a valorização do trabalho remunerado feminino. Em contrapartida, passa a repercutir nos meios de comunicação a idéia de que a mulher deve abrir mão de alguns anos da sua carreira profissional para construir uma família. Isso causou a resistência de várias mulheres, que acabaram por formar uma militância feminista em prol do direito de escolha pelos rumos da própria vida. Interferiram na mídia, fazendo com que a maior parte de seus veículos de massa mudasse o tom das idéias divulgadas⁹ e, assim, fizeram com que outras mulheres tomassem consciência do constrangimento do papel materno que lhes era imposto. Nascia, então, um novo vetor: o discurso do movimento

⁹ O ideal de uma boa mulher estaria, até então, ligado ao ideal da boa mãe. Ser aceita pela sociedade significava ser uma boa mãe dentro de casa.

feminista que visava desconstruir o imaginário moral que colocava a mulher em uma posição de mãe passiva e submissa aos filhos e ao marido (Badinter, 1985). Essa luta pelos direitos de escolha das mulheres tinha como uma de suas bases fundamentais a reivindicação de valorização das características femininas e a pretensão de circunscrevê-las, descobrindo a existência de um inconsciente feminino. Queriam salvar as diferenças, reivindicando igualdade, com o slogan: “A igualdade na diferença” (Badinter, 1985).

Nessa época, no Brasil, as revistas femininas também começavam a modificar o conteúdo de suas matérias, que, até então, estavam sempre muito voltadas para assuntos de culinária, decoração, beleza, moda, corte e costura. Segundo Goldenberg e Toscano (1992), é digno de nota o trabalho exercido por uma jornalista chamada Carmem da Silva, que respondia a cartas de leitoras da revista Cláudia, contando suas insatisfações sexuais e conjugais. Carmem as estimulava a procurar um trabalho remunerado, enfrentar desafios e não aceitar a posição de serviçal do marido e dos filhos. A sexualidade estava em voga. Segundo Silva (1989), as intenções de amor e sexo de homens e mulheres se tornaram muito variadas. As pessoas passaram a se procurar por satisfação de necessidades de prazer, afeto, erotismo, amor, descarga de tensão, carinho, orgasmo, obrigações conjugais, desejo de agradar, de demonstrar poder, de submissão e, até mesmo, de reprodução. Do sexo reprodutivo, o paradigma mudou para o sexo com prazer, na busca de homens e mulheres por relações afetivas. A segunda metade do século XX inaugura, então, uma época onde casamento, amor e prazer podem estar juntos no mesmo contexto.

No entanto, no mundo privado, homens e mulheres vivenciam essas mudanças de modos bastante diferentes. Em certo sentido, o desejo do homem, desde o período patriarcal, sempre foi considerado como instintivo e “necessitado” de ser descarregado. Além disso, esse instinto não seria direcionado para a esposa, considerada mulher de respeito, que não poderia ser “contaminada” pela idéia de um sexo imoral, cheio de prazer. Para os homens, isso gerou uma enorme cobrança, pois acabou causando um certo aprisionamento, segundo Goldenberg (2000), por eles terem que estar disponíveis sempre que alguma mulher quisesse. Para as mulheres, a crença em seu desinteresse por sexo, típica do final do século XIX, parece ter invadido o século XX – e, de certa forma, ainda permanecido no imaginário social no início do século XXI. A preocupação no

início do século XX era com a futura mãe, porque a maternidade que definia a natureza da mulher. Badinter (1985) ressalta o quanto essa figura materna ficou associada ao feminino ao longo de todas essas mudanças.

Após o advento da pílula anticoncepcional, durante os anos 70, a sociedade passaria a exigir da mulher uma postura mais sexualizada. No entanto, padrões de comportamento não mudam radicalmente de uma hora para a outra. Experimentam-se muitos sentimentos contraditórios em relação à sexualidade feminina e uma pressão, ainda maior, para os homens terem um bom desempenho e agradarem mulheres que agora podiam sentir prazer. Desta forma, ainda que Hunt (1974) aponte para mudanças no relacionamento conjugal, dizendo que o sexo veio se tornando mais igualitário, com os maridos mais preocupados com a satisfação de suas esposas, com as mulheres mais participantes, com ambos os parceiros mais livres em termos de carícias preliminares ou de posições durante o ato, na prática, ainda, encontramos muitos comportamentos diferentes destes.

A mudança definitiva da postura da mulher no mundo público, por sua entrada no mercado de trabalho, promete experimentar ainda significativas transformações no mundo privado. Muito mudou nas relações afetivo-sexuais e uma série de novos desejos e exigências surgiram, em função de sua independência econômica (Goldenberg, 2000). Contudo, os papéis sexuais não estão plenamente redefinidos. A mulher se encontra em um momento particularmente difícil, “pois não quer mais ser submissa, passiva e assexuada, e também não é ainda a mulher livre tão divulgada em novelas e filmes” (Jablonski, 1998); e o homem, por sua vez, está vivendo o que muitos autores chamam de “crise masculina”, porque ele guarda os resquícios do machão tão conhecido na história da civilização e, ao mesmo tempo, quer descobrir uma maneira eficaz de se relacionar com o ex-“sexo frágil” (Ramos, 2000).

3.2

Impasse atual: como conciliar carreira e família?

A tentativa de conciliar carreira e família tem sido o impasse número um na lista de preocupações femininas atuais. Com o ingresso da mulher em atividades remuneradas, mesmo que algumas trabalhem em casa, a divisão sexual do trabalho mudou definitivamente. Hoje, a maior parte dos lares é sustentada por

ambos os membros de um casal e, com isso, o tempo reservado às tarefas domésticas diminuiu muito, mesmo que sejam realizadas essencialmente pelas mulheres, como comprovam recentes estudos. Jablonski (2007), em pesquisa sobre o assunto, confirmou que, embora os homens relatem uma efetiva participação, a maior parte das responsabilidades da casa e dos filhos, ainda é, das mulheres. Os pais possuem, na verdade, uma função colaborativa, coadjuvante, definida quase sempre pelas mulheres como uma ajuda, explica Jablonski (2007).

Conforme discutido anteriormente, no capítulo 2, hoje existe uma enorme variedade de estruturas familiares e devemos levar tudo isso em consideração. Nos principais centros urbanos do mundo ocidental, encontramos: famílias com pai e mãe trabalhando fora; com pai e/ou mãe estando no segundo casamento e já tendo filhos do primeiro; casais homossexuais; relações monoparentais, apenas com a mãe ou o pai; casais que não têm filhos, por opção ou não; etc. Enfim, independente do arranjo familiar encontrado, parece existir ainda uma crença tanto de homens, quanto de mulheres – de que a mulher é a responsável principal pelas tarefas domésticas e o homem, pelo sustento da família. Até porque, na mesma pesquisa citada acima, as próprias mulheres expressam assumir mais intensamente essas tarefas. Os homens possuem uma participação maior no cuidado com os filhos do que possuíam há décadas atrás e, na visão deles, fazem muito mais do que suas mulheres relatam. Elas, por sua vez, ainda que recebam ajuda, sentem-se sobrecarregadas. Jablonski (2007) usa o conceito de atribuição de causalidade (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000) para explicar essa diferença no discurso de ambos, pois, na hora de avaliar as próprias ações, a tendência é percebê-las de uma maneira diferente de quando avaliamos as dos outros, valorizando seu esforço próprio e desqualificando o do outro, ou seja, a pessoa sempre faz mais e o outro faz menos do que deveriam fazer.

O conflito está no fato de que a maioria das mulheres almeja suas carreiras e as percebe como realização e satisfação pessoal. É essa atmosfera criada pelo mundo do trabalho, onde as mulheres precisam conciliar o sucesso em três âmbitos distintos – casa, filhos e profissão –, que tem se tornado um desafio para muitas delas e, conseqüentemente, para muitos casais. De modo geral, ainda é a mulher quem vai abrir mão do seu trabalho, em prol da família e da carreira do marido, ou vai precisar diminuir o ritmo, para conciliar os cuidados com bebês pequenos e trabalho, ou cuidar do filho doente a noite inteira e não deixar cair o

rendimento do trabalho no dia seguinte. Enquanto isso, os homens seguem sua rotina de trabalho normalmente, oferecendo alguma ajuda a mais em casa, nada ainda suficientemente significativo, para que a condição feminina possa assumir novos contornos em relação a essas obrigações (Perlin & Diniz, 2005).

Nesse sentido, uma pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha, Canzian (2007) indica que os homens acabam pagando a maior parte das contas da casa, como uma espécie de compensação da sobrecarga de afazeres das mulheres. Nessa pesquisa, 49% dos homens disseram arcar com a maior parte das despesas da casa, o que, entre as mulheres, cai para 29%. Na faixa dos 26 aos 40 anos, sobe para 55% a porcentagem de homens com essa responsabilidade financeira. Segundo a pesquisa, quanto mais velhos os filhos vão ficando, mais o homem se desculpa da falta de cuidados diretos com eles, explicando o excesso de trabalho devido à necessidade de suprir financeiramente a casa. Sendo assim, o homem justifica sua ausência e se apropria de uma função única, que se pretende desgastante o suficiente para comprovar o sacrifício que ele faz, diante da sobrecarga da sua mulher. Portanto, segundo a pesquisa, o investimento financeiro fica com o homem e o investimento emocional, educacional e “preocupacional”, com a mulher.

A falta de igualdade na divisão das tarefas domésticas e nas oportunidades de trabalho tem colocado a mulher contemporânea em uma posição realmente estressante. Segundo Rocha-Coutinho (2001) “parece que homens e mulheres, hoje, multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades”, o que pode influenciar negativamente a satisfação conjugal. Baseando-se nessa idéia, Perlin & Diniz (2005) conduziram uma pesquisa na Universidade de Brasília, que mediria a satisfação conjugal em casais de dupla-carreira¹⁰. As reflexões sugeridas pelo estudo dizem respeito à existência de uma consciência de ambos os membros do casal da difícil meta – principalmente, por parte da mulher – de conciliar tudo isso, mas ressaltam que essa consciência não significa que, na prática, as coisas estejam mudando. Mesmo assim, as autoras afirmam que esses casais parecem buscar estratégias para serem bem sucedidos em suas escolhas. Esse estudo comprovou que o discurso mais igualitário dos homens não se concretiza na prática do cotidiano dos casais, mas que também as

¹⁰ Outras pesquisas sobre casais de dupla-carreira, quando homem e mulher desempenham carreiras profissionais no mercado de trabalho, podem ser encontradas em Monteiro (2001).

próprias mulheres não deixam espaço para que eles, realmente, assumam essas responsabilidades. No entanto, Perlin & Diniz (2005) descartam as idéias de falência da relação conjugal e de crise, argumentando que o casamento pode estar passando, simplesmente por um processo de transformação em sua função e significado. Afinal, os casais entrevistados por elas demonstraram buscar soluções para essa realidade.

A exigência de uma “super-mulher” que dê conta de tudo e não reclame de nada permeia o imaginário social como um todo, tanto por parte das mulheres, quanto dos homens. Muitas vezes, é a própria mulher quem exige de si mesma “super-poderes” (Féres-Carneiro, 1998, 2001; Rocha-Coutinho, 2001; dentre outros). Podemos pensar, então, que, no casamento contemporâneo, parece existir uma vontade de encontrar soluções mais práticas para essas questões, além de uma compreensão masculina presente no discurso de muitos homens, mas nada ainda muito concreto na prática.

4

“NEGOCIAÇÕES NOSSAS DE CADA DIA”

Toda interação humana envolve habilidade de afetar e ser afetado pelo comportamento do outro. Essa é uma característica social básica do ser humano que revela o fenômeno inconsciente de que todos nós temos de controlar e sermos controlados. O poder de controle, portanto, é relacional e é aprendido ao longo da vida nas mais variadas situações. Conscientes ou não do poder que exercemos uns sobre os outros, vivemos influenciando e sendo influenciados e aprendemos, com o tempo, algumas estratégias de controle que são mais eficazes do que outras na tentativa de obter aquilo que desejamos. Por estratégias de controle, entendemos “as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000). Nessas interações, uma das conseqüências pode ser a subjetiva satisfação experimentada pelas pessoas envolvidas no relacionamento e, para Corrales (1975), talvez não haja conseqüências mais reais do que no relacionamento conjugal. Na visão desse autor, o casamento na sociedade ocidental é a via pela qual a maioria das pessoas espera se satisfazer emocionalmente.

De maneira geral, o processo de negociação é problemático para todos os casais, mas pode ser, especialmente, mais difícil para casais novos, que trazem seus valores e vivências de suas famílias de origem e precisam criar novas regras, para aquele terceiro núcleo que se forma. Corrales (1975) aponta para o fato de que é um período crucial do entendimento da felicidade conjugal, porque, ao mesmo tempo em que muitos casais falam sobre o alto grau de satisfação no início da vida a dois, muitos outros também se divorciam nessa época. Negociar decisões, persuadir, influenciar, comunicar frustrações são habilidades importantes na medição da satisfação conjugal.

4.1

Comunicação e satisfação conjugais

De acordo com McGoldrick (1995), o casamento requer que as duas pessoas renegociem juntas uma série de questões que definiram previamente para si em termos individuais ou que foram definidas por suas famílias de origem. Algumas questões são bem práticas e dizem respeito ao cotidiano, outras são de ordem afetiva e envolvem tradições, rituais e expectativas aprendidas nas famílias de origem de cada cônjuge. Cada membro do casal traz consigo valores, crenças, comportamentos e sentimentos vividos em suas primeiras relações afetivas, quando crianças. Por isso, segundo Andolfi (2002), é muito importante, para conhecer um casal e compreender a dinâmica de seu relacionamento, identificar seu contexto social e suas relações significativas com as famílias de origem. Afinal, considerar apenas o casal seria partir do princípio de que o indivíduo só pertence a um sistema até o momento do casamento.

Bowen (1998) também compartilha dessa visão, ao mencionar que tanto a herança, quanto a experiência, estão na base dos comportamentos e das capacidades que cada pessoa traz para dentro do casamento. Em estudos experimentais (Kelly & Conley, 1989, citados por Andolfi, 2002), resultados apontam para a estabilidade psicológica e a proximidade afetiva experimentada em suas famílias de origem como influentes no grau de satisfação da relação conjugal. O autor ainda comenta sobre outros estudos (Wambolt, 1989, citado por Andolfi, 2002), que destacam a satisfação dos parceiros estando ligadas ao grau de expressividade comunicativa que possuem no interior de suas famílias de origem.

Segundo Pincus & Dare (1981), os casamentos variam muito, mas o grau de satisfação que os casais procuram e a estabilidade que eles podem alcançar “dependem, paradoxalmente, da flexibilidade com a qual cada um responde às suas mútuas e variadas necessidades”. É, por isso, que Nichilo (1995) nos chama a atenção para a existência de dois casamentos em toda união conjugal: o casamento dele e o dela, que, nem sempre, são coincidentes. As expectativas e necessidades de cada um são experiências vividas e trazidas de longa data (de suas famílias de origem, como mencionamos acima) e, diante dessas expectativas, cada um vivencia aquilo que percebe da relação. Para Pincus & Dare (1981), toda relação

entre duas pessoas, sejam elas amigas, colegas de trabalho, parentes etc., envolve expectativas, sendo o casamento o campo mais fértil, onde tais expectativas são mais intensas em relação ao outro. Segundo Laing (citado por Pincus, 1981), “cada parceiro luta para encontrar no outro, ou induz o outro a tornar-se a própria incorporação daquele, cuja cooperação é requerida como um complemento de identidade que ele se sente compelido a sustentar”.

No trecho:

“Eu tentarei ser algumas das coisas mais importantes que você quer de mim, ainda que algumas delas sejam impossíveis, contraditórias e loucas, desde que você seja para mim algumas das coisas impossíveis, contraditórias e loucas que eu quero que você seja. Não precisamos contar um ao outro o que estas coisas são, mas ficaremos zangados, aborrecidos ou deprimidos se não formos fiéis a isso”,

Pincus & Dare (1981) traduzem de maneira brilhante o grau de insatisfação que um casal pode sentir com aquilo que fica mais invisível das expectativas de um em relação ao outro, e o conflito que pode ser gerado, sem, nem ao menos, o outro saber por quê. E, ainda, se o padrão de interação do casal é disfuncional, revelar os próprios medos e vazios equivale a manifestar vulnerabilidade. Com isso, muitos casais tendem a evitar cronicamente as tensões (Nichilo, 1995) e, a fim de manter o “mito da concordância”, de acordo com Satir (1980), as pessoas buscam aumentar sua auto-estima no casamento através da negação da diferença, o que pode gerar graves distorções na comunicação.

Existe uma tendência, observada por McGoldrick (1995), dos relacionamentos conjugais, ao longo do tempo, aumentarem a interdependência de seus membros e estes começarem a interpretar, cada vez mais, situações de suas vidas como questões de dentro do casamento. Por exemplo, durante o namoro, se um parceiro fica deprimido, o outro possivelmente não tomará para si a responsabilidade por isso e considera várias outras possíveis causas, o que permite uma posição mais apoiadora e empática. Depois de vários anos de casamento, entretanto, esse parceiro tem uma tendência muito maior de considerar as reações emocionais do outro como um reflexo de suas ações e de sentir-se responsável pela depressão do outro. Uma vez que cada um começa a assumir a responsabilidade pelos sentimentos do outro, a tendência é de que, cada vez mais, áreas do relacionamento fiquem cheias de tensão. Com o passar do tempo, eles evitarão

lidar com mais e mais áreas. Neste caso, menos flexibilidade existirá no casamento e a comunicação do casal ficará difícil nas áreas emocionalmente carregadas. Ainda, segundo a autora, o conteúdo da comunicação pode ficar totalmente camuflado pela necessidade de ambos os parceiros validarem a si mesmos através do outro. Isso pode acabar no absurdo dos membros de um casal passarem o tempo todo fazendo coisas que nenhum deles quer fazer, por pensar que o outro quer que ele faça aquilo daquela maneira.

À luz da teoria de Bowen (1998), um critério forte para a identificação da saúde da família é o conceito de diferenciação do eu. Bowen (1998) é um dos primeiros autores a falar de fusão–diferenciação, chamando a atenção para a associação amorosa como o tipo de relação, em que o sentimento vivido nas primeiras estruturas familiares é reatualizado intensamente e ainda mais reforçado com o nascimento dos filhos. Bowen (1998) preocupa-se em observar e compreender as formas de interação da família e não entendê-las, simplesmente, como uma questão de ação e reação. Ele introduz um novo olhar sobre o sistema: o olhar da interação. Para o autor, a família é um sistema que segue as mesmas leis dos sistemas naturais: toda vez em que há mudanças de posições no interior da família, existe um período de disfuncionalidade, um momento de rupturas. Sua busca seria pelo restabelecimento do relacionamento da família: daí a importância que também atribui à questão da comunicação.

Estudos nessa área (Allen & cols., 2001), comparando o grau de satisfação de casais casados pela primeira vez e recasados, observaram diferenças na comunicação conjugal. Os casais recasados destacavam mais direitos iguais em suas novas uniões do que em seus primeiros casamentos. Em especial, as mulheres exigiam e desejavam maior autonomia. Esta busca por autonomia pode estar ligada ao fato de a maioria das mulheres, nessa fase da vida, trabalhar e ser independente financeiramente de seus segundos maridos. Contudo, os autores argumentam que não significa que os casais casados pela primeira vez prezem menos pela autonomia, mas que os que se casam novamente passam a valorizar determinados pontos, provavelmente, falhos em seus primeiros casamentos. Além disso, suas experiências de comunicação com o outro talvez não tenham sido muito boas em suas primeiras relações. A busca por autonomia em recasados, não necessariamente, teve relação com o aumento da comunicação. Pelo contrário, os resultados da referida pesquisa apontaram para uma maior esquiva de conversas

sobre a relação em casais recasados, provavelmente, por ter havido muitas falhas na comunicação em suas primeiras relações. “Discutir a relação”, como é falado no senso comum, nem sempre, quer dizer que os membros de um casal estejam sendo claros e assertivos naquilo que querem melhorar no relacionamento.

Para Watzlawick, Beavin & Jackson (1976), toda comunicação humana – não só a verbal, mas a não-verbal também – é considerada um comportamento. Toda comunicação afeta o comportamento do outro e todo comportamento do outro afeta a comunicação. Para compreendermos a dinâmica de uma relação, então, precisamos entender qual é a função de sua comunicação. O foco de seus estudos está na relação emissor-receptor mediada pela comunicação. Os autores observam que, sempre que um “por quê?” de um padrão de comunicação permanece sem resposta ou obscuro para o observador, a melhor pergunta a se fazer é “para quê?”. Esse objetivo de buscar a função, de buscar o que está alimentando determinado padrão disfuncional de comunicação, é valioso para a compreensão de uma interação. Segundo Satir (1980),

“os seres humanos não seriam capazes de sobreviver sem se comunicar, pois, desde que nascemos, aprendemos a classificar os objetos; temos necessidade de descobrir coisas novas acerca das outras pessoas e acerca da natureza dos relacionamentos; de descobrir quais são os modos aprovados de agir socialmente, ou os modos esperados por outros; qual tipo de comportamentos poderá agradar ou desagradar e por que outras pessoas reagem de uma determinada maneira etc.”

Enfim, estamos o tempo todo buscando compreender as interações humanas, ora solicitando respostas verbais, ora observando comportamentos não-verbais, e o que fica mais visível e palpável das interações é, sem dúvida, a comunicação.

Pelo que vimos no capítulo anterior, a ascensão no status feminino está fortemente correlacionada à instabilidade conjugal¹¹. Quando as mulheres se adaptavam, automaticamente, ao seu papel no casamento, a probabilidade de divórcio era muito menor. A “esposa adaptativa”, nomenclatura usada por McGoldrick (1995), não estava preparada para funcionar de modo independente, quer economicamente, quer emocionalmente. Na verdade, ainda, segundo a autora, o fato de ambos os cônjuges serem igualmente bem-sucedidos e

¹¹ Referente ao conceito de crise no casamento contemporâneo (Jablonski, 1998). Ver capítulo 2.

realizadores parece muito problemático para o casamento atual. McGoldrick diz que é bem difícil, em nossa época, chegar ao ajustamento conjugal, quando estamos tentando conseguir a igualdade dos sexos (em termos educacionais e ocupacionais). Contudo, por mais que a autora tenha em parte razão, já existem estudos que propõem novas possibilidades de pensarmos o casamento hoje. Retomando a idéia de Perlin & Diniz (2005), podemos olhar a realidade atual como uma mudança nas funções do casamento e não como uma falência dele. É preciso avançar na discussão do casamento contemporâneo, pois decretar e comprovar sua impossibilidade não nos ajuda a compreender possíveis formas de comunicação e satisfação conjugais existentes.

4.2

Relações de poder e casamento

A emancipação feminina é, sem dúvida, um movimento da história das mulheres que contribuiu, diretamente, para as inúmeras mudanças ocorridas no casamento contemporâneo. Precipitada por motivações econômicas, sociais e psicológicas, as mulheres revolucionaram o cotidiano da família patriarcal, baseada em valores de dominação masculina e submissão feminina. Ora, para haver um dominador, era necessária a existência de um dominado. Por muitos anos, as mulheres estiveram no lugar daqueles que não tinham muito poder de decisão, segundo é colocado pela maioria dos estudos sobre essa época. Mas o que seria o poder de decisão das mulheres?

Durante muito tempo, se discutiu a estrutura familiar patriarcal com o homem à frente das decisões, por ser o responsável em prover a família, e a mulher submissa a essas decisões, por ficar nos “bastidores”, cuidando dos filhos e da casa. No entanto, Rocha-Coutinho (1994) introduz um olhar diferente sobre essa questão, trazendo à tona um novo paradigma: o do poder de persuasão feminino. A persuasão feminina seria mais sutil e menos forte que a dominação masculina, pois as mulheres tendem a usar abordagens indiretas e mais pessoais para influenciar o outro. Essa é uma idéia que compartilhamos, ao estudarmos o dinheiro da mulher no casamento, pois amplia nosso foco que poderia ser muito reducionista em achar que quem ganha mais é quem terá o maior poder de

decisão. Será? Em um casamento estão envolvidas inúmeras questões emocionais e psicológicas, que não se encerram apenas na questão do dinheiro. Pelo contrário, através dele, se expressam e revelam aspectos invisíveis e sutis das tomadas de decisão dos membros de um casal.

Para começarmos a discutir quais estratégias de persuasão são usadas pelas mulheres em seus casamentos, precisamos rever alguns conceitos da psicologia social, pois, em qualquer interação humana, estão presentes modos diversos de controle e influência, desde um pequeno pedido do cotidiano até grandes decisões. As estratégias de controle vão variar de acordo com a pessoa que as utiliza, com o contexto da interação e expectativas de um que podem ou não legitimar o poder de quem tenta influenciar (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000). Segundo Rocha-Coutinho (1994),

“os recursos de que uma pessoa dispõe para exercer de forma mais eficaz o controle sobre alguém podem variar da força física à posse de bens materiais e/ou conhecimentos a outras habilidades específicas. Quanto mais recursos tiver, maiores serão as chances de sucesso no exercício do poder.”

A auto-confiança também influencia no êxito da persuasão, porque, quanto mais confiante, mais firme a pessoa se coloca, conseqüentemente, menos resistência cria no outro. Portanto, as estratégias de controle podem variar de acordo com o sexo do falante e do ouvinte e com o contexto da interação. Mas, quando falamos de estratégias, não necessariamente, queremos dizer que as pessoas têm consciência do que estão fazendo. Algumas respostas que fazem parte do universo masculino e feminino são construídas socialmente, sem que as pessoas, necessariamente, entendam o que as levam a realizar determinados comportamentos. Por exemplo, o homem tende a sentir raiva e se impor mais e a mulher tende a chorar, como forma de amenizar alguma situação. Esta resposta feminina silenciosa pode ser um meio importante de controle da situação que não desafia, mas atinge uma autoridade forte. A cobrança no relacionamento pode ser uma tentativa mais direta, mas, nem sempre, se tem tanta consciência dela. O homem pode cobrar que a mulher seja dedicada a ele, porque ele sustenta financeiramente a casa, se for o caso. O dinheiro no relacionamento pode ser uma fonte infinita de exercício da autoridade, porém, hoje, ele está nas mãos tanto dos homens, quanto das mulheres. A mulher, diferentemente do homem, já tende a

usar da chantagem emocional, uma forma de cobrança bem mais indireta, que leva a outra pessoa a se sentir culpada e responsável por aquele sofrimento (Rocha-Coutinho, 1994).

Entre os membros do casal, muitas estratégias de controle e influência são exercidas nas interações do cotidiano e, atualmente, com homens e mulheres trabalhando e ganhando seu dinheiro, as estratégias se tornam ainda mais sutis para ambos. O argumento dos homens de sustentarem a casa sozinhos já não é mais uma realidade tão comum. Homens e mulheres estão dividindo funções, o que vem exigindo dos casais contemporâneos uma enorme habilidade de negociar decisões.

A literatura aponta para o poder de decisão como um fator muito importante na medição da satisfação conjugal. Em pesquisa realizada na década de 70, Corrales (1975) identificou que uma maior satisfação é encontrada em casais com base de poder mais igualitária, assim como em casais em que o marido é mais dominante. Casais em que a mulher é mais dominante tiveram os índices mais baixos de satisfação. De acordo com Raven, Centers & Rodrigues (1975), dentre os casais de base igualitária, existem aqueles que possuem poder de decisão igual sobre vários aspectos diferentes e aqueles que dividem igualmente os domínios de cada um. Esses dois tipos, que formam a base igualitária do relacionamento, são apontados como casais onde o índice de satisfação conjugal é mais elevado.

Raven & cols. (1975) definiram seis bases de poder que podem auxiliar na compreensão dos resultados acima. São elas: de coerção, de recompensa, de conhecimento, de legitimidade, de referência e de informação. Para analisarmos o poder que uma pessoa (A) tem sobre a outra (B), segundo esse autor, precisamos avaliar como a situação é percebida por B. Em linhas gerais, o poder de coerção acontece, quando B acredita que pode ser punido por A; o de recompensa, quando a expectativa de B é de que A retribuirá no futuro; o de conhecimento, quando B acredita que A tenha um conhecimento superior ao seu; o de legitimidade, quando B se sente obrigado a obedecer A, por ser legítima a sua posição; o de referência, quando B se identifica com A, ou, mesmo, deseja se identificar; e, finalmente, o de informação, quando A traz uma informação para B, capaz de despertá-lo para a importância de mudar alguma coisa. Em um casamento de base igualitária, Raven & cols. (1975) identificaram que as bases de poder que ocorrem com mais

frequência são as de poder de referência, de conhecimento e de legitimidade. Nessas, os casais se sentem mais satisfeitos. Quando as bases são de coerção ou recompensa, os resultados são de maior insatisfação no casamento.¹²

Jablonski (1998) também cita estudos que comprovam a base igualitária em um casamento como a relação mais satisfatória e complementa, dizendo que em casais onde um domina mais que o outro maiores desavenças acontecem, talvez pelo fato de existir, na base desses conflitos, discordância por regras mais tradicionais. Em outros estudos (Rodrigues, Bystronki & Jablonski, 1989), fica indicada uma certa queda no poder decisório do marido, quando comparados a estudos de décadas atrás, tanto nos EUA, quanto no Brasil. Em sua maioria, a mulher ainda ganha menos que o homem, mas já existem pesquisas que denunciam o declínio da auto-estima masculina em casais, cujo salário feminino supera o masculino (Brennan, Barnett & Gareis, 2001). Como equilibrar todas essas vertentes é a grande questão de todo casal.

Portanto, as divergências de negociação e poder de decisão são aspectos importantes para a medição da satisfação conjugal. Allen & cols. (2001), em pesquisa realizada para comparar o poder de decisão, a autonomia e a comunicação entre casais no primeiro casamento e recasados, observaram em ambos os casos, que os casais que se reconhecem como felizes prezam pelo poder de decisão de ambos os seus membros. Casados e recasados possuem semelhanças também, quanto ao que consideram importante no ajustamento conjugal, que seria uma boa comunicação e a divisão do controle. As diferenças encontradas entre esses dois grupos estavam ligadas à autonomia. Casais casados pela primeira vez tendem a interpretar a autonomia de um dos cônjuges como distância ou falta de compromisso. Já os casais recasados consideram a autonomia fundamental para o relacionamento.

A concordância e a discordância são preditivos para o ajustamento conjugal e algumas pesquisas (Allen & cols., 2001; Gottman & Driver, 2004; Christensen & Sherk, 1991, dentre outras), geralmente, focam no comportamento da comunicação durante o conflito, como discriminativo entre casais felizes e infelizes. Segundo Noller & Fitzpatrick (1994), já na década de 80 nos EUA, as pesquisas começavam a apontar para a importância do estudo sobre o afeto e a

¹² Ver pesquisa apresentada por Raven & cols. (1975)

cognição na compreensão da relação entre comunicação e satisfação conjugais, pois estas estariam relacionadas às crenças do casal sobre o casamento. Nessa época, o foco das pesquisas recaiu sobre as habilidades para resolver conflitos, a comunicação natural e o tom afetivo no relacionamento. Na década seguinte, durante os anos 90, Gottman (1998), na esteira dessa tendência, confirmou a importância do estudo da comunicação durante o conflito, ressaltando o conhecimento dos estilos de resolução de conflitos de cada membro do casal como ponto fundamental para a compreensão do sucesso de um casamento. Segundo ele, os tipos de casais diferem em termos das estratégias que usam para exercer o controle, em seus estilos persuasivos, na expressão não-verbal que usam para expressar afeto e intimidade, na estratégia de linguagem que usam para resolverem um conflito e no grau de auto-revelação.

Mais tarde, no início do século XXI, Gottman & Driver (2004), apontaram o uso do afeto positivo durante o conflito como fator essencial para a construção de uma relação saudável. Os autores ainda destacam que o uso de carinho e respeito como afeto positivo é a única forma de um bom prognóstico para um casamento seis anos de união. Em estudos longitudinais sobre satisfação conjugal, o humor e a afetividade estão presentes nos casais felizes, estáveis e com um longo tempo de convivência. Ainda, segundo os autores, esse ponto é muito importante, inclusive, porque as terapias de casal focam, no primeiro momento, em mudanças no modo de comunicação dos membros de um casal.

Enfim, conhecer os estilos de comunicação que ocorrem durante conversas de um casal sobre dinheiro, principalmente, no início do casamento, pode nos ajudar a compreender as bases de poder e influência que estão envolvidas no casamento contemporâneo.

5

PESQUISA DE CAMPO

Um tema para pesquisa em comportamento humano, muitas vezes, surge a partir de observações e indagações do pesquisador dentro do seu próprio cotidiano, não só profissional, como também pessoal. O gatilho que desperta essa curiosidade, geralmente, acontece em forma de pergunta, aliás, de várias perguntas. Pesquisar é a arte de se perguntar o tempo todo e se lançar em busca da compreensão de valores e comportamentos em constantes transformações. A partir dessas perguntas, começa, então, um trabalho extensivo de busca por autores, livros, artigos e outras pesquisas relacionadas ao tema. E, quando pouca literatura nacional é encontrada, a curiosidade do pesquisador fica ainda mais aguçada.

Foi assim que aconteceu conosco. De uma tímida idéia, nascida a partir de conversas com amigos, atendimentos clínicos e vivências pessoais, surgiu uma enorme vontade de abraçar um tema, como já dissemos anteriormente, pouco abordado diretamente na produção acadêmica do país, porém muito em voga nos livros de auto-ajuda mais vendidos no Brasil: o dinheiro no casamento. Quando pesquisamos o dinheiro, encontramos vasta literatura nas mãos de economistas, jornalistas e profissionais de marketing. Por outro lado, na Psicologia, não falta literatura sobre casamento no Brasil e no mundo. No entanto, o tema específico do dinheiro no casamento aparece na literatura nacional basicamente da seguinte forma: em estudos sobre conjugalidade e individualidade (Magalhães, 1993), sobre o trabalho remunerado feminino e sua conciliação com a maternidade (Perlin & Diniz, 2005) e sobre casais de dupla-carreira (Monteiro, 2001). Já na literatura internacional, o dinheiro é abordado pela psicologia de forma mais direta, através de estudos muito semelhantes que falavam do dinheiro e de processos de individualização no casamento (Martínez, 2002) e negociações financeiras dos casais, em que ambos os membros trabalham remuneradamente (Coria, 2005).

Nosso olhar tem, como pano de fundo, o funcionamento conjugal na contemporaneidade através do uso e dos significados atribuídos ao dinheiro, mas,

para definirmos como seria a pesquisa e qual método usaríamos para compreensão dessa realidade, escolhemos a visão feminina, nesse primeiro momento, sem deixarmos de lado projetos futuros mais ousados, envolvendo o casal como um todo. Essa escolha inicial, que chamaremos aqui de estudo exploratório, aconteceu dessa forma por questões de prazo e de ponto de partida. Precisávamos delimitar a pesquisa a um horizonte de dois anos, condizente com o tempo determinado para a realização do mestrado e delimitar um tema novo e tão rico a algum ponto que nos permitisse amadurecer a idéia. Por isso, o caráter exploratório; e porque é um primeiro trabalho que aborda o tema do dinheiro no casamento, que esperamos poder contribuir enormemente para futuras pesquisas em Psicologia no Brasil.

Resumindo, nosso objetivo na presente pesquisa foi realizar um estudo exploratório sobre o dinheiro da mulher, mais especificamente, e suas implicações no casamento contemporâneo, no contexto brasileiro da classe média/alta carioca. A bibliografia discutida nos capítulos anteriores aponta para a necessidade de se desenvolver estudos desse tipo no Brasil. Mas, desde o início, nossa preocupação ao escolhermos a visão feminina era não escorregar para um discurso feminista, e sim poder compreender o uso que a mulher faz do seu dinheiro na barganha de decisões, antes, estritamente, masculinas.

As perguntas que nortearam nossa investigação foram: Como as mulheres percebem seu dinheiro no casamento e de que forma negociam conjugalidade e individualidade, através do uso que fazem do dinheiro? Como acontecem as relações de poder no casamento contemporâneo, com ambos os membros do casal ganhando seu próprio dinheiro?

Por ser um estudo exploratório, escolhemos um modelo qualitativo de investigação que nos ajudasse na compreensão das variadas formas de se lidar com o dinheiro e permitisse o surgimento de questões anteriormente nem imaginadas. A pesquisa qualitativa tem essa vantagem, uma vez que possibilita a escuta dos sujeitos de forma mais livre, orientada por um roteiro, porém mais descomprometida com hipóteses iniciais (Nicolaci-da-Costa, 2006). É preciso dar voz aos sujeitos, para que possamos aprender com eles seus valores, crenças, comportamentos e sentimentos em relação ao tema estudado.

5.1

Metodologia

5.1.1

Sujeitos

Definimos que seriam 12 mulheres¹³ recém-casadas ou “recém-morando junto”, entre seis meses e três anos de união, estando ambos os membros do casal em seus primeiros casamentos, trabalhando remuneradamente, sem filhos e pertencentes à classe média/alta carioca.

A escolha por mulheres casadas (ou morando junto) pela primeira vez, estando no início de seus casamentos, foi baseada na intenção de se investigar como são as primeiras conversas sobre a divisão das contas comuns do casal, a que se destina o dinheiro de cada um, como organizam suas finanças (contas conjuntas ou individuais etc.); enfim, quais decisões são tomadas e que regras são estabelecidas para o cotidiano. Entretanto, mais do que apenas descrever tais decisões e regras, pretendíamos compreender como, ao longo do início de seus casamentos, essas regras iam sendo elaboradas e vividas pelas mulheres.

Não nos importava, exatamente, se o casamento era oficializado ou não, pois partimos do pressuposto que, quando um casal decide viver junto, estão implicadas aí uma organização e uma previsão de orçamento que ocorrem em ambos os casos. Consideramos até interessante observar se surgiria alguma diferença no entendimento do dinheiro como próprio ou comum por casais que oficializam, ou não, a relação. Este foi mais um dado ao qual ficamos atentos.

O período de seis meses a três anos de casamento foi delimitado assim, por imaginarmos já ter sido tempo suficiente para que algumas regras tenham sido negociadas e, até mesmo, renegociadas. Acreditamos, então, que esse é o período que atende aos propósitos da nossa pesquisa, uma vez que alguma vivência e interação já poderiam ser avaliadas.

Igualmente, importante é o fato de o casal ainda não ter tido filhos,

¹³ Os perfis dessas mulheres são apresentados no Anexo III.

porque segundo Bowen (1998), toda mudança de fase natural do decorrer da história de vida familiar mexe com as estruturas do casal e a chegada dos filhos é uma dessas fases. Os gastos aumentam e novas negociações são feitas. O que queríamos investigar era a formação do casal, com aquilo que ele implementa de novo para a vida conjugal e o que ele traz de sua história passada, de sua própria família. Afinal, como vimos anteriormente, o casal não é um sistema que se cria sozinho, mas sim um terceiro sistema que se forma, a partir do que cada membro traz de suas famílias de origem: quais expectativas e vivências cada um leva para o próprio casamento, muitas vezes, sem tanta consciência (Andolfi, 2002).

O perfil sócio-econômico referente ao público-alvo de nossa pesquisa foi escolhido, por considerarmos, de acordo com a literatura consultada, que a grande novidade do casamento contemporâneo são o trabalho remunerado e o desejo por uma carreira profissional por parte de mulheres de classe média/alta. Por isso, só iremos entrevistar mulheres, em cujas relações conjugais ambos os membros do casal trabalhem remuneradamente. O importante para a seleção do perfil das mulheres que participariam da pesquisa foi a confirmação de que, pelo menos, ganhassem alguma coisa, mesmo estando no início de uma carreira ou negócio.

5.1.2

Cuidados éticos

As mulheres foram, devidamente, informadas de que participariam de uma pesquisa acadêmica e de que tais resultados seriam analisados e divulgados no trabalho, mas seus nomes seriam mantidos em sigilo. Para isso, solicitamos que todas assinassem um termo de concordância.

5.1.3

Tipos de dados buscados

Os dados que desejávamos coletar diziam respeito, não só ao que revelaram sobre sua organização financeira, mas, principalmente, à forma como comunicavam satisfações e insatisfações em relação ao dinheiro no casamento. Com isso, pretendemos responder as perguntas iniciais deste trabalho.

5.1.4

Forma de coleta de dados

A coleta dos dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro compõe o anexo II deste trabalho.

5.1.5

Procedimento

Selecionamos 12 mulheres, que atendiam ao perfil proposto, através da indicação de amigas próximas. Após essa seleção, entramos em contato, sem dizer que a pesquisa tratava do tema dinheiro no casamento, comentando apenas se referir ao início da vida a dois. Com isso, tínhamos por objetivo não prepará-las previamente para o assunto, deixando que surgissem, de forma mais espontânea, reações e pensamentos no momento da entrevista.

Primeiramente, as entrevistadas preencheram uma ficha de cadastro¹⁴, onde informaram alguns dados importantes como as profissões delas, dos maridos e de seus pais, tipo de renda – salário fixo ou autônomo –, representatividade de cada membro do casal na contribuição para a renda familiar e etc. Tais dados nos ajudaram a conhecer melhor o contexto de vida dessas mulheres.

¹⁴ Ver Anexo I.

As entrevistas seguiram a orientação de um roteiro previamente pensado e foram gravadas com um gravador de voz. Para isso, pedimos o consentimento das entrevistadas, porque, posteriormente, as entrevistas seriam transcritas na íntegra com risos, pausas, “informações extra-oficiais”¹⁵, entonações de raiva e satisfação. Na hora da análise das entrevistas, tudo seria analisado e correlacionado.

O lugar escolhido para a entrevista ficou a cargo da melhor conveniência para as participantes.

5.1.6

Análise dos dados

Os resultados foram analisados a partir do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), proposto por Nicolaci-da-Costa (2006), através do qual a entrevista acontece como conversa. O MEDS é uma forma de registro explícito que ressalta o papel que a linguagem (o discurso) desempenha em seu contexto. Ao internalizarmos uma língua nos contextos em que ela é naturalmente usada, internalizamos todo um conjunto de conceitos, regras, valores etc. que caracterizam uma determinada sociedade ou grupo social em determinado período.

Além disso, o MEDS entende o discurso como algo que nos constrói e reconstrói como sujeitos, em conformidade com os valores sociais dos grupos aos quais pertencemos. Aquilo que é importante para alguém a respeito de um determinado tema ou assunto, inevitavelmente, aparece no seu discurso espontâneo sobre o mesmo. Para isso, é preciso ouvir o que os entrevistados têm a dizer, de forma livre, em contextos naturais, com seus conflitos e contradições. O exercício da conversa se dá assim, com aproximações e distanciamentos necessários para o conhecimento de algo novo, muitas vezes, presente em nosso dia-a-dia.

Portanto, o objetivo desse método de pesquisa qualitativa é poder ouvir e

¹⁵ Aconteceu, em três entrevistas, de as mulheres, após o gravador ser desligado, contarem uma situação recente de conflito por causa de dinheiro. Mesmo para aquelas que, anteriormente, tinham falado que não discutiam por esse motivo. Esses dados serão abordados mais adiante na análise dos resultados, a partir da página 44.

captar, detalhadamente, aquilo que pretendemos investigar. Para tanto, é construído um roteiro que serve de base para a entrevista, mas que se propõe estar “escondido”, apenas na cabeça do entrevistador, para não prejudicar o andamento da entrevista. Dessa forma, é possível captar o conteúdo que irá surgir ao longo da conversa, com o “intuito de trazer à tona transformações e conflitos psicológicos que, muitas vezes, não são verbalizados explicitamente pelos entrevistados porque eles próprios não têm consciência” (Nicolaci-da-Costa, 2006).

5.2

Análise dos resultados

Antes de darmos início à entrevista, propriamente dita, distribuímos para cada participante uma ficha de cadastro¹⁶ para preenchimento com algumas informações importantes. Privilegiamos, nesse cadastro, saber um pouco mais sobre: se o apartamento onde o casal mora é próprio ou alugado; se algum dos cônjuges ou ambos já morava sozinho antes do casamento; se moraram juntos antes de oficializar a relação; estado civil e profissão dos pais de cada membro do casal.

Esses dados foram bastante relevantes, pois, em termos práticos, no momento em que um casal decide se casar ou morar junto, a primeira providência a ser pensada é a moradia. O que descobrimos foi que, das doze entrevistadas, apenas três – Lúcia, Gabriela e Juliana¹⁷ – moravam de aluguel, sendo que Lúcia, na época da entrevista, arcava sozinha com o aluguel, Gabriela não contribuía para a quitação desta despesa e Juliana dividia 50% com o marido; as outras nove entrevistadas moravam em apartamento próprio. Dessas nove, apenas duas – Bruna e Talita – compraram o apartamento junto com o marido, as sete restantes tiveram ajuda dos pais, em sua maioria, dos pais do marido, para comprar o apartamento.

¹⁶ Ver Anexo I.

¹⁷ Os nomes das entrevistadas foram trocados, de forma a manter suas identidades em sigilo, para efeito da divulgação dos resultados da pesquisa, conforme previamente acordado.

Em relação à questão do casamento jurídico ou coabitação, três entrevistadas – Lúcia, Juliana e Rafaela – moram com seus maridos, atualmente, sem oficializar o casamento. Juliana era a única, dentre elas, que estava com data marcada para a cerimônia. Os outros dois casais não pensam em casamento jurídico. Lúcia até gostaria de oficializar a relação conjugal, mas o marido é contra, como veremos mais adiante. Dentre todas as mulheres entrevistadas e seus pares, somente os maridos de Juliana, Sabrina e Rafaela moraram sozinhos antes da vida a dois, pois todas as outras mulheres e homens saíram da casa dos pais direto para o casamento. Quanto a morar junto antes de se casar, Daniela foi a única dentre as mulheres casadas de nossa pesquisa que passou por essa experiência.

Sobre os pais das participantes e os de seus maridos, em média, 60% permanecem casados. Além disso, 50% das mães, tanto dos homens, quanto das mulheres, não exerceram mais suas profissões depois que tiveram filhos. Dos 50% de mães que continuaram trabalhando, 30%, aproximadamente, exerciam profissões destinadas tradicionalmente, à mulher, como as de professora ou costureira. Apenas 4 mães – tanto dos homens, quanto das mulheres – trabalhavam e contribuíam com uma parcela significativa da renda familiar. Lúcia – nossa única entrevistada que ganha mais que o marido – é filha de uma empresária que também ganha mais que seu pai. Consideramos fundamental esse conhecimento para compreendermos qual o contexto de vida de nossas entrevistadas e que tipo de influência e vivência absorveram de suas famílias de origem.

Quando pensamos no roteiro¹⁸ – que nos guiaria nas principais questões levantadas ao longo da revisão bibliográfica –, nossa maior preocupação era não iniciar a entrevista com o tema do dinheiro propriamente dito, a fim de observarmos em que momento ele seria abordado pelas participantes. A espontaneidade sobre o assunto poderia-nos indicar sua relevância e importância no casamento de cada uma delas. Baseado nisso, nossa pergunta inicial – aquela que desencadearia toda a entrevista, posteriormente – relacionava-se ao momento da decisão pelo casamento ou coabitação. Acreditávamos que o dinheiro poderia surgir já nessa primeira abordagem, uma vez que os casamentos de classe

¹⁸ Ver Anexo II.

média/alta, hoje, estão acontecendo mais tarde, muito em função da prioridade pela estabilidade profissional e financeira. E, de fato, o dinheiro foi mencionado em dez das doze entrevistas.

De acordo com as respostas, a condição financeira do homem – e, não necessariamente, a da mulher – foi imprescindível para a escolha pelo momento adequado para o casamento. Porém, três mulheres – Bruna, Daniela e Talita – ressaltaram que a estabilidade financeira delas seria igualmente condição para saírem da casa dos pais e serem independentes, inclusive, do futuro marido.

BRUNA: “[A decisão pelo casamento] Foi quando o meu marido terminou o mestrado, ele tinha passado num concurso, conseguiu uma estabilidade financeira e eu também já estava bem no meu trabalho, estava ganhando bem e, aí, resolvemos nos casar, depois que nós alcançamos essa possibilidade financeira. Porque era importantíssimo para mim sair da casa dos meus pais com condições para me sustentar independente do meu marido.”

DANIELA: “(...) O decisivo era... primeiro, a gente se formar, que a gente se conheceu na faculdade, não tinha trabalho e tal. E assim que a gente se formou, a idéia era casar logo depois de formado. Mas a gente demorou para se estabilizar financeiramente. Então, assim, a nossa meta era estabilidade financeira, uma independência financeira, tanto dele, quanto minha, suficiente para ter uma vida com um padrão legal assim... que a gente achava que era bom para gente. Os dois queriam a mesma coisa.”

TALITA: “Depois que eu me formei, ele já estava formado, ele é três anos mais velho do que eu, a gente começou a pensar em quando poderia ser, mas, mesmo assim, sem definir datas, vendo, primeiro, a viabilidade de dinheiro e tudo mais. Quando eu estava com um ano de formada, eu já estava... Ele já era, há quatro anos, formado, ele já estava sendo promovido na empresa, eu já estava conseguindo tirar meu dinheirinho como advogada, e a gente começou a fazer uns cálculos. (...) E aí foi que a gente resolveu fazer mesmo. (...) Tivemos o apoio da minha mãe para ajudar com a festa de casamento e tudo mais e a gente marcou o casamento para um ano e meio depois, que era o tempo que a gente imaginou que conseguiria ver apartamento, ir pagando as coisas do casamento parcelado... e tempo para eu ganhar mais e me estabilizar melhor no escritório.”

Outras mulheres, como Alice, Sabrina e Beatriz, por exemplo, enfatizaram a importância de sua vida profissional, mas a condição financeira dos maridos prevaleceu sobre a delas na decisão pelo melhor momento para o casamento.

ALICE: “Isso não foi decidido por nós dois. Eu fui pega de surpresa, na verdade. E eu acho que isso foi totalmente consciente da parte dele, porque ele sabia que isso ia ser complicado pra mim, se ele viesse com uma conversa sobre casar, do tipo: ‘vamos pensar junto’. Eu provavelmente ia dizer que não. Porque eu tinha me formado, [es]tava recém-formada, eu sou psicóloga, e não ganhava nada. (...) Eu acho que ele fez surpresa pra criar uma situação em que eu não tivesse muito em que pensar. Tanto que minha primeira reação foi jogar a aliança em cima dele e falar ‘O que é isso? O que está acontecendo? Como vamos nos casar?’ Ele até ficou super incomodado com essa minha reação, achando que eu ia negar. Foi uma surpresa realmente. (...) Eu pensava em casar, mas achava que seria em outro momento, não naquele onde eu ainda não tinha estabilidade, porque, na minha cabeça, eu só iria me casar quando eu tivesse o meu dinheiro. Claro que eu queria me casar com ele, mas eu queria me ver em outra situação. Não era nem por ele, porque eu sei que ele tinha para bancar nós dois, mas era por mim. Eu queria ter o meu dinheiro. Eu hoje tenho cinco anos de formada, o dinheiro ainda não chegou a ponto de me dar uma estabilidade financeira, mas, enfim, já me sinto diferente.” (Três anos de casamento.)

SABRINA: “Nós estávamos namorando há um ano e pouco, quando ele recebeu uma proposta de trabalho em outro Estado. Ainda não pensávamos em casamento, era muito cedo, mas a estabilidade... sabe, me lembro que várias pessoas comentaram que seria bom para a gente... mas o emprego era em outro Estado e nós precisávamos vencer essa barreira primeiro. Não sabíamos como seria ficar morando em lugares diferentes. (...) Mas ele precisava voltar, já que o emprego dele tinha chance de voltar para o Rio, ele precisava estar aqui. O meu trabalho é autônomo, até iria para lá, se fosse necessário, mas começar tudo do zero... não queria ir para lá e depender dele... e depois se ele voltasse... lá ia eu mudar tudo de novo na minha vida... desse jeito não pararia em trabalho nenhum. Não queria ser dessas mulheres, sabe, dessas que estão sempre acompanhando o marido e acabam não trabalhando. Não me sentiria bem. Trabalhar é muito importante pra mim, mas a estabilidade que ele estava alcançando seria ótima para nós dois.”

BEATRIZ: “(...) o pedido do casamento aconteceu num momento em que eu não esperava, entendeu. E, aí, depois do pedido é que a gente foi fazer as contas, pra ver a conta que ele fez, e fui ver o que eu tinha pra contribuir e decidimos, realmente agora vai dar pra casar na data mais ou menos que ele tinha planejado quando fez o pedido. Então, assim, não foi uma coisa muito planejada de sentar e fazer conta, não. Foi assim: ‘ah, agora eu terminei minha residência (*ele é médico*) e eu tenho essa e essa perspectiva de emprego. Você já está trabalhando há mais tempo, quanto você pode tirar do seu trabalho?’ Aí, eu falei ‘tanto’, era bem menos que ele, mas juntando com o dele dava.”

Já para Rafaela, a decisão por esse momento foi mais da parte dela. Ela se mudou para o apartamento do namorado, no momento em que poderia contribuir com a casa e ficar independente financeiramente para dar esse passo. Ele, 12 anos mais velho que ela, solteiro, morava em um apartamento próprio e tinha mais estabilidade. Importante notar que esse casal não fala de casamento jurídico, pensa somente em continuar morando junto.

RAFAELA: “Decidi que me mudaria para a casa dele no momento em que recebi uma oferta de trabalho irrecusável. (...) Uma vez aceita a oferta de trabalho, eu conseguiria conciliar a realização profissional – que vinha planejando há tempos – com a realização pessoal de morarmos juntos. Para mim, as questões mais relevantes para a tomada de decisão foram o upgrade profissional que eu daria em minha carreira, o upgrade financeiro que o novo salário proporcionaria na minha vida, a facilidade em concretizar a mudança, uma vez que ele já tinha apartamento próprio, e maior profundidade e envolvimento em nosso relacionamento.”

Por outro lado, outra de nossas entrevistadas ainda não se casou juridicamente por conta da situação financeira do marido. Eles moram juntos, ela ganha mais que ele (ela – Lúcia – contribui com 60% da renda familiar), mas a melhora financeira do marido é condição para ele pensar em casamento. Lúcia diz que tem muita vontade de se casar, mas entende a posição dele, muito mais hoje do que no começo. Apesar de dividirem as contas do apartamento onde moram e não contarem com a ajuda dos pais, o casamento jurídico, para esse casal, estaria vinculado à melhora financeira dele, não sendo a dela suficiente para tal. E Lúcia justifica esse comportamento comentando, que ele gostaria que tudo fosse feito segundo “moldes de uma família estável”, o que, naquele momento, não estava acontecendo, pois quem era estável e responsável por prover a casa era ela. Mais adiante – na discussão da categoria de análise 5.2.1 –, Lúcia comenta o quanto estava sendo difícil para seu marido não ganhar dinheiro como gostaria.

LÚCIA: “Eu tinha muita vontade de casar com ele. E de certa forma eu tinha essa expectativa. Mas, pra ele, casar significa estar financeiramente estável. E ele hoje é completamente instável. Hoje, menos do que na época que a gente começou a morar junto. Ele quer entrar numa companhia aérea, aí sim seria o momento de casar. Ele sempre quis pagar uma festa e fazer tudo dentro dos moldes de uma família estável. Eu acho que eu fui me adaptando a essa idéia, uma hora a gente casa. Eu me sinto muito mais casada hoje. Antes eu tinha dificuldade de falar meu marido, mas hoje me sinto casada. Isso foi construindo o sentimento de que eu sou casada.”

Carolina foi a única mulher de nossa pesquisa que, na época do casamento, deixou o próprio emprego, para acompanhar o marido em viagem para o exterior. Hoje, de volta ao Brasil, ela está trabalhando em sua área profissional, mas diz que, na época, nem pensou duas vezes.

CAROLINA: “O fundamental para a nossa decisão de casar, foi a viagem que ele ia fazer na época para a Inglaterra. Eu não sei se não tivesse a viagem, se a gente teria casado naquela ocasião. Claro que teria casado, mas não naquele momento. Ele tinha juntado dinheiro para isso, era uma oportunidade de melhorar as chances dele aqui no Brasil, e eu larguei meu emprego aqui e fui com ele, nem pensei muito.”

Apenas duas mulheres – Gabriela e Juliana – deram respostas relacionadas ao momento amoroso do relacionamento, não sendo mencionada a questão financeira.

Como vimos, a tendência entre nossas entrevistadas para a escolha do melhor momento para o casamento ou coabitação baseou-se, essencialmente, na situação profissional e financeira do homem. Mesmo para a única mulher entre nossas entrevistadas que ganha mais que o marido, a decisão pelo casamento jurídico permanecia ancorada à melhora financeira dele. O papel de provedor e primeiro responsável pelo sustento da família e da casa ainda parece estar vinculado ao papel masculino.

Acompanhando, pelo anexo III¹⁹, o perfil das entrevistadas, podemos perceber que o tempo de namoro da maioria delas foi longo, com alguns chegando a 8 anos, antes do casamento. Portanto, é interessante, para os objetivos dessa pesquisa, entender quais diferenças foram percebidas em seus relacionamentos, partindo dos conceitos abordados por MacGoldrick (1995) sobre o ciclo de vida familiar, em que, a cada mudança de fase, nasce uma nova configuração, uma nova situação para o casal e, conseqüentemente, para a família, com sentimentos, expectativas e dinâmicas próprias.

O aumento da intimidade, o convívio, a rotina de ter a pessoa a qualquer momento e as tarefas domésticas foram apontadas como as principais diferenças sentidas pela maioria, mas nada que indicasse grandes desavenças. Os fatores que mais foram apontados como geradores de conflito foram a decoração da casa e a organização do espaço comum. Já o dinheiro não surgiu em momento algum como tema relevante para essa questão. Por mais que as finanças do casal sejam um ponto importantíssimo dessa fase da vida, não foram apontadas como motivo de conflito ou diferença do namoro para o casamento, nessa pergunta inicial.

Seguem alguns exemplos:

¹⁹ Ver Anexo III.

BRUNA: “[Mudou] Convívio, né? O convívio todo dia. Você começa a enxergar mais de perto a pessoa. (...) A diferença que tinha, a essencial, era um pouco da falta de intimidade, a gente tinha intimidade claro, depois de um relacionamento de tantos anos, mas a intimidade do dia-a-dia... aquela coisa do te pegar ao acordar, no meio do dia, e na hora de dormir. Isso aí é um choque muito grande. Agora a gente já tem uma rotina, já tem uma coisa do tipo aqui é o meu espaço. Assim, a gente já deu uma alterada legal do início para agora. Outra coisa que tivemos que aprender a lidar melhor foi a respeito da decoração. Descobri que meu marido gosta de escolher tudo junto. Isso, às vezes, gera um estresse. Porque nem sempre concordamos.”

BEATRIZ: “Não combinar o encontro. Ter essa coisa decretada que a pessoa vai estar ali. Às vezes, isso é bom. Às vezes, isso é ruim. Porque ou você não quer estar ali com a pessoa, ou, às vezes, você quer estar e a pessoa não quer. E como está estabelecido que, no momento seguinte, ela vai estar, você não se preocupa muito em tornar aquele momento especial. Então, isso é uma coisa que, às vezes, me incomoda. (...) Uma coisa engraçada também é que, no início do casamento, eu até brinquei com ele, eu disse que a gente [es]tava demarcando território, a gente parecia dois cachorrinhos na casa nova, demarcando o território, né? Eram coisas muito pequenas e, ao mesmo tempo, muito grandes, no sentido de... é, a gente [es]tava vindo cada um com sua cultura familiar, entrando num ambiente que era novo para os dois, né. E que a gente ia ter que dividir o espaço. Então, tudo teria que ficar funcional pros dois. Não adiantava eu chegar e impor um monte de coisa, nem ele chegar e impor um monte de coisa. Isso desde onde vamos colocar os copos até outros aspectos da decoração da casa.”

GABRIELA: “Eu senti muita diferença. Sei que, para o meu marido, o silêncio foi o que ele mais reclamava. Ele veio de uma família com a casa cheia, muito alegre, onde as pessoas conversavam o tempo todo e, de repente, têm só nós dois em casa. Para mim, em relação a essa parte, sair da minha casa foi ótimo, não senti falta nenhuma, desse jeito que ele fala. Mas, da nossa relação, eu acho que a gente já dormia quase todo dia juntos, ou na casa da mãe dele ou na casa dos meus pais. Mas, apesar dessa convivência, em que parece que você já conhece tudo da pessoa, já sabe o que o outro gosta, sei lá... Vou dar um exemplo: na verdade, não é nem assim, colocar a toalha em cima da cama, porque isso, de certa forma, já tinha na casa dos pais dele. Mas acho que é principalmente assumir responsabilidade, acho que o que a gente sentiu mais é que os dois, cada um na sua casa, era muito mimadinho pelas suas respectivas mães. Então, quando a gente casou, a gente teve que se responsabilizar e, normalmente, nenhum dos dois gostava de arrumar nada, nenhum dos dois gostava de lavar uma louça...”

JULIANA: “(...) Agora, o que mais mudou... a gente já era muito próximo antes, mas, então, mudou essa coisa do convívio mesmo. Mas a parte que eu acho ruim... é, assim, clássica de casamento, você não usa tanta ‘pompa e circunstância’ para ver a pessoa. Como entra no dia-a-dia, às vezes, a gente tem que se ajustar ainda um pouco, eu fico me sentindo mais sozinha, mais ignorada do que antes, digamos assim, né. Porque a pessoa chega em casa, ela está no dia-a-dia dela, né. Aquilo que a gente sabe. Você está encaixada naquele dia-a-dia. (...) Ainda tem esse lance da casa... rola muito ter que tomar providência, ainda mais na hora de montar, nisso rolou muito estresse no início, os primeiros três meses foram difíceis por causa disso. Foi um estresse, sabe. E pesou muito para mim, porque eu estava trabalhando pouco e ele, trabalhando

para caramba. Só que eu não estava aguentando fazer tudo, entendeu. Só sobrava para mim. E eu estava sentindo, que estava fazendo tudo sozinha, estava me sentindo muito desamparada. Aí, eu fiquei mal. Mas depois melhorou porque as coisas começam a andar. Ele começou a participar mais, mas eu acho que o lance de não ter espaço de namoro, digamos assim, que a gente tenta, mas não é a mesma coisa. Isso eu acho que muda para o lado pior, mas, ao mesmo tempo, você fica mais unido com a pessoa.”

Somente com essa primeira leitura do que foi a experiência com as entrevistadas, podemos constatar a riqueza do material adquirido. Muitas questões surgiram e as respostas das entrevistadas foram preciosas. Para facilitar a análise, seguindo o método MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2006), algumas categorias emergiram do discurso que proporcionarão nosso aprofundamento na discussão dos principais pontos abordados ao longo de todo o trabalho.

As categorias encontradas, e que serão comentadas com maior detalhamento logo em seguida, foram:

5.2.1) Primeiras combinações da vida a dois: divisão das contas e decisões sobre supérfluos e necessidades do cotidiano;

5.2.2) Administração financeira: conta conjunta ou separada? A mulher vê seu dinheiro como comum ou como próprio?;

5.2.3) Significados atribuídos pela mulher ao seu dinheiro;

5.2.4) Família de origem: valores e influências;

5.2.5) Comunicação e relações de poder no casamento através do dinheiro: quais processos se produzem no casal para resolver as questões acima.

Vejamos a seguir:

5.2.1

Primeiras combinações da vida a dois: divisão das contas e decisões sobre supérfluos e necessidades do cotidiano

Evidentemente, quando um casal se casa ou vai morar junto, duas das questões mais presentes em seu cotidiano são a distribuição das contas da casa e a conciliação de objetivos comuns e individuais. O planejamento financeiro foi apontado, pela maioria das entrevistadas, como algo que já começa antes do casamento, ainda no processo de tomada de decisão para a união, mas é a prática

do dia-a-dia que testa seu funcionamento. Com Cláudia e Talita, foi assim: no início, elas, juntamente com seus maridos, pensaram em algo como 50% das contas cada um, independente de não ganharem exatamente a mesma coisa. Mas o cotidiano mostrou que não precisavam ser tão rígidos.

CLÁUDIA: “No começo, a gente dividia 50%, mas era uma confusão. Era assim, somava o gasto de tudo, mas tinham contas que venciam em dias diferentes. Aí, então a gente dividia. Então, no final do mês a gente acertava a conta, depositando um na conta do outro. Isso foi inviável, porque tinha que lembrar de pegar as contas todas, e não funcionava, não era prático. Passada essa fase, a gente resolveu dividir quem paga o quê, porque aí vem a conta e a gente já pega o que for de cada um.” (3 anos de casamento)

TALITA: “No início, a gente até fazia assim, meio-a-meio, as contas deram tanto e cada um paga metade. Hoje em dia, já é uma coisa mais misturada. Não dava muito certo ficar naquela coisa muita rígida. Hoje somos mais tranquilos em relação a isso. [Nós] nos ajudamos muito mais.” (3 anos de casamento)

Juliana, por sua vez, ainda no início de seu casamento (com apenas seis meses de coabitação), mantém essa prática de acertar as contas no final do mês e deixar tudo bem estabelecido. Essa entrevistada acha importante manter os 50% de responsabilidade de cada um, pois é a família dela que tem mais dinheiro e ela não gosta de assumir uma posição de “bancar tudo”, como ela mesma mencionou. Aconselhada pela mãe, prefere não passar a idéia para seu marido de que ele pode se acomodar porque será “coberto” pela família dela, quando alguma coisa apertar. Em termos de salário, essa entrevistada não ganha muito, mas recebe um dinheiro mensal da mãe que a ajuda a manter o padrão de vida que possuía antes de sair de casa.

JULIANA: “(...) ele vai pagando as contas e depois a gente acerta. Mas eu estou pagando muita coisa ainda, porque eu estou fazendo a parte de montar a casa. Então, eu compro muita coisa e acerto tudo com ele. E ele paga as contas e acerta comigo. Alguém está sempre devendo a alguém, geralmente sou eu que estou devendo para ele, eu pago. Vai acertando mesmo. Vai acertando assim literalmente. Você pagou isso, mais isso, mais isso. Tudo direitinho na ponta do lápis. Mas não é tudo. A gente acerta meio a meio o que é comum. Contas de casa, basicamente. (...) Eu acho que... a minha mãe ... é engraçado.... o discurso da minha mãe, ela, hoje em dia, é muito.... ela acha que a gente não pode dar muito mole pra homem, não. Ela acha que as experiências que ela teve exatamente mostraram para ela que isso não é positivo. Mas o exemplo que ela passou foi sempre... na verdade, ela basicamente sustentando tudo. Eu acho que com o meu pai, primeiro marido dela, eles dividiam porque na época ela ainda não tinha herdado nada, então eles eram basicamente iguais. Mas, no

segundo casamento, ela bancava tudo. Ele não tinha grana na época, então, ela era muito mais rica que ele.”(6 meses de coabitação)

Bruna e Rafaela também dividem as contas em responsabilidades iguais para ambos os membros do casal, não de maneira tão rígida a ponto de calcularem cada coisa, mas de forma que fique justo e que elas sintam a casa como responsabilidade delas também. Após arcarem com as obrigações das contas comuns, cada uma administra com total liberdade aquilo que deseja realizar com o dinheiro que sobrou. Essas mulheres relatam possuir autonomia sobre suas decisões.

BRUNA: “É tudo dividido. Então, por exemplo, ele fica com a NET. A NET, juntando Internet, dava uma soma ‘x’ e da minha parte era o telefone e a luz. Aí a gente olhando dava mais ou menos a mesma coisa. Então, ele ficou com a NET e com o gás e eu fiquei com a luz e o telefone. Entendeu? Tentando equivaler os valores. Mas eu tenho minha conta e meus investimentos. Converso com ele quando penso em algo grande, como trocar de carro, procuro saber se é o melhor momento para nós dois, mas eu decido o que fazer no final.”

RAFAELA: “Lidamos com dinheiro da seguinte maneira: cada um possui sua renda. Dividimos as despesas e o que sobra do salário de cada um é de sua própria conta. Possuímos contas separadas no banco, cartões de créditos separados também. Cada um possui seu investimento financeiro também separado. Ele não controla minha vida financeira e eu não controlo a dele. Cada um é livre para gastar seu dinheiro no que quiser, depois de pagarmos as contas comuns da casa.”

De todas as entrevistadas, apenas duas, Gabriela e Carolina, não se interessam por administrar seu dinheiro e delegam aos maridos essa tarefa.

GABRIELA: “Surgia muita discussão no início, muito mais do que agora. Agora a gente chegou num meio termo. Eu mudei muito em relação a dinheiro. Ele sempre foi muito mais econômico e eu não tinha muito controle de dinheiro. Ele é médico e é o homem da casa. Eu sou fisioterapeuta, mas, no fundo, estou casada, posso deixar as coisas andarem mais devagar. Ele não... ele se preocupa muito o tempo todo. Com razão, ele tem muita preocupação com futuro, de guardar dinheiro. Acho que ele administra bem o dinheiro, porque ele olha sempre a conta, ele vê sempre, não sei se todo dia ou com que frequência. E eu, simplesmente, não olhava. Hoje em dia, não é mais assim. Bom, hoje em dia sou mais econômica, mas não olho muito a conta ainda não. (...) A gente teve que sentar muito para conversar, a gente tem um livro preto (e ri) que a gente já sentou 20 vezes para fazer e a gente nunca segue nada. A gente sentava para organizar e não cumpria, sentava de novo e não cumpria, sentava e nada... mas não cumpria os dois, a gente criava metas que, realmente, não seriam alcançáveis, que não eram reais... com o tempo, por outras coisas

que foram acontecendo em nossa vida... porque a gente teve um baque profissional. (...) Eu mudei tanto minha postura, internamente, que outro dia a gente estava na livraria e ele ia comprar um livro, mas, antes, olhou para mim e perguntou: ‘Pode?’ Os dois riram. Normalmente, eu que perguntava. Hoje em dia, eu é que estou mais pão-dura do que ele até. Durante esse tempo de casamento, nós mudamos para melhor a maneira de discutir o dinheiro. Mas, ainda é ele quem olha mais a conta, não tem jeito. Eu não gosto. Estou melhor que antes, mas ainda não que nem ele.”

CAROLINA: “Eu sou uma ‘zero a esquerda’ dessas coisas de banco. Para você ter uma idéia, eu não sei a senha nem da Internet. O meu marido me enche o saco, ele fala: ‘Faz sua conta agora’. E eu falo: ‘Não, tenho que ir no caixa eletrônico’. ‘Então, você vai no caixa eletrônico agora, qual o seu problema?’, ele resmunga. Eu não vejo extrato, vou no ‘achismo’, eu acho que eu tenho ‘tanto’. A gente, uma época, tinha conta conjunta. Mas ele começou a ficar enlouquecido. Aí, ele saiu da conta, de uma conta que era dele de anos, para deixar comigo. Ele fica, totalmente, apavorado de estourar a conta dele e eu fiquei apavorada, quando ele tirou a conta conjunta. Porque, de uma certa forma, não é que eu queria usar o dinheiro dele, de jeito nenhum. Imagina, nunca usei. Mas era uma segurança de que, já que eu não controlo, se estourasse alguma coisa, ficaria mais fácil. Ele daria um suporte ali. Mas, aí, a conta ficou só minha. Eu tô olhando um pouco mais, eu juro... Ele tem acesso a minha conta, mas ele não olha, entendeu? Tem algumas coisas que estão em débito automático que são dele e ele tem que depositar alguma coisa, entendeu. Daí, ele tem que depositar alguma coisa, mas é surreal.”

As outras dez entrevistadas dizem-se organizadas com o próprio dinheiro, inclusive estando à frente de sua decisão; dado que contraria o que Coria (2005) discute sobre a falta de autonomia feminina em relação ao seu dinheiro.

DANIELA: “Eu é que sei mais do dinheiro do que meu marido. Foi naturalmente que isso aconteceu, porque eu sou muito mais pé no chão. Na verdade, eu tenho a característica de ser planejadora, assim. Eu planejo tudo. Tenho tudo muito planejado. Para a minha profissão é até bom, assim. Eu sou muito planejada. Eu planejei que, daqui a um ano eu quero ter um filho, que, daqui a três meses, eu vou terminar de arrumar a minha casa. Enfim, eu planejo muito as coisas. Enfim, e ele já é uma pessoa do tipo ‘deixa-a-vida-me-levar’: ‘Ah, vai dar tudo certo, tudo vai dar certo.’ [Eu] não. Eu já sou ‘tudo vai dar certo’, desde que esteja tudo organizado. Eu assumi isso porque é uma característica minha. A casa, eu que organizo, eu que sei onde está tudo; o dinheiro, eu que administro, entendeu? Porque ele é meio, assim, avoadado.”

Como podemos perceber, algumas dessas dez mulheres ainda ressaltam que, entre os dois do casal, elas são mais organizadas e controladas que seus próprios maridos. Vejamos mais dois exemplos:

BEATRIZ: “Sou eu que tenho controle da situação. O controle total. Ele nem sabe quanto é que tem no banco. Quando ele quer fazer alguma coisa ele

pergunta pra mim: ‘Dá pra comprar?’; ‘Tem dinheiro?’; ‘Eu posso comprar não sei o quê?’; ‘O que que você acha, dá pra comprar não sei o que agora?’. Eu falo: ‘Não, agora não, segura um pouquinho’; ‘Agora, esse mês, a gente [es]tá apertado, [porque] a gente comprou isso e isso...’. Ele não compra nada sem me perguntar.”

CLÁUDIA: “Meu marido não tem o controle financeiro, quem tem sou eu. Eu sou muito mais organizada. Eu tenho tudo certinho. Ele é que me pergunta se pode comprar alguma coisa.”

As mulheres que conquistaram autonomia sobre sua vida financeira, parecem, de fato, possuir maior liberdade de decisão em seus casamentos, do que aquelas que delegam a administração de seu dinheiro aos maridos. O controle do próprio dinheiro traz um respaldo enorme à individualidade dos membros do casal e, nesse raciocínio, Coria (2005) observa que, para algumas mulheres, a independência financeira, não necessariamente, promove autonomia: esta irá depender da maneira como as mulheres se comportam diante do próprio dinheiro. Então, para considerar que a mulher tem autonomia sobre o seu dinheiro, não basta considerar apenas que ela agora o está ganhando, mas é preciso ter autonomia sobre sua decisão.

Observamos que as mulheres dizem haver mais conflitos, quando o controle financeiro está nas mãos dos homens, do que ao contrário. Isto porque as mulheres que comentaram saber mais da conta do casal que seus próprios maridos não avaliam os gastos deles como irracionais, mesmo que eles estejam efetivamente gastando mais do que elas. Já, quando os homens detêm esse controle, tendem, segundo elas, a considerar as mulheres descontroladas com o dinheiro. De certa forma, encontramos esse estereótipo do descontrole consumista feminino entre as próprias mulheres entrevistadas, pois na fala de duas delas, ao mencionarem que não são consumistas, se definiram como “muito diferente da maioria das mulheres”. A necessidade de comparação com outras mulheres para explicar o quanto são diferentes confirma um imaginário social que, provavelmente, influencia a prevenção dos maridos de não deixarem suas esposas exagerarem no consumo de objetos pessoais, como vestuário e acessórios. Em termos financeiros, os gastos das mulheres podem ser até menores, mas elas falam sobre o medo de que seus maridos têm delas se descontrolarem. Não temos exatamente o valor dos gastos pessoais das mulheres que participaram da pesquisa, mas temos relatos de nossas entrevistadas, que sugerem que o objetivo

de consumo dos homens está mais ligado a status: com relógios, carros, restaurantes, viagens; e o das mulheres, mais ligado a consumo estético: roupa e decoração da casa. Abaixo, seguem dois exemplos, o de Cláudia e o de Bruna. Cláudia é quem detém o controle financeiro do casal. Mesmo possuindo contas separadas, é mais organizada e controlada que o marido.

CLÁUDIA: “Eu gasto muito para casa. Se eu vejo um objeto para casa, eu compro. Mas, hoje em dia, se eu vejo uma blusa, eu penso que pode ter uma parecida dentro do armário e não compro. Mas o meu marido gosta mais de comprar roupa. Se bem que é numa época do ano. Porque não tem muita paciência de rodar no shopping; então, quando está precisando, ele vai e compra tudo de uma vez. As mulheres gastam mais tempo olhando, podem escolher, deixar para depois. Ele não. Tem um evento no trabalho, não tem roupa, vai no shopping e compra. Mas a gente não tem estresse por causa do dinheiro, não. Mesmo ele gostando de comprar sempre um joguinho novo, eletrônicos, eu respeito. Com isso, aí, ele gasta, mas não chegamos a ter problema com isso, não. Ele gosta muito de carro também, mas o dinheiro é dele. Eu organizo, digo qual o melhor momento, mas não proíbo. Jamais. O dinheiro é dele. Não temos problema com isso.”

Bruna possui conta separada de seu marido e é organizada, mas, para fugir dos comentários dele, às vezes, precisa esconder suas compras.

BRUNA: (Com o gravador desligado, ela começou a falar sobre isso e, então, a entrevistadora perguntou se podia voltar a gravar. Ela topou.) “(...) O problema do meu marido é que ele é muito controlador em TUDO (e enfatiza), não só no dinheiro. Ele controla tudo, tudo, tudo que eu faço, que deixo de fazer, as coisas que estão acontecendo aqui em casa. Então, por exemplo, ele sabe quando eu comprei alguma coisa, quando eu chego com uma sacola diferente, ele já controla e fala... mas nunca me repreendendo, sempre comentando ‘Eu tô de olho em você’. Entendeu? Ele acha que eu gasto muito, compro mil blusinhas de várias cores diferentes, que eu tinha que vender metade do meu armário, isso ele acha... ele acha que eu tenho uma compulsão por comprar. Às vezes, eu dou uma escondida nas sacolas quando eu chego. Isso eu faço. É um saco, às vezes você entra em casa com uma sacola nova e a pessoa [es]tá lá te observando... aí, você pensa ‘Ai, que saco, vou ter que ouvir de novo...’ Já eu não me meto nos gastos dele. Vou te dar um exemplo prático. Quando a gente sobe para Teresópolis e vai na feirinha, ele me perturba porque eu gastei 150 reais em blusinhas para mim. Agora, ele está viajando e acabou de comprar um relógio caríssimo, foi quase 1.400 dólares... eu não falei nada. O dinheiro é dele. Eu penso assim. Assim, quando ele gasta de forma supérflua, na minha visão, eu não falo nada, não me meto. Porque o dinheiro é dele, ele trabalhou, ele tem o direito de se dar esse presente. Agora, ao contrário, ele não concorda muito não. Se eu dependesse dele, se eu não trabalhasse e dependesse diretamente dele, ele seria controlador. Ele estaria no comando.”

Através desse trecho da entrevista de Bruna, podemos perceber um enorme incômodo dela em ter que dar satisfação sobre seus gastos ao marido, mas por outro lado, não sabemos exatamente o grau de seu consumismo. Segundo sua fala, seu marido fica parecendo muito controlador, no entanto precisávamos ter a versão dele para compreender se ela é realmente consumista, ou se ele é quem exerce o papel do controle.

Enfim, como estamos vendo, o cotidiano de um casal recém-casado envolve decisões de ordem prática. A definição da divisão das contas (qual conta ficará para cada um pagar) e do que será prioridade e supérfluo é combinada e recombinação, das mais variadas formas. O que podemos perceber nas entrevistas é que cada casal funciona com uma dinâmica própria, muito baseada na vivência de cada membro em sua família de origem²⁰. O uso do dinheiro é um comportamento que envolve crenças e expectativas aprendidas na vida de cada membro de um casal e que deve ser negociado e adaptado àquela nova realidade, assim como todos os outros valores que ambos trazem para o casamento. Em alguns casos, a divisão das contas é de 50% para cada membro do casal; independente do que ficar para quem, a divisão é realizada por valores. Já, nos casos de Beatriz, Carolina, Sabrina e Cláudia, a divisão das contas é semelhante aos moldes da antiga divisão sexual do trabalho. Elas ficam responsáveis, basicamente, pelo pagamento da empregada e do supermercado. Carolina até observa o quanto isso é curioso, já que, para trabalhar e ter a casa organizada, ela precisa pagar uma empregada, para fazer o que ela deveria fazer, caso não trabalhasse.

CAROLINA: “(...) É assim, a gente tem empregada duas vezes na semana, ele que paga o salário da empregada, hoje. Mas, quando eu ganhava mais, eu pagava. Era dividido assim: ele pagava todas as contas e eu pagava o salário da empregada. É, para ele, eram as contas de luz, gás, telefone, contas da casa, condomínio, essas coisas. Eu que ficava responsável pela empregada, o que já é muito engraçado, né. (e ri) A divisão das contas... Ele paga a estrutura e eu o supérfluo. O que seria a minha função, entre aspas! Eu pago alguém que faz o que eu tinha que fazer... (e ri muito). Eu acho isso muito bom. Adoro refletir sobre essas coisas. Hoje em dia, assim, eu ganho menos, então, ele paga tudo e a empregada, mas eu dou um dinheiro pra ela comprar aquilo que ela precisa comprar de comida pra semana. Porque, assim, a gente não faz compras do mês. Somos só duas pessoas, então, não tem necessidade. Normalmente, a gente faz compras do mês pra material de limpeza e tal, que ele sempre paga. E

²⁰ Deixamos uma categoria de análise – a 5.2.3 –, especificamente, para discutir a questão da família de origem. Aqui, nossa atenção estará voltada para a organização financeira propriamente dita, com discussões de ordem prática no cotidiano dos casais.

eu pago assim, o que peço pra empregada comprar toda semana. Que eu dou pra isso.”

Independente de um discurso mais igualitário sobre o uso do dinheiro – o que veremos mais adiante –, o destino do dinheiro do homem e da mulher manteve-se distribuído de acordo com papéis sociais tradicionais – estando o homem mais envolvido com a estrutura da casa e a mulher com o cuidado mais direto, decorando a casa e pagando a empregada, por exemplo –, com, pelo menos, 7 de nossas entrevistadas. Esse dado corrobora uma pesquisa realizada por Magalhães (1993), em que, ao investigar a visão do casal sobre conjugalidade e individualidade, um dos tópicos se referia ao dinheiro e ficou claro que o uso que homens e mulheres faziam de seu dinheiro no casamento ainda pertencia a uma divisão semelhante à tradicional divisão sexual do trabalho: o dinheiro da mulher, responsável pela compra de roupas para ela, o marido e os filhos, decoração da casa, empregada; e o dinheiro do homem, pelas contas fixas de gás, luz, telefone, condomínio, aluguel etc. No entanto, não podemos deixar de considerar que um número alto em nossa pesquisa – 5 mulheres de 12 – divide meio-a-meio as despesas da casa com o marido, seguindo um modelo mais igualitário.

BEATRIZ: “(...) É, nós fizemos, assim. Ele, coitado... (e ri). Ele paga quase tudo. Ele paga condomínio, luz, gás, telefone, net, todas as contas fixas ele paga. E eu pago o mercado e a empregada. São as coisas que ficaram comigo. Mas, às vezes, fura. Assim, dele pagar a empregada e não eu, porque foi um dia que ele chegou antes de mim para pagar. E a gente não faz um reembolso, nada disso, pagou, pagou. Nunca aconteceu, pelo menos, até agora, de ficar pra mim alguma conta. Só aconteceu dele pagar pra mim.” (E ri novamente.)

SABRINA: “Atualmente, ele paga quase tudo da casa. Condomínio, gás, luz, telefone, NET, internet, nossa ginástica, carro, IPVA, seguro. Eu pago a empregada quando eu consigo. Se estou num mês mais apertado, pago apenas a passagem dela nos dias que ela vai. Pago também supermercado, quando sou eu que vou. Quando é ele que vai, ele paga. Gasolina é a mesma coisa. Eu adoro comprar coisas para casa, estou sempre consertando alguma coisa ou implementando a decoração.”

CLÁUDIA: “Eu fico com a empregada. (...) Além disso, eu recebo do meu trabalho um cartão de alimentação; então, com aquilo dali, eu faço o supermercado. Aí, ficou luz, gás, telefone e cartão de crédito com o meu marido. A gente tem um cartão de crédito que é conjunto, o meu marido paga. E aí, eu pago o outro que é meu. O condomínio da nossa casa ele que paga.”

Alice, por ganhar bem menos que o marido no início de seu casamento, não costumava arcar com nenhuma conta da casa, porém, na medida em que seu trabalho começou a dar algum retorno financeiro, ela assumiu o pagamento da empregada com satisfação, já que era resultado do seu crescimento profissional. Alice relata-se sentir muito bem em poder contribuir com alguma conta da casa.

ALICE: “Hoje, eu consigo comprar alguma coisa. Hoje, eu consigo comprar um presente. Sei lá, um presente pra alguém com o cartão dele. Hoje, eu consigo comprar uma roupa pra mim com o cartão dele. Hoje, eu me sinto mais à vontade pra fazer isso. Talvez, porque eu comecei a ganhar alguma coisa. Parece que, a partir do momento em que eu comecei a ganhar, vem um pensamento do tipo ‘Ah, então, eu também posso, porque eu tô conseguindo pagar algumas coisas’. Ontem, por exemplo, pela primeira vez, eu paguei a empregada. Eu [es]tava saindo de casa. Foi mero acaso. Ele falou: ‘Tira dinheiro, pega dinheiro no banco, eu transfiro para você.’ Daí, eu disse: ‘Então, [es]tá bom, mas não precisa transferir, porque esse mês eu consigo pagar.’ ‘Não, não vou precisar transferir?’[surpreendeu-se], ‘Não, eu tenho’[confirmei]. Isso é MUITO bom. Eu tô construindo minhas coisas.”

Gabriela e Lúcia são casos diferentes e extremos, pois Gabriela ganha pouco e deposita tudo na conta do marido – trata-se de uma conta conjunta, porém que só ele administra –, e Lúcia, na época da entrevista, arcava com tudo da casa sozinha, por conta do desemprego de seu marido. É interessante notar o quanto o poder contribuir com as contas da casa, hoje, coloca homens e mulheres em situação semelhante. Parece haver uma queda na auto-estima de ambos, melhor aceita pela mulher do que pelo homem nessa mesma situação. Provavelmente, para o homem seja pior não poder contribuir em casa, por conta de seu papel de provedor fortemente arraigado em nossa cultura. No entanto, ambos mudam o comportamento diante do outro, por causa da sua não-participação direta no pagamento das contas.

GABRIELA: “Eu concordo com o que a gente conversa. Eu fico chateada de não ter o dinheiro, de não ter o meu dinheiro. Não porque ele veta, muito pelo contrário, até de ir ao salão, ele me incentiva. Mas de não ter mais, de não poder estar ajudando mais. É mais pelo não poder ter do que pelo acordo que a gente teve. Eu acho que realmente tem que cortar o salão mesmo e, quando eu quero muito, eu peço para ele.”

Na fala de Gabriela, uma vontade sua – a de ir ao salão – é tratada como algo que é definido pelo marido como prioridade ou não. Sem perceber, ou falar como crítica, Gabriela diz que ele é quem decide se ela pode, naquele mês, ir ao

salão. Por mais que ela diga que tudo é conversado, na hora do corte, vale a palavra final dele. No entanto, uma satisfação que o marido tem não entra em negociação na hora de definir onde o casal pode economizar. O marido gosta de tomar cerveja no fim de semana. Com isso, toda sexta-feira, ele compra no mercado. Por mais que ela reclame, ele compra de qualquer forma. Então, não resta a ela outra alternativa, senão concordar com ele, apesar de parecer não ter consciência desse processo, percebido através de sua necessidade de ficar se justificando para a entrevistadora.

GABRIELA: “Meu marido é muito engraçado. Chega sexta, ele quer comprar cerveja ou ir para um barzinho. Eu falo pra ele para ficarmos em casa e economizarmos um pouco naquele final de semana, mas ele diz que ele precisa se dar esse presente, já que ele rala tanto. Eu também trabalho e coloco dinheiro na conta dele, mas ele não vê isso. Conversamos sempre. Por outro lado, eu entendo; afinal, eu não olho a conta, não me preocupo tanto com dinheiro assim. E ele realmente trabalha muito.”

Lúcia assume outra postura diante do dinheiro. Como ela é quem detém a maior parte da renda familiar e o marido estava, nessa época, em uma situação bastante instável, ela diz que procura compreender e conversar com ele, para que ele se sinta mais à vontade. Neste caso, ela percebe que ele se sente inferiorizado ao ter que pedir dinheiro para ela e acaba não aceitando sequer ir a um cinema. Até mesmo diante dos amigos, não fica à vontade para aceitar alguma coisa.

LÚCIA: “(...) No início, a gente conseguiu dividir as contas meio-a-meio. Toda vez que houve mudanças nesse percurso, na minha renda, a gente sentou e acertou as contas. (...) E assim era. As nossas prioridades eram o aluguel, a luz e o telefone. (...) Aí, na metade do ano passado, ele perdeu o emprego e começou a fazer uns vãos como *freelancer*. Ao contrário do que foi no começo em que ele pagou sozinho boa parte das coisas, nos outros seis meses em que ele ficou sem emprego, fui eu que paguei. Essa foi uma época bem mais complicada. A gente sentou e falou [ou melhor, eu falei]: ‘Você perdeu seu emprego. Agora, vamos fazer o inverso daquela época. Agora, quem paga sou eu. Quando você conseguir alguma coisa, a gente volta a dividir.’ No primeiro mês, isso se deu normalmente. No segundo, eu já fui percebendo que, pra ele, era um pouco incômodo o fato dele não poder me ajudar em absolutamente nada. Eu percebia em algumas coisas. Por exemplo, eu falava pra ele assim: ‘Ah, a gente podia ir no cinema.’ E ele respondia: ‘Eu não tenho dinheiro’. E eu [insistia] ‘Não, mas, de repente, eu posso pagar pra você, a gente vai numa quarta.’ Eu tentava achar uma possibilidade. Aí, ele [completava]: ‘Ah, não, eu não tenho nenhum dinheiro pra pagar nada aqui em casa daí eu pego e vou ao cinema?’ São essas frases... ou então coisas assim: ‘Pô, o telefone veio caro pra caramba esse mês; então, acho melhor eu nem usar.’ Então, começaram algumas falas assim. Eu acho que o fato dele estar sem emprego, deixou ele

muito mal, não só pelo dinheiro, mas pelo fato de estar se sentindo ocioso. E acho que, por isso, a questão do tempo estar passando e as coisas não estarem acontecendo pra ele e a idade está indo. (...) Eu via assim: às vezes, a gente tinha um aniversário, ou um amigo chamava para tomar uma cerveja, e era muito difícil ele deixar o amigo pagar uma cerveja pra ele. Mas às vezes acontecia. Então, eu acho que o que foi mais difícil, não foi falar da divisão, foi o fato dele não poder contribuir. E isso era o que ele não falava e, aí, isso fazia mal pra ele.”

Nos dois últimos casos citados acima – o do marido de Lúcia e o caso de Gabriela –, depender do dinheiro da esposa ou do marido, respectivamente, é algo mal administrado por ambos: no caso do marido de Lúcia, por ser homem e demonstrar-se sentir inferiorizado diante da esposa ou dos amigos; e, no caso de Gabriela, por ter suas necessidades desvalorizadas pelo marido. Ainda que Gabriela ganhe alguma coisa, assumiu, na entrevista, ser muito pouco, para se sustentar sozinha. Gabriela, desta forma, não atingiu sua independência financeira. Sua dependência a coloca com menos poder de decisão no casamento, o que é uma questão bastante atual, se considerarmos o fato de que, somente a partir da década de 60 do século XX, a mulher de classe média/alta começou a se inserir no mercado de trabalho.

Negociar prioridades, nesse sentido, passa a ser negociar conjugalidade e individualidade. Vejamos alguns depoimentos:

Para Beatriz e Bruna, a casa é uma prioridade, o que já não é para seus maridos. Foi preciso muita conversa para conciliarem o interesse de ambos.

BEATRIZ: “Isso é uma coisa engraçada, porque, assim, eu tenho muita preocupação... quer dizer, um hobbie meu é essa coisa de arquitetura, de decoração, de montar o ambiente, querer organizar as coisas bonitinhas da casa. Quando a gente foi pensar na nossa casa, eu ficava desenhando os projetos, como é que ia ser o móvel de cada ambiente, coisa e tal... (...) Só que, na época do casamento, meu marido ainda estava muito assustado com o quanto ele poderia gastar na casa, na lua-de-mel e tudo isso... (...) Então, ele ficava muito assustado com as minhas megalomanias no apartamento, né. Ele me dava uma freada. Ali, foi o momento de muita discussão, porque, pra ele, [o que] era supérfluo, pra mim, era necessidade básica. Ter sofá na sala, uma mesinha de centro, uma luminária, [tudo da casa] era uma necessidade pra mim. E, pra ele, era supérfluo. Se não desse [para comprar] pra ele, a gente esperava. O importante era ter um colchão e uma televisão. (...) E aí, com um mês de casamento, ele ficava assim. Por exemplo, se eu pegasse o telefone pra ligar para alguém, ele ficava assim: ‘Você está ligando pra celular ou telefone fixo.’; E eu falava assim: ‘eu tô ligando pra celular e vou ligar pra celular, qual o problema? A gente não está nessa pindaíba toda.’ E aí, a gente teve uma conversa séria sobre isso. Porque eu falei pra ele que essa coisa de ter uma casa arrumada com tudo no lugar é uma coisa muito importante pra mim e que a

gente tinha uma reserva financeira pra fazer isso, né? E, aí, ele entendeu isso, e a gente está fazendo o projeto pra ajeitar esse último quarto. Então, assim, acho que, agora, a gente está num ponto de ter as mesmas prioridades, assim. Nossa prioridade agora é viajar e ajeitar esse quarto e [fazer] cursos, [pois] a parte profissional é sempre prioridade também. Sei lá, acho que não tem nada, hoje, que ele veja como supérfluo assim, algo que eu ache importante. Mas tivemos que conversar muito.”

BRUNA: “Quando a gente começou a planejar a casa, a gente começou a pensar o que a gente precisa para viver, o que a gente precisa ter na nossa casa para a gente começar a viver. Aí, nós fizemos o básico. Até fizemos bastante o básico. Então, agora, existem uns detalhes ainda que precisam ser comprados para casa. Mas, como a gente montou muito rápido o nosso apartamento, meu marido fala para mim, para a gente parar um pouco de falar em comprar e falar mais em vender alguma coisa. (*e ri*) Então, hoje, a gente discute muito ainda o que é supérfluo e o que é necessário. A gente não está conseguindo chegar a um acordo legal do que é necessidade e supérfluo para cada um. Existem ainda umas discussões, enfim... (...) Por exemplo, é... (*pausa*) eu acho que é uma necessidade aqui ter um outro abajur na minha sala. Eu acho que faz parte da iluminação. Existem horas em que eu sinto falta de um abajur do outro lado da sala. (...) E, para ele, tanto quadro, quanto abajur são extremamente supérfluos.”

Daniela já não teve o mesmo problema, pois ela e o marido são arquitetos e possuem os mesmos interesses na casa. A partir do momento em que há uma concordância, tudo fica bem mais fácil. No entanto, Gottman (1998, 2004) nos chama a atenção para o fato de que não é a existência do conflito que seria considerada problemática no casamento, mas, sim, a maneira de resolvê-lo²¹.

DANIELA: “Depende da prioridade. Agora por exemplo a prioridade é minha casa que eu tô arrumando a casa, então nesse momento qualquer coisa que não seja para casa é supérfluo. (...) A gente concorda assim 100%. Isso não é supérfluo. Coisas pra casa, receber os amigos, viajar, isso não é supérfluo.”

Rafaela prioriza, junto com seu marido, o respeito pela individualidade de cada um, pois, uma vez que já quitaram as contas comuns do casal, cada um tem liberdade de investir o próprio dinheiro no hobby que quiser – coisas que nenhum dos dois abrem mão.

RAFAELA: “Não abrimos mão de ter uma vida social saudável, frequentar restaurantes bons o que não, necessariamente, significa ‘caros’, encontrar os amigos, visitar nossos pais fora da cidade. Também adoramos ficar em casa, vendo filmes, conversando... Não abrimos mão de irmos a São Paulo nos

²¹ Ver categoria 5.2.5, referente à comunicação conjugal, para compreender melhor os processos envolvidos nessa negociação.

divertir e renovar nossa vida cultural. Algumas de nossas prioridades de compra são livros e CDs. Não abrimos mão de comprar bons livros e CDs. Ele não abre mão também de comprar excelentes instrumentos – guitarras e equipamento de som –, pois possui uma banda de rock e é apaixonado por música, seu hobbie número um. Novidades automobilísticas – carrões e acessórios para carros – são totalmente supérfluos para ele. Quanto a mim, não abro mão de comprar roupas, ir ao salão, comprar minhas revistas e livros, em grande parte por prazer, mas também por trabalhar com Moda. Também não abro mão de despesas envolvendo comunicação, pois meus pais moram longe e gasto bastante telefone fixo e celular para estar em contato com eles. E também não abro mão de investir em, pelo menos, duas viagens por ano para encontrar minha família. Pode ser indo até a casa deles [que moram em outro Estado] ou trazendo-os para minha casa por minha conta. Temos espaço no nosso casamento para isso, pois somos super certinhos com dinheiro. Uma vez quitadas as obrigações, cada um administra o dinheiro com o que gosta de fazer.”

Já Gabriela, citada anteriormente, é única dentre nossas entrevistadas que possui conta conjunta com seu marido e que delega a ele o controle de tudo, queixa-se muitas vezes da falta de acordo nas prioridades e supérfluos de cada um.

GABRIELA: “Até hoje, a gente não chegou num acordo. A questão não é que eu quero gastar muito no mercado. Eu não compro nenhuma besteira. O meu gasto no mercado é para comprar carne, legumes e verduras, feijão, não compro nenhum biscoito, nenhum peixe. Mas eu acho que o fato dele ser homem interfere na questão. Ele não vive na cozinha, não sabe escolher o que precisa, ele acha que uma bandeja de frango dura muito mais. Na verdade, dura uma refeição, sabe.... Então, assim, para ele, se não tem alho e cebola, não tem problema. Mas, sem alho e sem cebola, você não faz nenhuma outra comida, sabe....você não começa uma cozinha sem alho e sem cebola. Tipo, eu não vou deixar de comer legumes, sabe. Então assim, entra nessas questões, a gente não chega a brigar, apesar de que, às vezes, ele pergunta, pela milésima vez, a mesma coisa... Ah, tem uma coisa que é muito interessante... Quando a gente casou, nossas mães ainda ajudavam com as compras do mercado.... minha mãe, até hoje, ainda vai no mercado e faz minha feira. Mas isso foi reduzindo, porque, no início, a gente viveu um pouco de aperto – logo, no início. E elas começaram a ajudar e a gente se acomodou um pouco nessa posição. Mas, na verdade, não era real o nosso gasto, porque a mãe dele comprava na feira frango e gastava 100 reais. Então, não era real o nosso gasto. Somado a isso, as coisas aumentaram de preço mesmo e fora que a gente tem comido mais em casa. A gente está com empregada é mais uma boca comendo. Ou seja, ele quer eu economize no mercado, mas abrir mão de comer direito, eu não abro. Aí, que eu fico com raiva, porque, como eu não ganho muito dinheiro, ele se acha no direito de definir o que pode e o que não pode, inclusive no mercado. Mas pergunta se ele abre mão do barzinho?”

Portanto, a partir da forma como um casal define o que é prioridade e supérfluo para a vida a dois, temos um retrato do que seria conciliar desejos e necessidades de ambos em um só planejamento.

5.2.2

Administração financeira: conta conjunta ou separada? A mulher vê seu dinheiro como comum ou como próprio?

É importante saber se um casal decide por conta conjunta ou separada, pois esse acordo revela percepções fundamentais sobre o dinheiro no entendimento da dinâmica de um casamento.

Entre as mulheres entrevistadas, onze mantêm contas separadas, ainda que uma delas – Daniela – tenha uma terceira conta conjunta para projetos a dois e duas – Juliana e Beatriz – ainda pretendam ter esse mesmo esquema.

DANIELA: “(...) A gente nunca teve esse negócio de essa é a minha conta e a sua conta. A gente sempre fez assim, o cartão veio mais alto esse mês: então, paga na sua conta e eu acabo que pago as outras coisas na minha conta. Isso foi no começo. Depois, a gente passou a ter uma terceira conta, que é conjunta, porque ficava muito complicado, passar dinheiro... (...) Ficava meio complicado, aí, a gente resolveu abrir uma conta conjunta. Eu ainda continuo tendo uma conta minha e ele também. Então, assim, a maioria do dinheiro vai para uma conta conjunta e não tem uma divisão pela metade. O dinheiro é nosso. A gente não separa as contas para cada um. Se ficar mais fácil eu pagar, porque o banco é mais próximo, eu pago. Se ele tem mais dinheiro no banco, ele paga. A gente pensa como nosso dinheiro. Então, essa terceira conta, que é uma conta poupança, nós colocamos tudo que sobra.”

BEATRIZ: “Assim, antes do casamento cada um pagava suas contas. Ele nunca teve essa coisa de... ele não tinha condição de ter essa coisa cavalheira, assim, de pagar as minhas contas, né? É e eu não fazia questão disso. Então, a gente conversava sobre dinheiro. Assim, eu sabia quanto ele estava ganhando nos estágios em que ele entrava, quando ele começou a trabalhar. Mas eu não tinha o controle financeiro sobre a conta dele e nem ele sobre a minha conta. Quando a gente decidiu casar, uma das coisas que a gente ainda não fez, mas que a gente tem a intenção de fazer, é ter a conta conjunta... Porque, aí, desde que a gente ficou noivos, virou, assim, nosso dinheiro. Então, tanto fazia se era eu ou ele que estava pagando aquela conta, né? E aí, a gente sabe exatamente quanto de dinheiro está entrando para um e quanto de dinheiro está entrando para o outro. Vê extrato, enfim, conversa mais sobre o assunto. Virou o nosso dinheiro, não o seu e o meu.”

JULIANA: “Por enquanto, separada. A gente já até falou em ter uma conta nossa, em que colocasse a grana para pagar as contas da casa e das viagens e essas coisas. Mas a gente ainda não fez. Pretendemos, mas ainda temos muito pouquinho tempo morando juntos. Tivemos várias outras coisas para decidir.”

Como vimos, Daniela e Beatriz não fazem distinção do dinheiro delas e deles. Consideram, a partir do casamento, o dinheiro como do casal. Juliana já não pensa assim. Pensa em ter uma terceira conta conjunta, mas não gosta de misturar relacionamento amoroso com dinheiro. Prefere que tudo fique bem definido, inclusive a decisão pelo acordo sobre divisão de bens em caso de separação.

JULIANA: “Eu não gosto de misturar o dinheiro com o relacionamento. Eu acho que uma coisa é uma coisa outra coisa, é outra coisa. Não tem essa de que construiu depois. Se fosse aquela mulher antiga, que estava em casa, cuidando dos filhos, para o cara trabalhar, aí, acharia justo. Porque a pessoa que ficou casada 50 anos, depois que se separa tem que levar alguma coisa. Claro, a pessoa estava lá... Agora, hoje em dia... Eu vejo, assim: talvez, se eu não tivesse dinheiro e ficasse mais em casa e trabalhasse meio período para ficar com os filhos e ele tivesse que trabalhar, acharia justo dividir, entendeu? Mas, nesse caso. Eu tenho dinheiro meu. Ele pretende construir o dele. E, nesse caso, o trabalho dele é uma coisa e o trabalho da minha mãe, do meu avô é outra, bem, diferente. Eu não acho que teria que dividir nada. Acho que o bom para ele d’eu ter dinheiro é ficar com os filhos dele, que vão ser os meus. Acho que vai ser confortável ele saber disso, mas é isso. Se precisasse, eu emprestaria, claro. Mas acho que nada a ver imaginar que isso é uma questão. Não vejo o menor motivo para ter uma união parcial ou total. Combinamos de assinar o acordo de separação total de bens.”

Um aspecto digno de nota refere-se ao regime de bens. Somente três mulheres – Juliana, Carolina e Sabrina – optaram por separação total de bens, em que, após o casamento, cada um fica com o que já está em seu nome. Os motivos para essa opção variaram, de acordo com a história das famílias de origem delas ou dos maridos – histórias que marcaram a vida dos filhos. Com isso, possuem crenças muito fortes de que cada um deve construir sua vida e que, por mais que durante o casamento, a luta seja comum, é preciso construir a própria segurança.

SABRINA: “Quanto ao regime de bens, era certo pra gente que seria separação total. Acho que, pela história de separação dos nossos pais, que, nesse sentido – de divisão de bens –, foi terrível e muito parecida, achamos mais justo, ao longo da vida, irmos colocando, nos imóveis que comprarmos, o nome dos dois. Preferimos escolher o que será de quem, e não misturar tudo, pois, pensando na união, tudo é dos dois mesmo. E, pensando na separação, é melhor que essa divisão seja justa e, nem sempre, o meio-a-meio é exatamente justo, vide a história de nossos pais.” (*Ambos os pais dela e do marido brigaram muito na justiça para definir o que era justo na separação dos bens. Ambos*

casaram no regime de comunhão total de bens – onde todos os bens que existiam antes e depois do casamento passam a ser dos dois –, comum há 30 anos atrás).

CAROLINA: “Nós nos casamos com separação total de bens, porque os pais dele tiveram um processo trabalhista de uma empresa em que o pai nem era mais sócio e eles se ferraram. Aí, foi uma devastada geral quase. E eles tinham comunhão total de bens e a mãe dele tinha muita coisa dela, que não tinha nada a ver com ele. E, aí, a gente casou [em regime de separação total de bens] por causa disso, entendeu? Então, facilita. Meus pais também concordaram. Meus pais não têm dinheiro nenhum, estão com um problema na empresa deles e, para não correrem o risco de confiscarem o apartamento que herdaram do meu avô, alegando que já possuem apartamento próprio, eu fui correndo e passei pro meu nome. Assim, tinha mínima chance de tomarem o apartamento dos meus pais. Imagina, depois, numa separação, dividir isso meio-a-meio. Não que a gente case pensando em separação, mas temos que admitir que o mundo mudou.”

As outras entrevistadas optaram por regime de separação parcial de bens, ou seja, tudo que foi construído após o casamento é dividido meio-a-meio, em caso de separação.

É interessante pontuar que, ao longo das entrevistas, não percebemos nenhuma associação entre perceber o dinheiro como próprio, ter conta separada, e possuir regime de separação total de bens, que poderíamos considerar um comportamento mais individualista. Pelo contrário, enquanto algumas mulheres consideram o dinheiro como “nosso”, também gostam de administrá-lo e se dizem, às vezes, até mais organizadas que seus maridos. Não necessariamente, ter conta separada significa, então, pensar o dinheiro como individual. Já, para quem tem conta conjunta, é unânime pensá-lo como comum.

No entanto, percebemos algumas contradições em relação a comportamentos e crenças revelados por nossas entrevistadas. Seguem trechos do discurso de Carolina em dois momentos.

CAROLINA: “O sentimento de participar da compra do apartamento é um sentimento assim: eu trabalho MUITO, não é que eu trabalho muito e preciso ser recompensada, mas é a necessidade de ver o resultado. E isso é uma coisa totalmente minha, não tem nada a ver com ele. Sou eu e minhas crises. (...) Mas, a verdade é que desde que eu casei, eu nunca mais paguei nada. Nem me preocupo com isso. Isso é surreal. Que seria aquela idéia do dinheiro ser nosso. Só que não existe dinheiro nosso. Pra mim é muito claro isso. Por exemplo, se o meu marido me empresta dinheiro eu pago a ele. Porque eu quero pagar. Porque minha independência está ali. Mesmo se eu sei que o meu dinheiro no final do mês não vai dar pra pagar tudo. Entendeu. Mas eu ... meu salário fixo mensal é ridículo, então quando eu ganho as comissões, aí eu vou repondo, vou

pagando dessa maneira.”

CAROLINA: “Acho que é mais complicado pra mim. Essa coisa mesmo de não ter dinheiro, é complicado, mas eu também tive um histórico disso. Minha família sempre teve o dinheiro super contado. De achar que isso é muito importante na vida, entendeu? Fundamental, para não ter crise, para não ter briga. Porque na minha casa, o maior problema de estresse era o dinheiro, problemas de depressão, de ansiedade, de tristeza, sempre foram por causa disso, sabe? Apesar da gente sempre ter tido tudo, meus pais sempre conseguiram dar tudo pra gente. Realmente, mas se sacrificaram muito. Eu tenho muito isso pra mim, na minha relação com o trabalho, na minha relação com o dinheiro, de ter que ser melhor, ter que ser melhor pra que aquilo não acabe. Se eu trabalhar menos é como se eu perdesse essa garantia. Também não sei, estou falando aqui pela primeira vez. Mas é porque me angustia muito isso hoje em dia.”

Como podemos observar, Carolina não acha que o dinheiro é dos dois: o tempo todo, fala que não sente o dinheiro dele como dela, mesmo com o marido não fazendo nenhum tipo de restrição. Pensa em ter sua segurança financeira de forma independente. Deseja, inclusive, participar da compra do apartamento, nem que seja com 10% do valor, para ter certeza de que está vendo o fruto do seu trabalho se concretizar. Em contrapartida, é uma das únicas mulheres que não gosta de administrar “coisas de banco”²². Ora, se ela não se apropria das decisões financeiras e delega para o marido fazê-lo, dando-lhe a sua senha do banco e esperando que ele deposite dinheiro para ela, como pensa em construir sozinha sua vida? Parece que essa crença está muito mais coerente com a história de seus pais do que, simplesmente, com seu comportamento no presente.

Por outro lado, a maioria das mulheres, independente de terem contas separadas, considera as contas comuns do casal como algo que deva ser respeitado e honrado. A partir do momento em que as contas comuns da casa foram sanadas, o que sobra supre as necessidades e as prioridades individuais. No discurso dessas mulheres, a autonomia acontece aí, a partir do momento em que elas têm planos individuais para o dinheiro.

RAFAELA: “Temos contas separadas. Não controlamos as finanças um do outro, apesar de conversarmos abertamente sobre isso e de planejarmos gastos conjuntos. Também achamos muito confuso duas pessoas controlando uma única conta. (...) Como temos contas separadas e cada um é o dono do seu dinheiro, conversamos entre nós, quando vamos fazer alguma compra mais ousada, muito mais para ouvir a opinião do outro do que para obter aprovação.

²² Mencionamos essa característica de Carolina na categoria 5.2.1.

Cada um é livre para gastar seu dinheiro como quiser, respeitando sempre as contas da casa.”

SABRINA: “Nossas contas são separadas. São as mesmas da época de solteiro. Preferimos assim. O meu marido gosta de aplicar, mexer muito no dinheiro – não era pra menos, é a profissão dele. Já eu gosto de aprender a mexer, tomar minhas próprias decisões, mesmo que ele me oriente, gosto de estar no controle do que é o resultado do meu trabalho. É assim que vejo. Não gostaria de ter conta conjunta e ter que ficar falando sobre aquilo o tempo todo. Acho esquisito ter que comunicar: ‘olha, comprei isso, anota aí... precisei de um shampoo...’. Acho que manter as contas separadas faz os dois crescerem e preservar a individualidade. Acho uma prova ainda maior de confiança, pois, de qualquer forma, estaremos juntos. Se um está usando mal o dinheiro, automaticamente, o outro vai sentir. Então, não precisa haver um controle direto. Já existe uma regulação da situação pelas próprias coisas da vida. Não entendo como isso pode dar certo hoje em dia. Na época em que as mulheres não trabalhavam, até entendo, pois era preciso encontrar um jeito delas terem acesso ao dinheiro. Mas, hoje, que cada um ganha o seu? Prefiro administrar, ver o dinheiro entrar e sair, sentir o crescimento profissional, administrar e ficar cada vez melhor nisso. Entro na conta sempre, sei cada centavo que vai entrar e que vai sair. Com isso consigo me planejar. De qualquer forma, o dinheiro de cada um indo bem, é a nossa vida que vai melhorar. Porque, quando você casa, o dinheiro passa a ser dos dois.”

Mas, quando um gasta irresponsavelmente o próprio dinheiro e não cumpre o que é comum do casal, cada desejo particular é motivo de estresse.

SABRINA: “Sempre fui de comprar muita roupa, acho que, como toda mulher... Mas, com isso, gastava mais do que ganhava, não juntava dinheiro e ficava sempre apertada. Eu acabava mentindo, escondendo sacola, mesmo quando morava ainda com a minha mãe. Meu marido, ainda, na época do namoro, cobria minha conta... isso me fazia MUITO mal e gerava um estresse entre a gente. Então, um dia, conversamos seriamente e descobrimos qual era o melhor comportamento financeiro que eu poderia ter e o que eu não poderia fazer, para o meu bem e o bem do casal.”

Quanto à conta conjunta, apenas Gabriela tem conta conjunta com o marido e, mesmo dizendo que não gosta do controle que ele exerce sobre o dinheiro dos dois, não se apropria das decisões, usando a diferença de idade como justificativa para o maior interesse dele em se preocupar com o futuro e não ela.

GABRIELA: “Nossa conta é conjunta. No início, decidimos por isso, para facilitar nossa vida, já que eu ganhava bem menos e nunca gostei de olhar e controlar muito a conta. Mas, no dia-a-dia, ele me controla muito e reclama muito de mim. Hoje, melhorou um pouco, mas era, diariamente, querendo controlar os meus gastos... É, eu me preocupo menos que ele, mas, aí, pode ser por causa da diferença de idade. Ele está com 34 [anos] e eu estou com 25.

Essa diferença pesa. De pensar no futuro, ele se preocupa mais.” (*Contribui com 15% da renda familiar*)

No entanto, assim como Gabriela, Alice também não consegue contribuir muito para a renda familiar, mas nem, por isso, optou por conta conjunta. Ao contrário, pensa na conta separada como uma forma fundamental de manter sua individualidade, ainda que precise de mesada do seu marido. Os dois optaram por isso. Aliás, Alice relata que a idéia de ela ter um cartão de crédito partiu de seu marido em uma tentativa de deixá-la à vontade com suas escolhas. No início, ela se sentia desconfortável, mas acabou se acostumando e percebendo que seu marido, realmente, não lhe cobrava satisfação – apenas pedia que ela se organizasse para preveni-lo quanto aos gastos que ele teria naquele mês. Alice se diz muito satisfeita com o modo como o marido lida com a questão. Sua insatisfação está mais ligada a sua vontade de ganhar mais dinheiro e ser mais independente. Nesse caso, Alice tinha autonomia, mas não independência financeira.

ALICE: “No início do casamento, eu não ganhava nada e partiu dele a iniciativa de pensar em algo que ficasse bom para nós dois. Ele, na época, conversou comigo para fazermos algo [para] que eu pudesse ter liberdade de decisão sobre o meu uso do dinheiro. E, então, ele depositaria para mim um valor mensal fixo na minha conta. Nós não optamos por conta conjunta. O valor seria algo que suprisse conta de celular, coisas do consultório, meus almoços na rua. Conta conjunta nunca passou pela nossa cabeça, porque a gente queria manter a individualidade de cada um. A gente queria ter liberdade e fugir um pouco dessa coisa de controle, assim. Principalmente, porque eu não sei me organizar muito e ele sabe bastante, ele é economista. E, aí... [Es]Tá certo que, volta e meia, eu precisava pedir, mas ele nunca me perguntava porque. Logo que a gente casou, ele me deu dois cartões de crédito, onde ele depositava pra mim esse dinheiro. Na verdade, assim, as despesas da casa, eu pago no cartão de crédito, que é dele, e o dinheiro que ele deposita pra mim fica para as minhas coisas. Ele nunca me pergunta nada. A única coisa que ele me pede é o recibo do cartão, porque ele precisa ter todo o controle do que está sendo gasto. Ele é muito metódico.”

O dinheiro, portanto, traz uma carga emocional sobre o seu uso capaz de deixar transparecer amor e segurança – como vimos no caso de Alice –, ou intolerância e críticas – como no caso de Gabriela.

5.2.3

Significados atribuídos pela mulher ao seu dinheiro

Considerando que os significados atribuídos ao dinheiro dependem de crenças e expectativas aprendidas na história pessoal e cultural de cada indivíduo, utilizaremos as quatro dimensões sugeridas por Rose & Orr (2007), citadas no início deste trabalho, para nortear a análise do significado atribuído pelas mulheres ao dinheiro. As dimensões citadas são: a) sentido de realização: o dinheiro significando sucesso; b) de status: o dinheiro usado para impressionar as pessoas; c) de preocupação: dinheiro gerando ansiedade, incerteza; d) de segurança: influenciando a economia do dinheiro.

Alice foi uma de nossas entrevistadas que expressou, de maneira espontânea, o significado do dinheiro no seu casamento. Demonstrou muita satisfação ao falar da maneira como seu marido lida com o dinheiro do casal e da forma como se sente valorizada com isso. Para ela, o dinheiro funciona como segurança e realização (Rose & Orr, 2007), além de ser expressão de afeto, companheirismo e sentimento de família.

ALICE: “Eu falo pra ele que ele sempre acreditou muito mais em mim, do que eu mesma, a todo momento. E esse crédito veio através do dinheiro, sim, fato, mas veio também subentendido como várias outras coisas. Veio através do dinheiro, porque, pela profissão que a gente tem, a gente precisa investir dinheiro. Tem que ser. Então, com isso, ele pagou vários cursos de pós[graduação], de especialização, sempre acreditando muito em mim. Vejo essa questão do dinheiro como uma forma que ele tem de demonstrar credibilidade, de sentimento de família, de divisão, de construir algo comum, de sentimento de família mesmo, de construir algo que é conjunto; e que o dinheiro faz parte dessa construção. (...) Além disso, ter reconhecimento no meu trabalho, também se expressa através do dinheiro, é mais indicação que surge, é mais trabalho, é mais dinheiro.”

Para Carolina e Sabrina, por sua vez, existe uma preocupação enorme em torno do dinheiro fundamentada na história de seus pais.

CAROLINA: “(...) Meus pais perderam tudo que construíram por causa de um sócio. Vivi tendo que lidar com a tristeza e o estresse deles em relação ao dinheiro. E eu tenho muito isso (*ansiedade*) pra mim na minha relação com o trabalho, na minha relação com o dinheiro, de ter que ser melhor, ter que ser melhor pra que aquilo não acabe. Se eu trabalhar menos é como se eu perdesse essa garantia. Trabalhar, ganhar dinheiro é afastar essa possibilidade. É caminhar para construir alguma coisa.”

SABRINA: “Quero construir possibilidade para mim. Não conseguiria depender de marido, porque, hoje, me sentiria insegura. A mulher que não constrói sua segurança sozinha, está lascada. Vi minha mãe, uma mulher super inteligente, separar do meu pai e ter que depender do dinheiro dele para viver... Com isso, não tem jeito, a pessoa acaba se humilhando.”

Nenhuma mulher demonstrou atribuir ao dinheiro o significado de status. Por mais consumistas que algumas admitiram ser, não mencionavam nenhum valor que confirmasse a busca por status.

De qualquer forma, a independência e a autonomia foram mencionadas em todas as respostas. O dinheiro parece funcionar, hoje, para as mulheres de classe média/alta, segundo nossas entrevistadas, como possibilidade de tomar decisões e satisfazer hobbies e necessidades particulares. Independência e autonomia²³ significam busca por segurança no dinheiro através da realização no trabalho. Todas ressaltaram a questão profissional como fundamental para suas vidas.

LÚCIA: “Eu acho que, assim, eu me sinto muito mais independente. Se fosse morar com ele ou sozinha, era o tornar-se independente. Eu sempre gostei de trabalhar, eu comecei a trabalhar muito cedo, com 14 anos, e eu paguei boa parte da minha faculdade. Eu trabalhei até o último ano da faculdade e ajudei a pagar os estudos. Então, assim, pra mim, hoje, o dinheiro não representa só isso. É poder dizer que eu pago minhas contas, eu tô conseguindo trabalhar. Mais importante, assim, eu tô conseguindo fazer coisas na minha profissão, porque eu batalhei muito para fazer a faculdade. E acho que, hoje, se eu tivesse que trabalhar com coisas que não dentro da minha área, eu ia trabalhar para pagar as minhas contas, mas não tão feliz como eu estou hoje. Então, assim, trabalhar na área me faz muito bem. Eu sinto que todo investimento, não só financeiro, mas de estudo desde o vestibular até terminar a pós [graduação], foram conquistas desse caminho profissional que eu estou tendo. (...) Então, eu acho que, hoje, o dinheiro que eu ganho significa minha independência, significa um crescimento. Eu acho que, hoje, eu sou muito mais mulher, no sentido de madura – não no sentido de feminina, mas madura –, do que quando eu morava com meus pais.”

Outro fator importante, que merece destaque é a preocupação de todas as mulheres de não terem que pedir dinheiro ao marido. Hoje, para as mulheres que trabalham e ganham seu dinheiro, poder usá-lo e tomar as próprias decisões faz delas pessoas mais livres e autônomas. Segundo Sabrina, o próprio marido valoriza mais a mulher que trabalha e é independente.

²³ Sobre independência e autonomia, ver categorias 5.2.1 e 5.2.2.

SABRINA: “Prefiro estar sempre à frente de nossas realizações, tanto quanto o meu marido, e crescer junto. Além disso, o trabalho é minha liberdade. Não gosto de ficar sendo controlada naquilo que tenho vontade de fazer. Apesar de que, hoje, eu penso muito mais como casal, do que no namoro... Essa cobrança nem, de longe, é do meu marido, ela é minha, mesmo. Eu exijo de mim mesma essa independência. Ele não me cobra, mas sei que valoriza a mulher que trabalha e tem essa autonomia.”

Curioso notar que algumas mulheres mencionaram a questão dessa “autocobrança”, não tendo surgido a partir de cobranças diretas do marido, mas de uma exigência própria. Esse sentimento de se responsabilizar por tudo foi construído socialmente ao longo do século XX e internalizou na mulher uma exigência por ser auto-suficiente e bem-sucedida nas suas escolhas muito maior que em qualquer outra época (Rocha-Coutinho, 2001; Féres-Carneiro, 1998, 2001; Fleck & Wagner, 2003). Hoje, a mulher tem que estar à frente de tudo, dando conta de tudo, e muito confiante de sua capacidade. Carolina foi uma das mulheres que questionou esse “dilema” (em suas próprias palavras). Foi, por exemplo, uma das poucas que falou sobre seus questionamentos em escolher o melhor momento para conciliar filhos e carreira profissional.

CAROLINA: “[Exis]Tem horas em que eu penso, assim: queria tanto ganhar na Sena (*jogo de azar da loteria esportiva*). Eu sei que eu ia ter outros problemas, mas esse problema, eu não ia ter: a coisa do filho. Atualmente eu sou carente de tempo para pensar em planejar. Mas e o dinheiro? Porque, hoje, eu teria que reduzir o tempo de trabalho e, se você reduz o tempo de trabalho, você reduz o dinheiro. Se eu reduzo o dinheiro que já é bem menos do que o que meu marido ganha, vou ter que depender mais dele. E como é que vai ser isso? Será que ele entende o que isso significa? Eu acho que existe uma coisa que é muito enraizada na sociedade que a mulher tem que coordenar todas as tarefas de casa, todas – eu acho que tem isso enraizado. Eu acho que, assim, a gente coordena tudo, tudo de casa, e o homem tem que fazer tudo, todas as contas, que é muito pouco, se você for comparar com o que a mulher faz. Mas, mesmo assim, a gente tem que trabalhar, porque é o nosso lado produtivo. Trabalho doméstico não é visto mais como produtivo. É a remuneração que diz se o trabalho é produtivo ou não. Vivemos num mundo assim. Hoje em dia, eu acho que a obrigação é trabalhar, ganhar algum dinheiro, nem que seja para torrar tudo em roupa nossa. Não interessa. Eu acho que a obrigação só mudou, mas ela continua existindo: a obrigação do homem e a obrigação da mulher.”

Uma palavra muito usada pelas mulheres ao falarem sobre o significado que o dinheiro tem para elas foi: autonomia. Trabalhar e ganhar o próprio dinheiro significa para essas mulheres a possibilidade de ter acesso aos seus desejos e

vontades particulares. Alegam que ficam com mais liberdade de escolher o que querem fazer para si.

CLÁUDIA: “Ter uma independência, fazer o que você gosta. Por exemplo, eu gosto muito de bicho, nós temos lá em casa dois cachorros e três gatos. Então, eu que compro ração, levo ao veterinário – e isso é um prazer para mim. Eu acho que isso é uma independência. Porque, senão, eu teria que ficar pedindo para ele alguma coisa que eu que gosto, né? Às vezes, você quer comprar uma besteira, que você acha maravilhosa e, para ele, não tem o menor valor. Daí, você compra. Eu trabalho, eu posso gastar com isso. Daí, você tem que negociar o que tem importância para você que nem, sempre, tem importância para ele. Vamos supor, salão: você quer fazer a mão. Se o dinheiro é seu, você faz quantas vezes no mês você quiser; mas, se é dele, ele pode dizer para você fazer de 15 em 15 dias. E, daí, é horrível ter que pedir. Nas escolhas individuais, esse dinheiro traz autonomia e independência. Traz mais liberdade de ser independente em gastar o dinheiro com o que eu quiser.”

Independente do controle que os maridos tentem exercer – no caso de algumas delas –, esse controle se anula no momento em que a decisão final não fica apenas nas mãos deles.

BRUNA: “É muito bom. Porque as minhas vontades são as minhas vontades. Que não são as mesmas vontades do meu marido. Então, eu ter essa independência de não ter que pedir permissão, de não ter que dar uma satisfação para aquela minha vontade, isso para mim, essa independência é essencial. Sempre, eu nunca pensei em parar de trabalhar. Primeiro, porque a gente fica... nossa cabeça fica muito melhor, a gente fica atualizada, a gente está sempre ocupada – digamos, assim – e ganhamos nosso dinheiro para isso. Então, a gente se sente até valorizada pelo que a gente está fazendo. E eu acho isso muito legal. No final do dia você está cansada, porque você trabalhou e você vai ganhar o dinheiro no final do mês. É compensador, é gostoso, é uma sensação boa.”

O dinheiro, portanto, para aquelas que assumem o controle de suas contas e sabem se planejar, funciona como poder de escolha. Por outro lado, a dependência financeira delas, em relação aos seus maridos, também parece intolerável nos dias atuais, tanto pelas mulheres, como pelos seus pais²⁴ que as aconselham a serem sempre independentes e autônomas. Sendo assim, a maioria das mulheres de nossa pesquisa relatou, de forma explícita, a vontade de trabalhar e ganhar o próprio dinheiro, ainda que questionem como irão conciliar a carreira profissional com a chegada dos filhos. Percebem o dinheiro como algo que lhes garante o mínimo de individualidade.

²⁴ Ver categoria de análise 5.2.4.

SABRINA: “[O trabalho] É tudo. (*e fala mais enfaticamente*) É a minha independência, segurança e certeza de que tenho alguma coisa, totalmente, minha. Se o casamento não dá certo, tenho que me garantir desde já. É claro que acredito no meu casamento e casei para dar certo, mas acho que ninguém pode depositar no casamento o peso de depender daquela situação, para ter uma boa vida.”

Apenas uma entrevistada, – Beatriz – não enfatizou o ganho do dinheiro como algo fundamental. Valoriza o seu trabalho, mas não quer ter uma vida dedicada apenas a ele, pensa em diminuir o ritmo quando tiver filhos e não fala disso com nenhum questionamento. Cabe aqui sinalizar que o contexto econômico da família de origem de Beatriz é de classe alta e, talvez, esse fator influencie na sua tranquilidade diante do dinheiro, o que, de repente, lhe possibilita uma escolha que não reflete a mesma realidade das outras mulheres de nossa pesquisa. Além disso, ela possui um modelo familiar o qual, particularmente, admira muito – que segue um padrão tradicional da divisão sexual do trabalho: a mãe cuidando da casa e da família e o pai responsável pelo sustento de todos.

BEATRIZ: “Eu acho que o momento que eu tô vivendo, a minha geração, é uma geração em que as mulheres trabalham e contribuem com dinheiro para a casa. Então, eu nunca questionei a idéia de não ter esse papel. Pra ser sincera, as primeiras vezes em que eu comecei a questionar esse papel foram quando eu casei, que eu olhava pra minha casa e ficava com vontade de ficar lá, cuidando das coisas e ajeitando tudo, com tempo pra cuidar daquilo ali e da gente. Mas eu gosto muito do que eu faço, da profissão que eu escolhi, do tipo de trabalho que eu exerço. Então, tenho prazer no que eu faço e não acho que minha vida seria completa, se eu não fizesse isso. Mas eu... Não que esse é o meu único lado que tem que ficar existindo, eu quero que ele tenha um espaço. Mas não dedicação integral, o que, às vezes, o mundo vem exigindo de todo mundo, inclusive das mulheres. Eu vou querer, realmente, ter um tempo pra cuidar da minha família. Porque isso sempre foi um valor importante pra mim. Vi minha mãe fazendo isso e acho que foi ótimo, me sinto super cuidada e eu quero poder fazer isso pelos meus filhos, né? Ter o meu dinheiro é legal, mas eu não sei se, no meu relacionamento, isso faria diferença no tipo... Se ele pagasse todas as contas, se ele olharia pra mim de outra maneira. Eu acho que não, eu acho que isso não faria diferença. Eu acho que o meu dinheiro é legal, porque a gente, realmente, precisa dele, né, pra poder ter o padrão de vida que a gente quer ter. Mas, não acho que isso faz diferença, não faria diferença no nosso relacionamento.”

Como podemos notar, a independência financeira é almejada por todas as mulheres entrevistadas, não tanto Beatriz. Mas sentirem-se autônomas ou controladas varia de acordo com a maneira com a qual seus maridos lidam com

essa questão, principalmente em relação às mulheres que ainda possuem uma renda mensal baixa, para se sustentarem, e dependem, de fato, do dinheiro deles. Vimos, na discussão das categorias 5.2.1 e 5.2.2 o quanto o controle do marido de Gabriela a incomodava e, ao mesmo tempo, sua dependência não lhe permitia questionar tal controle. Pelo contrário, levava Gabriela a justificar, o tempo todo, as atitudes do marido. Alice, por sua vez, possui a mesma dependência financeira, preza pelo trabalho e batalha por sua independência financeira, mas foi seu marido quem a ajudou a aceitar, mais tranquilamente, tal situação. Ou, pelo menos, essa diferença faz parte de uma percepção particular de cada uma delas. Seria preciso entrevistar os maridos para confrontar tais informações.

Por outro lado, ao escolhermos como critério de seleção mulheres que trabalhavam remuneradamente, já sabíamos que estávamos diante de uma amostra que valoriza o trabalho, mas não tínhamos noção da sua extensão e do que isso significava de fato. Foi unânime a vontade de continuar trabalhando e se realizar profissionalmente, ainda que algumas mulheres tenham mencionado desejo em conciliar família e trabalho, podendo se dedicar bem aos dois. Nossa entrevistada mais nova tem 25 anos e a mais velha 34, o que já indica um adiamento na chegada dos filhos, que, hoje, ocorre por conta da estabilidade financeira e profissional também da mulher.

5.2.4

Família de origem: valores e influências

Ficou claro, durante as entrevistas, que o uso que cada membro do casal faz do seu dinheiro recebe forte influência das experiências vividas e aprendidas em suas famílias de origem. Tais experiências criam expectativas e direcionam o comportamento das pessoas, seja na direção do mesmo modelo – aquele que se quer seguir –, seja na direção oposta – como um modelo com que se quer romper. E percebemos isso o tempo todo ao longo das entrevistas, pois em algum momento todas as participantes se remetiam a uma vivência em suas famílias de origem para explicar a forma como conduziam sua vida financeira.

RAFAELA: “Tenho dificuldade, às vezes, de conversar sobre dinheiro com o meu marido. Ele não está acostumado a falar disso na família dele. Tudo parece tabu. Quer deixar o assunto sempre pra depois. Nós não somos casados, mas temos que conversar sobre o futuro. E se ele morre? Parece macabro, mas tem uma questão prática, aí, que gostaria que fosse conversada. O apartamento que moramos é dele... E se a família dele não deixa eu ficar aqui? São coisas que um casal tem que conversar. Na minha família todo mundo sabe exatamente quanto o outro ganha. Minha mãe tem a senha do meu pai, meu pai tem a da minha mãe, porque numa emergência a pessoa tem que ter essas informações para poder ajudar, se for preciso. Na minha família, não existe esse tabu. Já na do meu marido... isso dificulta as coisas. Às vezes, a gente até briga, porque eu tenho a necessidade de falar sobre tudo, inclusive sobre dinheiro, por que não?”

ALICE: “Acho que essa coisa de valorizar o trabalho e ganhar meu próprio dinheiro veio da minha família. Eu sempre fui criada num ambiente onde meu pai, muitas vezes, criticava minha mãe, por ela ganhar muito menos que ele. Ela era professora. Eu sempre ouvi o meu pai criticando muito a minha mãe por ela ganhar menos, por ela ganhar pouco, porque ela não tinha condição de... porque, se não fosse ele, ela não teria a vida que ela tinha. Eu tenho uma relação complicada com o meu pai, uma relação distante, e a única coisa que ele me disse, quando eu contei pra ele que eu ia casar, foi para eu tomar cuidado, para não ficar dependendo de marido a minha vida inteira. E isso, sempre, foi muito importante pra mim. Eu sei que isso veio daí, dessa lavagem cerebral, e que eu absorvi direitinho.”

SABRINA: “(...) Quando meus pais se separaram, minha mãe não trabalhava. Ela optou por não trabalhar, quando teve filho. Naquela época, muitas mulheres ainda faziam isso, sabe... Não era mal interpretado. As mulheres, de certa forma, podiam [ficar sem trabalhar], tinham o aval da sociedade para isso, né? Mas minha mãe dependia muito do que o meu avô tinha construído na vida dele. Ela vivia de aluguéis dos apartamentos que ficaram no nome dela... Mas a vida vai apertando e ela não se planejou direito. Administrou mal, perdeu dinheiro e, até hoje, acho que ela vive um pouco fora da realidade. Gasta mais do que tem, precisa pedir pro irmão, é um problema... Não quero isso pra mim, de jeito nenhum. E ela mesma fala isso. Ela fala que a grande vantagem da mulher, hoje, é que ela pode – e deve – optar por ter uma carreira profissional, que será o seu amparo e sua independência. Ao mesmo tempo que ela não conseguiu construir isso, ela faz questão de passar isso para mim e para minha irmã.”

Tomemos, como exemplo, os três trechos transcritos acima. Neles, podemos perceber como a experiência particular é levada para o casamento, como referência. Conversar sobre o dinheiro de maneira livre e sem tabus é ressaltado como uma questão de valores familiares, no primeiro exemplo. Escrever uma nova história, diferente daquela vivida pelos pais, encontra-se bem exemplificado nos dois trechos seguintes. É claro que – assim como outros valores passados pela família – o dinheiro assume uma função e um significado específico para cada pessoa; e a interação de dois modos diferentes de lidar com a mesma questão num

casal requer muita habilidade de comunicação²⁵, como veremos mais adiante.

Pelo que encontramos em nossa pesquisa, as famílias de origem têm papel fundamental no significado que as pessoas atribuem ao que é certo ou errado no modo de lidar com o dinheiro em seus relacionamentos. A maioria das mães – tanto das mulheres, quanto de seus maridos – citadas na pesquisa, não foi economicamente ativa em suas vidas, conforme mencionado anteriormente. Muitas até trabalharam antes de ter filho, mas a escolha por abrir mão do próprio trabalho em prol do cuidado com a família aconteceu com 50% delas. Na fala das filhas, sobre suas mães, não reconhecemos, exatamente, um arrependimento. As mães costumam dizer que fizeram o que, na época, queriam fazer, mas existe uma tentativa de mostrar às filhas que hoje não cabe a mesma escolha – principalmente, quando a condição de se tornarem financeiramente independente dos maridos é viável. Muitas mães ensinaram suas filhas a terem poder sobre suas próprias escolhas, alcançado, em sua essência, pela conquista do próprio dinheiro. Existe uma espécie de estímulo à liberdade que essas mulheres não tiveram em suas vidas.

DANIELA: “Para mim [trabalhar e ganhar meu dinheiro] é muito importante. Isso é uma coisa meio de criação, porque, desde sempre, desde criança, a minha mãe sempre insistiu comigo e com as minhas irmãs: ‘É importante que vocês sejam independentes, que vocês tenham as suas vidas. Que não dependam de marido, de pai, de mãe, de ninguém. Então, vocês têm que ter essa independência. Um dia, o casamento termina e eu não quero que você fique presa a uma pessoa, porque você depende dela financeiramente, de alguma maneira.’”

Interessante, também, que não foram só as mães que estimularam suas filhas. Os pais foram apontados como grandes incentivadores da independência financeira feminina, em todas as entrevistas. Hoje, na fala das próprias mulheres, é mal vista a mulher que não trabalha e depende financeiramente do marido, até por uma possibilidade muito mais presente em nossa sociedade de divórcio.

BEATRIZ: “(...) Meu pai, apesar da minha mãe ser dona de casa, assim, não ter a renda fixa, meu pai sempre falou que era importante essa coisa da independência, de ter o seu trabalho, de fazer suas coisas. Mesmo sabendo que isso não foi um problema no casamento deles e que não influenciou no valor que meu pai atribui à minha mãe, ele é o primeiro a incentivar minha independência econômica.”

²⁵ Sobre comunicação conjugal, ver categoria de análise 5.2.5.

BRUNA: “(...) Meus pais sempre falaram que é importante nós termos independência, para poder[mos] comprar e ter o conforto. Eles queriam que a gente continuasse com a mesma qualidade de vida que eles nos deram e passássemos isso para os nossos filhos. Então, foi, mais ou menos, assim, a nossa educação. ‘Ah, não dependa nunca de alguém. Porque a gente tem que depender de nós mesmos. Nós somos os nossos instrumentos, nosso instrumento para ganhar as coisas. Porque, se a gente depende de uma outra pessoa, se essa pessoa falta e aí?’ Então, meus pais sempre falaram: ‘É importante que você tenha uma estabilidade sua financeira, que você seja independente, que você dependa só de você, entendeu?’ (...) Minha mãe trabalhava até se casar com meu pai. Meu pai sempre viajou muito a trabalho; então, a minha mãe não tinha como se estabelecer numa companhia, enfim... e meu pai chegou para ela, há 35 anos atrás, e falou que ela não precisava mais trabalhar, que nunca faltaria nada. Então, como a cultura, naquela época, aceitava isso e não olhava feio para essa situação, a minha mãe resolveu seguir o meu pai. Daí, eles moraram em vários lugares. (...) Eu acho que a minha mãe sente falta de trabalhar, porque ela, sempre fala que, se ela tivesse continuado a trabalhar, a vida dela seria outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, ela diz que não se arrepende, porque cuidou das filhas e se orgulha muito dos produtos que ela têm hoje.”

Até mesmo as dimensões propostas por Rose & Orr (2004), para nortear o estudo do significado do dinheiro – citadas na categoria 5.2.3 –, também têm sua formação na história das famílias de origem. Cláudia, por exemplo, considera economizar dinheiro algo fundamental, pois seus pais sempre passaram valores nesse sentido para os filhos.

CLÁUDIA: “Na família da minha mãe, as minhas tias nunca trabalharam. Então, nunca, souberam dar valor ao dinheiro que ganhavam de aposentadoria. Elas recebiam aquilo e pronto. Mas a minha mãe e o meu pai, nunca, concordaram com o comportamento delas em relação a isso e sempre passaram a idéia de que era muito importante trabalhar, ter independência e não depender do marido, para ter suas coisas. E você vai vendo depois, mais velha, foi isso que influenciou o meu jeito de ser.”

Economia, segurança e respeito na família são situações vividas no dia-a-dia e expressas através do uso do dinheiro. Os destinos que as pessoas atribuem ao dinheiro no cotidiano – se unindo ou se afastando, correndo atrás ou pouco valorizando o trabalho, entendendo o valor do dinheiro ou gastando sem a menor preocupação – são experiências que marcam e definem a organização familiar. Carolina expressa valores que aprendeu em casa com os momentos de dificuldade financeira e explica, de certa forma, sua visão do dinheiro como algo incerto e inseguro, o que, portanto, precisa ser conquistado diariamente e bem usado.

CAROLINA: “De uma certa forma, na minha casa, na casa dos meus pais, sempre teve muito amor. Não sei se era uma compensação. Eu me lembro que sempre foi assim: ‘Ah, pelo menos, a gente tem saúde, tem amor. A gente tem a gente’. Toda vez que uma crise aparecia por causa de dinheiro, por algum motivo, ou por causa da falta do dinheiro, ou porque não tinha o dinheiro para fazer alguma coisa, alguma viagem [esta declaração era pronunciada]. (...) Eu estudei fora, eu estudei nos EUA, mas tudo parcelado, dividido em várias vezes. Não existia uma viagem de família, por exemplo. Mas, sempre, tivemos tudo. Meu pai passou muito isso pra gente. Com luta e objetivo, a gente vai fazendo tudo que quer. Vai parcelando, vai dando um jeito. Com certeza, a minha relação com dinheiro é diferente da do meu marido, ele cresceu numa família que sempre teve dinheiro. As coisas não precisavam ser tão suadas. Ele sabe lidar com o dinheiro, mas não é tão preocupado como eu. Para ele, parece ser mais fácil.”

A insegurança é ressaltada por Juliana, que a partir de uma experiência vivida por seus avós, foi educada pela sua mãe de forma a tomar mais consciência da falta de garantia da eternidade do dinheiro.

JULIANA: “Eu brinco com a minha mãe que ela gerou quatro filhas que têm cabeça de pobre. Porque todo mundo tem mania de achar que tudo é caro, os outros têm dinheiro e a gente não tem, um pensamento de pobre. Porque a minha mãe sempre... acho que a gente passou por essa coisa de perder grana na família da minha mãe, de achar que ia ficar sem dinheiro, mesmo, e a minha mãe, sempre, passou essa coisa de que a gente não podia confiar, de que a gente não vai ter dinheiro, sempre, entendeu? O dinheiro pode não estar, sempre, ali. Tem uma paranóia de que tem, mas ele pode não estar, sempre, ali. (...) Mas, por outro lado, em pequenas coisas, eu nunca soube quanto se gasta de conta de supermercado, por exemplo. E não fazia idéia mesmo. Nisso, o meu marido vive puxando minha orelha. Quando a gente vai fazer compra no supermercado, ele me policia. (...) Em parte, ele tem razão, mas, por outro lado, é chato ficar sendo controlada o tempo todo. Também não é o caso de ficar sem comer aquilo que gosto por causa disso. Ele sempre fala que eu vou no supermercado e olho a marca e não o preço. E eu vou botando. Então, tenho esses dois lados: ao mesmo tempo, que não saio esbanjando, por ficar sempre com aquela sensação que pode acabar, também vivo um pouco fora da realidade, por ter sempre sido poupada dessas responsabilidades. Estou aprendendo, agora, com meu marido.”

Lúcia é planejada com seu dinheiro, se organiza, economiza, não gasta sem propósito e conta que puxou a mãe nessa característica. A mãe de Lúcia é uma dentre as quatro mães que trabalham e contribuem significativamente para a renda familiar. Lúcia segue o mesmo modelo.

LÚCIA: “Meus pais vieram de famílias muito pobres. Logo que eles casaram, eles foram morar nos fundos da casa da minha avó. Então, eles não conseguiram concluir escola e não tiveram empregos de remuneração muito alta. E minha mãe trabalhava numa empresa que dava a ela vários benefícios e

como eles moravam no quintal da minha avó, ela foi juntando. E meu pai acabou gastando muito com a minha avó que estava doente e era mãe dele. Por isso que, quando eles conseguiram abrir a firma, ela tinha mais dinheiro guardado. Com os anos, eles foram ganhando cliente e aos pouquinhos foi girando. Eles foram muito bem sucedidos. A parceria profissional deles sempre deu muito certo. (...) Acho que eu tenho muito mais esse lado da minha mãe. E até acho que, hoje, morando com meu marido, talvez eu tenha até menos rigidez com gastos do que na época em que eu morava com a minha mãe. Hoje eu dou mais valor ao lazer, coisa que, na época, em que eu morava com ela, não acontecia. Hoje, eu tento mais. Eu quero comprar um presente para o meu marido, eu calculo, vejo se vai dar, mas eu não me travo mais. Vai que falta para o mês que vem. Eu parei com isso do ‘mês que vem’. Claro que me preocupa, mas eu estou me permitindo mais coisas, mas sempre serei planejada.”

Mas, mesmo com achados, em nossa pesquisa, dessa tendência da própria mulher, de sua família e de seu marido – ou seja, uma tendência social - de valorizar seu trabalho e sua independência econômica, existem aquelas que admiram o modelo mais tradicional de casamento dos pais e assumem posturas semelhantes. No caso de Gabriela, percebemos uma contradição, porque anteriormente, ela havia-se queixado do controle do marido e, em outro momento, fala do modelo dos pais como algo em que se inspira, mesmo estando em um contexto diferente: ela trabalha e não lida com o dinheiro da mesma maneira que sua mãe.

GABRIELA: “Minha mãe não [trabalha]. Nem a dele. Mas, mesmo assim, são casamentos estáveis. Espero que meu casamento também seja. Acho que o dinheiro não pode separar as pessoas. Elas têm que se unir. Se pensam como casal, é o que vão fazer. (...) Eu sou mulher, posso caminhar mais lentamente ele não tem que correr mais atrás. Com meus pais, deu certo ter conta conjunta. Nós estamos tentando fazer dar certo.”

Beatriz já possui uma concordância maior com o marido sobre esse modelo, pois, segundo ela, seu marido admira sua família e concorda que a mulher deva dividir seu tempo melhor entre casa e trabalho. Há um consenso entre eles sobre essa postura, o que faz com que essa negociação seja mais tranquila.

BEATRIZ: “(...) Meus pais são casados com regime de comunhão total de bens, que era o vigente na época do casamento deles. E eles acham que isso é o mais certo, né? Na época em que eles casaram, as famílias tinham padrões similares, eles estavam realmente construindo tudo juntos. E eu venho com essa herança, de você ter uma coisa toda junta. Existem algumas pessoas que eu

conheço que não querem ter conta conjunta. E isso eu acho uma coisa meio esquisita, porque eu tenho essa herança da minha família de que as coisas são muito divididas. A própria família do meu marido tem isso. Quando a mãe dele trabalhava, o dinheiro dela era só dela e o do pai era o dinheiro da família. E ele também não acha que isso faça sentido. Ele meio que concorda mais com o jeito dos meus pais funcionarem. Mas ele tem uma visão mais machista do tipo ‘eu devo pagar todas as contas, isso é a minha obrigação de homem. O seu dinheiro deveria ficar mais pra gente fazer as viagens e fazer as coisas que não são as obrigações, os luxos.’ Eu acho que isso era uma coisa importante pra ele, que eu não tenho nenhuma oposição. Faz sentido. Acho justo os dois investindo na família. Inclusive porque ambos concordam que quando tivermos filhos, eu irei dividir mais meu tempo, diminuir o ritmo de trabalho.”

A concordância e a discordância podem ser preditivos para compreendermos o ajustamento conjugal (Allen & cols., 2001; Gottman & Driver, 2004; Christensen & Shenk, 1991). É o que veremos a seguir.

5.2.5

Comunicação e relações de poder no casamento através do dinheiro: quais processos se produzem no casal para resolver as questões acima.

Deixamos um tópico exclusivo para as questões de comunicação no relacionamento conjugal, por ser este um assunto que traz em si muitas nuances e contradições. Quando estudamos aspectos relativos a casamento, estamos lidando com dois casamentos na verdade: o “casamento dela” e o “casamento dele”, que não, necessariamente, são coincidentes. Em nossa pesquisa, privilegiamos o pensamento, o sentimento e o comportamento feminino diante do dinheiro, mas, como nosso roteiro estava direcionado para a comunicação conjugal, acabamos tendo um panorama, através da leitura feminina, de alguns comportamentos masculinos preciosos para nossa análise. Importante notar que falamos apenas do comportamento masculino – e não do sentimento e do pensamento –, pois é o que fica mais explícito para as mulheres e, neste momento, não teremos como confrontar tais respostas com o que, realmente, pensam os homens sobre as mesmas questões. Fica aqui a sugestão para futuras pesquisas.

De todas as mulheres entrevistadas, apenas três – Talita, Cláudia e Alice – relataram conversar tranquilamente sobre dinheiro com seus maridos.

TALITA: “Não temos desavenças. Conversamos tranquilamente. Nossa sintonia é enorme.”

CLÁUDIA: “A gente conversa muito sobre tudo. Resolvemos na hora.”

ALICE: “Eu acho que a gente respeita muito um a posição do outro. A gente já está junto há treze anos. A gente vem construindo isso, né? Isso é uma construção. Em determinados momentos, a gente já se conhece muito bem. Então, eu sei que certas coisas podem acabar magoando. Então, eu espero outro momento melhor para falar o que estou sentindo e pensando. Escolho melhor o momento de falar de alguma coisa que me incomodou. Eu acho que o mesmo acontece com ele, tem uma coisa de respeito. Eu acho que a nossa relação é baseada em que um, realmente, conhece o outro.”

Dentre as outras nove, algumas começaram a entrevista, falando que conversavam sobre tudo e, ao final às vezes, quando o gravador já havia sido desligado, contavam histórias que exemplificavam a dificuldade de comunicação com seus maridos ou queixavam-se de aspectos ainda nebulosos no casamento. Outras falavam que não, necessariamente, chegavam a acordos para se sentirem satisfeitas, mas, de maneira muito sutil e persuasiva, conseguiam o que queriam: falando no momento certo ou agindo nos bastidores, na organização financeira e na decisão final de ordem prática do cotidiano, fosse com o dinheiro ou tarefas domésticas.

Daniela foi uma dessas mulheres. No começo da entrevista, falou que o marido tem personalidade forte, é mais decidido e incisivo. Quando quer alguma coisa, tem que ser do jeito dele. Segundo ela, sua postura é de não confrontar muito, diz que arranja outras maneiras de lidar com essa característica dele e, portanto, quase não brigam. Além disso, diz que o manejo do dinheiro fica com ela, o que lhe dá muito poder. Diz-se responsável por controlar e organizar tudo a tal ponto, que ele é quem pergunta para ela se pode comprar alguma coisa. No final, Daniela é quem passa a ter a voz mais ativa. Ela brinca, dizendo que ele, constantemente, fala: “Se você me largar, eu não sou ninguém!” E isso também ocorre com as tarefas domésticas. Ela é quem sabe onde estão as coisas, inclusive as dele. Os dois têm a mesma profissão e contribuem com 50% da renda familiar cada um, mesmo tendo uma base igualitária de decisão, e parece bem equilibrada mesmo – o domínio da casa e de toda sua organização, inclusive financeira, fica sob comando feminino.

DANIELA: “Eu sou mais tranquila, assim. Eu sou mais... Ele é mais de impor, assim, o que ele acha, o que ele quer. Ele tem um gênio mais complicado, mas é uma pessoa também que discute sobre as coisas e mesmo, se ele estiver errado, se eu conseguir convencê-lo, ele aceita na boa. Mas ele, geralmente, é a opinião mais forte, assim, digamos do casal. Eu sou a mais organizada, aquela que planeja e organiza tudo. E, aí, ele segue o meu planejamento, sem problema. Agora, assim, em termos de decisão, a gente sempre divide a decisão. A gente nunca toma a decisão sozinho. E ele sempre gosta de impor mais, assim, a opinião dele, o que ele quer. Então, a opinião dele, geralmente, é mais pé firme, assim, bate o pé, diz que quer e é assim. (...) Como eu sempre fui a mais centrada, controlada e organizada, é natural essa coisa, assim, organizar tudo. Eu que sei quanto é que tem de dinheiro. Ele não sabe, ele não sabe de nada, também nem se preocupa. Às vezes, ele mesmo fala: ‘Poxa, às vezes, eu me acho dependente demais de você. Tem certas situações que eu sempre penso o que você vai achar.’.”

Uma dinâmica bastante semelhante é a de Beatriz. Ela também consegue chegar a bons acordos com seu marido, ainda que, no caso dela, a opção por um modelo mais tradicional, com o homem sendo o provedor e a mulher cuidando da casa, seja uma expectativa de ambos. Por exemplo, Beatriz possui valores mais tradicionais do que almeja para sua família, mas, por mais que defina papéis do que acha correto para o homem e a mulher em relação ao dinheiro, ela é que domina as decisões do casal. Sua base de poder é mais marcadamente definida e há uma concordância em relação a isso.

BEATRIZ: “Acho justo os dois saberem quanto cada um ganha. Gosto de estar à frente. Ele acha que tem pagar todas as contas, que ele é o provedor. Eu concordo com ele, se isso lhe faz bem. Eu já gosto de trabalhar, mas também gosto de arrumar a casa, quero dividir meu tempo, quando tiver filhos. Minha mãe fez isso e eu me senti muito cuidada. Queria que nossos filhos se sentissem assim também.” (*a mãe dela não trabalhava*)

O afeto positivo e o bom humor são fatores importantes para o ajustamento conjugal e esse casal desenvolveu um meio de cortar a tensão da briga capaz de tornar sua comunicação muito mais saudável.

BEATRIZ: “Tem uma coisa engraçada... Lá, na nossa casa, existem umas poltroninhas giratórias, né? E aí, as primeiras brigas que a gente teve, assim, de desentendimento, foram de colocar as coisas no lugar, assim. Eu queria colocar o móvel no lugar ‘x’ e ele queria colocar no lugar ‘y’. Ficava aquele impasse, assim, onde que vai botar não sei o quê. Aí, ficava um rosnando pro outro. Até que, um dia, ele virou e falou, assim: ‘Vamos sentar e conversar’. E aí foi e me levou pra cadeirinha e me colocou sentada ali (e ri muito) e falou: ‘Aqui vai ser o nosso lugar de conversar sobre a relação. D.R. [Discutir a relação], a partir de agora, vai ser aqui.’ E, aí, gente começou a rir e tal e, aí, ele falou o

que ele pensava e eu falei o que eu pensava e a gente chegou a uma conclusão. Então, acho que o nosso jeito é assim. Sempre que o clima está esquentando um dos dois puxa o outro e fala. ‘Está na hora de acertar as contas.’ Essa coisa do dinheiro, [es]tava-me incomodando, porque eu estava sentindo que eu estava cedendo muito. Eu ia no supermercado comprar as coisas, eu pensava: ‘Eu vou comprar esse aqui porque esse outro aqui é muito caro, não sei o quê. Que tipo de coisas eu posso comprar pra receber as pessoas pra não gastar muito dinheiro?’ E umas coisas bobas, às vezes, uma diferença de 10 reais, que não ia ser mortal. Eu tava ficando com umas paranóias, assim, e que não tinham necessidade. Aí, eu fui conversar com ele, que isso estava me incomodando, que tava exagerado. E aí, ele entendeu numa boa. Acho que a gente chegou nesse ponto, assim: está incomodando; então, fala. A introdução é, sempre, essa assim: ‘Quero falar uma coisa com você que está me incomodando.’ E a gente lá vai para poltroninha e fala um pro outro.”

Para Beatriz, o dinheiro não funciona exatamente como uma independência financeira, talvez, por ela já ter o próprio dinheiro de família, mas, de qualquer forma, não é uma questão fundamental. Ela gosta de trabalhar, porém não tem o trabalho como fonte de autonomia, inclusive, por achar que, no seu relacionamento, há espaço para um modelo mais tradicionalmente herdado – principalmente, da família dela, com a mãe no controle da casa e das finanças e o pai sendo o provedor. Admira o modelo dos pais, porque concorda, quando o marido dá “carta branca” para a mulher. Aliás, em sua família de origem, também, é sua mãe que tem o controle financeiro. Beatriz também quer esse controle.

Alice, por sua vez, apesar de ganhar muito pouco, a ponto de precisar do marido para se sustentar, possui uma base de poder igualitária no que diz respeito às decisões conjugais, expressa na forma como ela e o marido promovem o intercâmbio entre eles dos recursos financeiros da casa. As conseqüências não poderiam ser outras: satisfação e tranquilidade de Alice com o combinado dos dois.

ALICE: “Ele, nunca, me repreende ou questiona sobre o que gasto. Bom, também, eu não sou de gastar muito. Eu levei muito tempo para entender que eu podia comprar uma blusa pra mim, que não era errado eu comprar alguma coisa. Porque eu acabava ficando com aquele sentimento de que não queria pedir nada e nem depender dele. Hoje, eu entendo o dinheiro mais como nosso. Não era ele que me cobrava isso, sempre, fui eu mesma. Em momento nenhum ele me pergunta: ‘O que é isso, o que é aquilo’. Eu, em algum momento, eu paguei o gás, que o gás era uma quantia irrisória, 10 reais, praticamente. Nosso gás é muito barato. E era eu que pagava, assim. Eu fazia questão de contribuir com alguma coisa, mesmo que fosse uma quantia dessa. Mas, com esse negócio de tudo ser concentrado no cartão de crédito, porque ele tem muito esse pensamento, somos uma empresa, não importa. Tanto que agora eu vendi um apartamento e esse dinheiro é nosso, assim. Esse dinheiro que era do

apartamento que eu vendi, foi para o grande bolo que é o nosso dinheiro. Então, em nenhum momento, fica uma coisa do que é meu e do que é seu. A gente pensa, a gente não... eu acho que foi ele que me ensinou a pensar assim. Eu pensava o que era meu e o que era dele, mas ele me ensinou a pensar, assim, [n]o nosso. [Eu]Me sinto muito feliz em saber que conseguimos chegar ao ponto de satisfação para os dois.”

Sabrina e Juliana são mais de conversar e encontram, em seus maridos, uma disponibilidade no mesmo sentido. Ainda que tenham estilos diferentes de resolução de conflitos, a escuta e o bom humor demonstram a existência de uma base igualitária, inclusive entre casais que não contribuem igualmente com a renda familiar, como estamos vendo.

SABRINA: “Geralmente, eu sou mais de conversar, ele é mais de explodir num primeiro momento. Ele é mais pavio curto. Ele se irrita fácil com algumas coisas do dia-a-dia e vem falando o que bem entende, como se eu tivesse que pensar igual a ele. Eu é que, dependendo do meu humor, entro na briga ou não. Com o tempo de casamento, temos percebido que a melhor saída é o bom humor. Depois que respondo com bom humor, ele, automaticamente, cai em si e até rimos juntos. Mas, mesmo assim, ainda sentamos para acertar as coisas... Não conseguimos dormir brigados. Os dois são assim. É para não perder o sentido depois e ficar aquele incômodo, entende? Quando a gente senta para conversar, um realmente escuta o outro. Esse momento é muito bom, a gente cresce. Sinto que, com esse crescimento, hoje, escolhemos melhor como vamos falar um com o outro. Estamos nos respeitando muito mais. E, com isso, é raro nos desentendermos, como foi, no início do casamento, – coisa que só aconteceu nessa época. No namoro, era raríssimo a gente se desentender.”

JULIANA: “Eu sou a rainha da D.R. (*e ri*) Eu canso a pessoa. É o momento da minha explosão. Eu vivo de *insight*, eu vou acumulando, acumulando, acumulando, e tem um dia que eu percebo... Aí ele fala: ‘Vc descobriu isso hoje, não estava falando disso nunca.’ Mas é que, de repente, uma coisa liga na outra e sai. E eu vou igual a um trator. Eu falei isso para ele. Você não tem que avisar muito, porque, quando você avisa, já deixa a pessoa com medo. (...) Não chegou a ser uma questão. Não, no sentido problema. Dinheiro sempre foi muito claro. Desde o início da relação, ele falou para mim que não aceitava pagar as contas, assim, independente de namoro. Ele falou: ‘Olha, o negócio é o seguinte: eu não gosto nem de dividir e nem acho que eu tenho a obrigação de pagar. Eu acho que cada um paga uma vez e vamos nessa. Beleza, beleza, beleza’. Então, desde sempre, foi assim. Então, a gente nunca teve problema com isso. É, saindo, cada um paga um dia. A gente reveza.”

Bruna foi uma de nossas entrevistadas que se revelou, ao final, quando desligamos o gravador. Em um casamento como o de Bruna, onde ambos possuem carteira assinada e contribuem com 50% da renda familiar, dividem as contas e as parcelas do apartamento onde moram, ainda existe uma crença de que a mulher gasta mais que o homem ou é mais descontrolada. Mesmo que

necessidades e supérfluos sejam diferentes, o que é importante para a mulher, como roupa e decoração da casa, para o homem é tido como supérfluo. O comportamento controlador é atribuído ao homem, mesmo com o discurso inicial de igualdade na divisão das contas, decisões compartilhadas e o fato de não brigarem, necessariamente, por causa do dinheiro. O que parece ser a melhor saída para essa mulher – para que o marido não a controle, totalmente – é o fato de ela ganhar o próprio dinheiro. Parece que o controle dele fica, então, só no discurso e ela dá um jeito de contornar a situação, “escondendo sacolas” e tendo pensamentos como: “vou lá e faço”; “espero um bom momento para falar”. Possuem um discurso de igualdade de decisões, mas, ao final, ela fala do controle que o marido tenta exercer. O trabalho dela e o dinheiro que ela ganha traduzem a possibilidade, para ela, de não ter que dar satisfação para a realização das suas vontades. Coisa que, se não existisse, ela acha que seria muito difícil de conviver nesse casamento.

BRUNA: “Eu consigo chegar e falar o que está me incomodando... Dar todas as dicas lá, para as coisas melhorarem. Já o meu marido é uma pessoa muito na dele, muito fechada. É difícil ele chegar para mim e falar que alguma coisa não está legal. Ele fica mais irritado, ele fica um pouco mais impaciente. Eu percebo de outro jeito. Ele também sinaliza, mas não falando. Comunicar[-se] é um complicador para o meu marido. (...) Às vezes, não é tão fácil a gente conversar e as coisas serem resolvidas. Eu estou, sempre, tentando conversar para as coisas serem resolvidas, mas nem sempre são resolvidas. Então, às vezes, eu fico um pouco frustrada, depois das nossas conversas, apesar de existirem essas conversas. (...) O meu marido é uma pessoa muito teimosa, muito cabeça dura. Ele tem uns conceitos muito bem definidos e não sai muito daquilo. Então, realmente, meu trabalho, às vezes, de convencimento é um pouco cansativo: às vezes, vai pelo meu jeitinho ou, então, vai pela minha imposição. Geralmente, é falava que não tinha necessidade. Mas como era uma coisa que eu queria muito, eu fui lá e pus. Ele chiou, num primeiro momento mais imediato. Eu vou pelo jeitinho. Mas, quando eu não consigo, eu já parto para o ‘eu faço’. Mas, com coisas que eu quero muito a longo prazo, eu vou com jeitinho. Já ele é muito direto. O que ele pensa é o que ele fala. Se eu concordo, eu aceito na hora. Se eu não concordo, existe um certo atrito. Afinal, ele não pode conseguir tudo sempre. *(e ri)* Senão, acostuma. *(e ri mais ainda)*”

No entanto, no decorrer das entrevistas, algumas mulheres, principalmente, quando levadas a pensar na negociação de necessidades e supérfluos, deixavam surgir contradições, ali, mesmo, no momento em que pensavam no que responder. Pensar sobre supérfluos e necessidades é estar diante do aspecto mais relacionado a acordos e negociações. O que é importante para

um, nem, sempre, é importante para o outro. Mas, hoje, com a possibilidade de decisão das mulheres sobre o que é importante para si mesma - adquirida sem dúvida, pela conquista do trabalho remunerado -, as estruturas de poder mudam suas bases. Se antes, no modelo patriarcal, a base de dominação era, essencialmente masculina, hoje, ela é legítima para ambos os membros de um casal e irá funcionar de modos diferentes na história de cada um.

Gabriela apresentou muitas contradições em seu discurso e, ao final, ficou clara sua insatisfação com algumas regras estabelecidas pelo casal. Afirmava, o tempo todo, que, sempre, conversavam muito sobre qualquer assunto e que tudo era decidido pelos dois.

GABRIELA: “A gente pensa como um casal, mesmo... (*ênfatisa*) Então, a gente nunca teve grandes problemas em relação a isso (*conversar sobre dinheiro*). (...) Eu concordo com o que a gente conversa. Eu fico chateada de não ter o dinheiro, de não ter o meu dinheiro.”

No entanto, Gabriela ganha seu dinheiro - ainda que pouco para se sustentar sozinha completamente, mas já alguma coisa para lhe garantir a construção de uma carreira profissional. Após um tempo de entrevista, contou não gostar do controle exercido pelo marido sobre o dinheiro deles. Ainda que ela ganhasse pouco, gostaria que houvesse mais compreensão da parte dele, o que não acontecia, pois eles pensavam de forma muito diferente a respeito de necessidades e supérfluos, e como apenas o marido controla o dinheiro, a cobrança é enorme. Ao mesmo tempo em que ela se queixa do controle do marido, ela mesma admite não olhar a conta bancária e usá-la sem muita preocupação. É possível notar que, no caso deste casal, os conflitos surgem, a partir de uma diferença de valores, mas que não se resolvem na prática de seu cotidiano, pois a postura da mulher acaba sendo a de delegar poder ao marido na administração financeira da família e a do homem, a de cobrar dela menos gastos, seja no supermercado, no salão, em suas roupas ou com coisas para a casa.

GABRIELA: “(...) é um saco todo dia. Parece que eu tenho que dar satisfação. Em parte, a culpa é minha, porque eu não gosto de entrar no site do banco. (*pausa e continua*) Antes ele me cobrava que eu não olhava. Eu cobrava autonomia e ele me cobrava participação. Só que eu não tenho saco de olhar o banco como ele olha. Eu não gosto disso. Quero mais é que ele olhe mesmo. Mas eu queria que ele chegasse para mim e dissesse: ‘Esse mês, estamos mais apertados’ (...) Eu não queria ter que olhar a conta do banco todo dia.”

Segundo Gabriela, ela é mais tranqüila para conversar sobre as questões do dia-a-dia, gosta de escolher um momento adequado e não é de falar alto. Seu marido já fala, o tempo todo, em que alguma coisa vem à cabeça. É capaz de repetir, várias vezes, a mesma coisa. Exerce um poder mais coercitivo, através do grito e do afeto negativo.

GABRIELA: “Na verdade... (*ri*) eu brinco com ele, que ele fala, vinte vezes, a mesma coisa que ele não gosta. E isso eu odeio, sabe? Eu já sou uma pessoa que prefiro procurar a melhor oportunidade para conversar, não é, no primeiro momento, que eu sinto, que eu falo. Eu quero ver se é isso mesmo que eu estou sentindo. Eu quero ver se aquele sentimento dura mais um tempo. Eu prefiro procurar as melhores palavras. Só que o que eu acho interessante, assim, não sei nem explicar bem por que, mas, no início do nosso casamento, eu que sempre procurei conversar, comecei a estourar mais, porque ele sempre teve uma característica de falar mais o que vem à cabeça e eu comecei a estourar mais. Foi muita ansiedade, muita coisa que a gente viveu e eu estourava mais e a briga crescia, né? Óbvio, porque, quando os dois estouram, na mesma hora, a briga cresce. Eu detesto que ele fale, várias vezes, a mesma coisa. Eu acho, assim: demorou uns seis meses para a gente se adaptar um ao outro. Os primeiros seis meses foram os piores, a gente começou a melhorar depois disso, e voltar mais ou menos ao que era antes.”

Esse casal possui suas bases de poder ancoradas na dominação masculina. Ainda que a mulher não concorde e expresse que conversam sobre tudo e pensam como casal, a decisão final, segundo ela, é dele, e ela não tolera estar tolida em suas vontades, mesmo que diga que concorda com ele. Nesse sentido, esse casal foge aos resultados de uma pesquisa na década de 70, realizada por Corrales (1975), que indicava que a satisfação conjugal era encontrada em casais de base igualitária e cujo homem dominava mais que a mulher.

Embora Carolina, assim como Gabriela, não goste de olhar conta bancária e delegue ao marido essa função, Carolina questiona mais esses papéis tradicionais no casamento. Seu marido já tende a não valorizar esses momentos. Ela chega a pensar que, provavelmente, tem mais conflitos e questionamentos do que ele, pois ele nunca expressa nada que está sentindo. Ele demonstra de outro jeito. Ela questiona valores invisíveis: sente-se cobrada por trabalhar e ganhar dinheiro, mas diz que não é algo vindo direto do marido e sim uma cobrança própria. O dinheiro para ela significa independência, valorização, uma condição da qual não consegue abrir mão – o que a coloca diante de um dilema enorme:

conciliar filhos e trabalho. Não se imagina pedindo dinheiro ao marido, ao mesmo tempo, não gosta de olhar a conta bancária e está sempre dependendo do dinheiro dele para viver.

CAROLINA: “Ah, sim, por exemplo, ele, simplesmente, caga para qualquer problema existencial meu. Bom, não problema existencial, mas aquilo que ele acha que é besteira. ‘Ah, não, tá falando muito do trabalho, vamos desligar. Para de falar que é besteira’, [comenta]. Ele não dá nenhuma corda pra nada assim. Às vezes é difícil, porque eu quero falar daquilo, quero escutar a opinião dele. Eu reclamo. Mas ele é muito prático. Não é que ele não se importa com aquilo. Ele se importa pra caramba, mas homem é muito prático. Tanto é que, na época, do desfile, ele trabalhou comigo no final de semana. No desfile, ele que levou todo material e comida, só para ficar comigo. Isso é que é legal. Eu aprendi a maneira dele de lidar com as minhas coisas, os meus problemas, e a maneira que eu aprendi a lidar com os problemas e as crises dele, entendeu? São bem menores ou são mais internas, enfim. Acho que ele resolve, mais facilmente qualquer problema que ele tenha ou venha a ter. Acho que é mais complicado pra mim.”

Lúcia e Rafaela eram nossas únicas entrevistadas não casadas juridicamente. Moravam junto com seus maridos por opção, sendo que Lúcia preferia estar casada. Rafaela, por não pensar em se casar e se relacionar com alguém mais velho – 48 anos –, que nunca casou e já morava sozinho há anos, era bem mais tranqüila, quanto a essa questão. Lúcia ainda tinha muito a amadurecer.

LÚCIA: “Eu sou mais de discutir, de conversar. Na verdade eu acho que a gente está tentando, ainda, achar esse equilíbrio, porque ele é muito de ficar em silêncio. Por exemplo, quando a gente tinha brigas em relação a ciúmes, porque eu tinha ficado com ciúmes ou de uma pessoa específica ou porque ele tinha ido para um lugar que eu só fiquei sabendo depois. Eu ia e falava e reclamava, porque ele não tinha me contado, porque que ele tinha feito aquilo, e ele não gosta de discutir. Então, ele se fecha mais. (...) Por muito tempo, isso, foi muito difícil, porque, aí, eu ia atrás e tinha vezes que a gente tinha que estar em dois lugares diferentes, porque ele não falava e eu falava muito e a gente não conseguia atingir um equilíbrio. Hoje em dia, ele fala mais e eu falo menos. Então, hoje, se a gente tiver uma discussão, seja pelo motivo que for, a gente senta, e se começar a virar discussão, ele, normalmente, fala: ‘olha, a gente está começando a brigar, a gente está parando de se entender, eu estou entendendo uma coisa e você outra. Melhor parar.’ E eu estou conseguindo parar, coisa que eu não conseguia antes. (...) Então, o acabar, pra mim, não era o acabar pra ele. Esse é o equilíbrio: ele abre um pouco mais e eu fecho um pouco mais. Mas ele, ainda, é muito fechado com algumas coisas. Ele não gosta. Se ele está com algum problema na profissão dele, alguma coisa que ele esperava acontecer e não aconteceu, ele apenas relata o fato, mas não elabora como aquilo está para ele. Algumas coisas, a gente conversa, sobre a profissão. É muito difícil conseguir conversar com ele. Quando ele está muito triste, ele se fecha ainda mais. Eu já sou ao contrário. Qualquer preocupação que eu tenha, principalmente, em relação ao meu futuro profissional, normalmente, eu

procuro ele, porque ele é muito seguro, ele é positivo, uma pessoa que me incentiva muito. Então, eu falo muito mais.”

E Rafaela usava a conversa como tentativa de conciliação de idéias, mas diz nunca ter chegado a resultados satisfatórios, como se aquela conversa fosse, realmente, fazer aquele problema melhorar. Nunca viu uma melhora efetiva disso, não.

RAFAELA: “Eu tento não abordar o assunto, se me sinto muito indignada ou muito contrariada... Ou seja, tento evitar o impulso para briga. Sempre, penso que, quando nos sentimos muito injustiçados, muito irados ao lado de quem amamos, provavelmente, não estamos conseguindo enxergar as coisas muito bem. Talvez, não estejamos nos colocando no lugar do outro suficientemente. Então, primeiro, eu me seguro, tento me acalmar, ficar tranqüila para poder enxergar as coisas com clareza e evitar julgamentos e acusações injustas. Quando sinto que estou mais tranqüila, mais racional, abordo o assunto de maneira direta, nunca com o intuito de acusar, de disputar ou de julgar. O objetivo é, sempre, o equilíbrio na satisfação para ambas as partes.”

Observamos que as mulheres que possuem poder de igualdade nas decisões do cotidiano e conseguem estabelecer acordos em que suas necessidades e prioridades são respeitadas sentem-se mais satisfeitas no casamento. Porém, não necessariamente, casamentos em que bases mais tradicionais na divisão dos papéis são propostas significam o fracasso da relação. A discordância na forma como cada membro do casal percebe as relações de poder é que indica tendências maiores à insatisfação conjugal. O conflito ocorre, quando não há concordância na base do poder. Em um casal, em que ambos pensam de forma mais tradicional e concordam com as negociações feitas, a satisfação é tão presente, quanto em casais que concordam com papéis mais igualitários. Em nossos achados, a divergência na concordância, quanto à base de poder vigente em determinada relação conjugal, é que se mostrou influente no grau de ajustamento conjugais.

6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das tomadas de decisão financeira de um casal nos oferece informações importantes sobre as relações de poder, desigualdade e manifestações de individualidade de cada um de seus membros – especialmente, para um casal recém-casado, em que as regras de convivência estão começando a ser delineadas. Tais regras, ao longo do tempo, podem ser transformadas, renegociadas e, até mesmo, substituídas; mas o processo de comunicação e as negociações das decisões do cotidiano estarão sempre presentes na vida conjugal.

Quando estudamos o dinheiro no casamento, estamos lidando com um de seus aspectos mais simbólicos. Conforme discutido ao longo deste trabalho, o dinheiro possui muitos significados, que variam de uma simples conta a ser paga no cotidiano – e que proporciona a manutenção da vida, da moradia e de outros confortos importantes – até grandes demonstrações de afeto ou poder. Seu uso expressa sentimentos e valores aprendidos nas famílias de origem e levados para a vida a dois, muitas vezes, de forma imperceptível racionalmente. Desvendar a forma como cada casal pensa e age diante do dinheiro é conhecer um pouco melhor a dinâmica das relações de poder envolvidas naquela estrutura. Persuadir, barganhar, se posicionar naquilo que é fundamental para si, ceder no que é importante para o outro são comportamentos presentes em todo relacionamento humano, mas, no casamento, vividos mais intensamente.

A maneira como as mulheres, entrevistadas para este trabalho, lidam com seu dinheiro, ganho através de um trabalho remunerado, em muito difere de comportamentos femininos antigos. Ao constatarmos que a maioria delas se diz organizada e, muitas vezes, quem detém todo o controle financeiro do casal, percebemos que a postura da mulher no casamento e na sociedade vem, de fato, assumindo novos contornos. Esse poder de decisão sobre o uso do dinheiro lhe proporciona a oportunidade de experimentar uma individualidade fundamental no casamento, hoje, uma vez que os próprios homens valorizam mais mulheres que trabalham fora de casa. Isso foi dito tanto por elas, quanto encontrado também em pesquisas, como a realizada por Rocha-Coutinho (2001), em que a maioria dos homens ressaltou a entrada da mulher no mercado de trabalho, como promotora de maior

igualdade de direitos e, com isso, as relações se tornam mais interessantes e cheias de trocas de situações vividas no trabalho – coisa que, antes, não acontecia. Até mesmo, no único caso encontrado na nossa pesquisa de uma mulher – Beatriz – que almejava um modelo de casamento mais tradicional, a organização financeira da casa ficava em suas mãos. Por outro lado, Gabriela queixava-se muito da forma como o marido determinava tudo dentro de casa, por deter o controle financeiro. Sua individualidade e preferências ficavam em segundo plano, caso ele não concordasse. Embora dependendo do marido, financeiramente, por não poder contribuir, efetivamente, com mais dinheiro para a casa, sua tolerância em precisar dele era baixíssima. Gabriela se sentia pouco valorizada, na medida em que não conseguia ter acesso a coisas importantes para ela. É notório que todas as entrevistadas concordavam com o fato de que o trabalho da mulher é sua fonte de realização e autonomia.

Baseando-se nestas constatações, estudos como este se mostram extremamente relevantes, por promoverem maiores esclarecimentos sobre as inúmeras diferenças – e semelhanças – que existem entre o uso e o significado do dinheiro para homens e mulheres na atualidade e, com isso, contribuir para um diálogo cada vez mais claro.

Por conta do tempo e do objetivo a que se destinou este trabalho, foi determinada uma amostra relativamente pequena, de apenas 12 mulheres, que pudesse atender à investigação proposta. Novas pesquisas poderiam abranger uma população maior de sujeitos. Igualmente interessante seria investigar tais crenças entre os homens que formam casais com essas mulheres e, desta forma, ter a possibilidade de confrontar opiniões. Com os dois discursos, poderíamos ter mais material, para analisar as relações de poder – imperceptíveis, muitas vezes, para o próprio casal. Além disso, poderia ser interessante estudar o comportamento financeiro de casais em outras regiões do país e comparar os resultados. Desta forma, seria possível observar a variação da construção cultural de valores em diferentes contextos.

Enfim, o estudo do dinheiro no casamento é vastíssimo para a investigação científica e é, a partir de pesquisas como esta, que avançamos no conhecimento das relações humanas. Afinal, pensar o que foi o projeto feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho na década de 60 e encontrar, na atualidade, mulheres que trabalham remuneradamente, almejam a construção de uma carreira profissional sólida, são organizadas com o dinheiro, quando não controlam até o dinheiro do marido, é estar diante de uma mudança efetiva do comportamento feminino.

Somado a tudo isso, propor o estudo do dinheiro no casamento como dissertação de mestrado foi trabalhar um objetivo bastante ousado: ao mesmo tempo em que não encontramos muita literatura nacional – conforme mencionado no início –, também estávamos pisando em um terreno, muitas vezes, considerado tabu, o que nos deixava na dúvida, quanto à aceitação das entrevistas. Podemos dizer, ainda, que existiu um terceiro vértice que não poderia deixar de ser destacado: estávamos investigando um assunto do qual compartilhamos diretamente. Todos nós possuímos nossas crenças e vivências em relação ao dinheiro, tanto quanto comportamentos e sentimentos decorrentes delas. Velho (1981) observa que é inevitável o envolvimento com o objeto de estudo, quando se pesquisa o ser humano, mas ressalta que tal envolvimento não compromete o trabalho. A idéia é tentar-se pôr no lugar do outro e captar suas vivências e experiências particulares, através de um mergulho profundo em seu contexto. Certamente, um grande desafio!

7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, E. S. & cols. "Decision-making power, autonomy, and communication in remarried spouses compared with first-married spouses." In: *Blackwell synergy: family relations*, vol. 50, issue 4, October 2001. pp. 326-334.
- ANDOLFI, M. (org.) **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed Ed, 2002.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara, 1978. 2ª. edição.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. (tradução Artur Mourão) São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BOWEN, M. "A aplicación de la teoría de la familia en la práctica clínica." In: **De la família al indivíduo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Barcelona: editorial Paidós, 1998.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1966.
- BRENNAN, R.; BARNETT, R. & GAREIS, K. "When she earns more than he does: a longitudinal study of dual-earner couples." In: *Journal of Marriage and Family* 63. NCFR printing, 2001. Pg. 168 –182.
- CANZIAN, F. "Homem paga em cash; mulher em jornada." Em: *Revista Família*. São Paulo: Folha de São Paulo. outubro/ 2007.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/revistafamilia/rv0710200714.htm>
- CASTELLS, M. "A era da informação: economia, sociedade e cultura." Em: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Vol.2
- CERBASI, G. **Dinheiro, o segredo de quem tem**. São Paulo: Ed. Gente, 2002.
- _____. **Casais felizes enriquecem juntos**. São Paulo: Ed. Gente, 2004.
- COOPER, S. M. "Historical analysis of the family." In: Sussma, M. B.; Steinmetz, S. K. & Peterson, G. W. **Handbook of marriage and the family**. New York: Plenum Press, 1999.

- CORIA, C. **El dinero en la pareja. Algunas desnudeces sobre el poder.** Buenos Aires: Paidós, 2005.
- CORRALES, R. G. "Power and satisfaction in early marriage." In: Cromwell, R. E. & Olson, D. H. **Power in families.** New York: Sage Publications, 1975.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979.
- FÉRES-CARNEIRO, T. "Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade." Em: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 11 (2), 379-394. 1998.
- _____. "Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal." Em: Féres-Carneiro, T. (org.) **Casamento e família: do social à clínica.** Rio de Janeiro: Nau, 2001. pg. 67-80
- FIGUEIRA, S. **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família brasileira de classe média brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FLECK, A. C. & WAGNER, A. "A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar." Em: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, num. Esp., 2003, pg. 31-38.
- FREYRE, G. "Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida." Em: **Casa grande e senzala.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1992 (31ª. Edição).
- GOLDENBERG, M. & TOSCANO, M. **A revolução das mulheres. Um balanço do feminismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.
- _____. (org.) **Os novos desejos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOTTMAN, J. **Casamentos. Por que alguns dão certo e outros não?** Rio de Janeiro: objetiva, 1998.
- GOTTMAN, J. & DRIVER, J. "Daily marital interactions and positive affect during marital conflict among newlywed couples." In: *Family Process*, Vol. 43, no. 3, 2004.
- HARRIS, M. "Why it's not the same América." In: *Psychology Today*, aug, 1981. pg.22-51.
- HUNT, M. **Sexual Behavior in 1970s.** Chicago: Playboy Press. 1974
- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe. A crise do casamento contemporâneo.** Rio de Janeiro: Agir, 1998. 2ª edição.

- _____, B. “Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências?” Em: Féres-Carneiro, T. (org.) **Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio, 2005
- _____, B. “O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres.” Em: Féres-Carneiro (org). **Família e Casal. Saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MAGALHÃES, A. S. **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo**. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1993.
- MARTÍNEZ, C. D. & COLS. “Parejas, dinero e individualización.” En: *Revista Española de Sociología*, 2002. Pg. 129 – 136.
Fonte: <http://www.fes-web.org/revista/archivos/res02/08.pdf>.
- MCGOLDRICK, M. “A união das famílias através do casamento: o novo casal.” Em: Carter, Betty; McGoldrick & col. **As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1995. 2ª edição. Pg.184 - 205
- MONTEIRO, A. M. “Avanços no estudo da conjugalidade: casais de dupla-carreira.” Em: *Psicologia: Ciência e Profissão*, V.21, n.3, Brasília, set. 2001
- NICOLACI-DA-COSTA, A. “Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre sistemas simbólicos.” Em: Figueira, S. A. (org.). **Cultura da Psicanálise no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. “O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente.” Em: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, no prelo, 2006.
- NICHILLO, M. de. “A crise do casal entre pseudo-reciprocidade e emancipação.” Em: Andolfi, M. (org.) **O casal em crise**. São Paulo: Summus editorial, 1995.
- NOLLER, P. & FITZPATRICK, M. A. “Marital communication in the eighties.” In: Both, A. (org.) *Contemporary Families. Looking Forward, Looking Back*. NCFR, second printing, 1994. p. 42-53.
- PERLIN, G. & DINIZ, G. “Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?” Em: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol.17, n.2, pg.15-29, 2005.
- PILAGALLO, O. **A aventura do dinheiro. Uma crônica da história milenar da moeda**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- PINCUS, L. & DARE, C. **Psicodinâmica da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

RAMIRES, V. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 1997.

RAMOS, M. “Um olhar sobre o masculino – reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade.” Em: M. Goldenberg (Org.), **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RAVEN, B. H.; CENTERS, R. & RODRIGUES, A. “The bases of conjugal power.” In: Cromwell, R. E. & Olson, D. H. **Power in families**. New York: Sage Publications, 1975.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. “Dos contos de fada aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades.” Em: *Psicologia Clínica*, 12 (2), 65-82, 2001.

_____. “Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho.” Em: **Família e Casal. Saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L. & JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2000. 18ª. Edição.

RODRIGUES, A.; BYSTRONI, B. & JABLONSKI, B. “A estrutura do poder conjugal: uma análise de duas culturas em duas épocas.” Em: *Arq. Brasileiro de Psicologia*, v.41, 4, 13-24, 1989.

ROSE, G. M. & ORR, L. M. “Measuring and exploring symbolic money meanings.” In: *Psychology & Marketing*, Vol.24 (9): 743 – 761. September, 2007.

SATIR, V. **Terapia do grupo familiar**. Trad. Achilles Nolli. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. 2ª edição

SILVA, M. C. A. **Inibição do desejo sexual. Um problema feminino**. *Sexus*, 1989. set/ out, 08-12.

ANEXO I: Ficha de cadastro das participantes

1) Idade: _____

2) Casada: juridicamente () morando junto () só no religioso ()

3) Há quanto tempo? _____

4) Situação atual de moradia:

Casa/ apartamento próprio ()

Alugado ()

Na casa dos pais ()

Outras() _____

5) Se o apartamento é próprio: (Responda somente se você marcou esta opção no item anterior).

Compraram juntos ()

Apenas o marido comprou ()

Apenas a esposa comprou ()

Herança de um dos cônjuges dele ()

Herança de um dos cônjuges dela ()

Só os pais dele ajudaram ()

Só os pais dela ajudaram ()

Ambos os pais ajudaram ()

6) Quanto tempo de relacionamento antes do casamento? _____

7) Moraram juntos antes de se casarem? _____

8) Caso sim, por quanto tempo? _____

9) Situação de moradia antes do casamento:

Com os pais ()

Sozinho() Caso marque esta, por quanto tempo? _____

10) E situação do marido: _____

11) Sua profissão: _____

12) E a profissão do seu marido: _____

13) Salário: Fixo/ carteira assinada () Autônomo ()

Outras fontes de renda. () Quais? _____

14) E o do marido: _____

15) Percentual estimado (de 0 a 100%) da sua renda individual em relação à renda familiar: _____

16) Estado civil dos seus pais:

Casado ()

Divorciado () Caso marque esta, seus pais encontram-se num segundo casamento (ou mais)? _____

Viúvo ()

17) E o estado civil dos pais do seu marido: _____**18) Profissão dos seus pais:**

Mãe _____

Pai _____

19) E dos pais dele:

Mãe _____

Pai _____

ANEXO II: Roteiro das entrevistas

- Decisão pelo casamento ou por morar junto
- Diferenças sentidas do namoro para o casamento
- Como conversaram sobre dinheiro
- Como resolvem conflitos
- Divisão das contas
- Administração do dinheiro
- Prioridades e supérfluos
- Comportamento numa dificuldade financeira
- Significado de trabalhar e ganhar dinheiro
- Regime de divisão de bens
- Padrão familiar no uso do dinheiro

ANEXO III: Descrição dos sujeitos²⁶

1) Bruna, 30 anos, 1 ano e 8 meses de casada só no civil, 5 anos e meio de namoro antes do casamento, analista de sistemas, carteira assinada, contribui com 50% da renda familiar, marido engenheiro, carteira assinada.

2) Beatriz, 26 anos, 6 meses de casada no civil e no religioso, 8 anos e 6 meses de namoro antes do casamento, psicóloga, autônoma, contribui com 35% da renda familiar, marido médico, carteira assinada e autônomo.

3) Daniela, 27 anos, 1 ano e 4 meses de casada no civil, 2 anos morando junto antes do casamento, 7 anos de namoro antes de morarem juntos, arquiteta, carteira assinada, contribui com 50% da renda familiar, marido arquiteto, carteira assinada.

4) Carolina, 31 anos, 3 anos de casada no civil e no religioso, 3 anos de namoro antes do casamento, publicitária, carteira assinada, contribui com 25 % da renda familiar, marido economista, carteira assinada.

5) Talita, 26 anos, 2 anos e 3 meses de casada no civil e no religioso, 8 anos de namoro antes do casamento, advogada, autônoma, contribui com 50% da renda familiar, marido engenheiro, carteira assinada.

6) Cláudia, 32 anos, 3 anos de casada no civil e no religioso, 2 anos de namoro antes do casamento, farmacêutica, carteira assinada, contribui com 40% da renda familiar, marido design, autônomo.

7) Rafaela, 34 anos, 2 anos e meio morando junto, 2 anos de namoro antes de morarem juntos, estilista, autônoma, contribui com 40% da renda familiar, marido engenheiro, carteira assinada.

²⁶ Os nomes acima citados são fictícios e foram alterados neste trabalho com o objetivo de preservar a identidade das mulheres entrevistadas.

8) Lúcia, 26 anos, 2 anos e 7 meses morando junto, 5 anos de namoro antes de morarem juntos, psicóloga, autônoma, contribui com 60% da renda familiar, marido instrutor de vôlei, carteira assinada.

9) Alice, 28 anos, 3 anos de casada no civil e no religioso, 9 anos de namoro antes do casamento, psicóloga, autônoma, contribui com 15% da renda familiar, marido economista, carteira assinada.

10) Sabrina, 29 anos, 1 ano e 5 meses casada no civil e no religioso, 5 anos e 4 meses de namoro antes do casamento, design, autônoma, contribui com 30% da renda familiar, marido economista, carteira assinada.

11) Gabriela, 25 anos, 1 ano e 8 meses de casada no civil e no religioso, 8 anos de namoro antes do casamento, fisioterapeuta, autônoma, contribui com 10% da renda familiar, marido médico, autônomo.

12) Juliana, 29 anos, 7 meses morando junto, 1 ano e 3 meses de namoro antes do casamento, jornalista, autônoma, contribui com 30% da renda familiar – incluindo salário e mesada da mãe -, marido administrador, carteira assinada.